

Revista da Semana

Ano XLII : N.º 33

16 de Agosto de 1941

1\$500 em todo o Brasil



IGREJA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — OURO PRETO.

Oleo de M. FARIA.

DE SÃO PAULO



HOMENAGEM A OSWALDO CRUZ

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" prestou significativa homenagem à memória do seu patrono, por transcorrer mais um aniversário do nascimento do grande higienista que saneou o Rio de Janeiro e criou o Instituto Manguinhos. A festa acadêmica foi presidida pelo diretor da Faculdade, prof. Benedicto Montenegro, comparecendo o corpo docente e alunos. Representando os alunos, o sr. João Bellim Burza, 2.º orador do Centro, teceu o panegírico do cientista brasileiro.



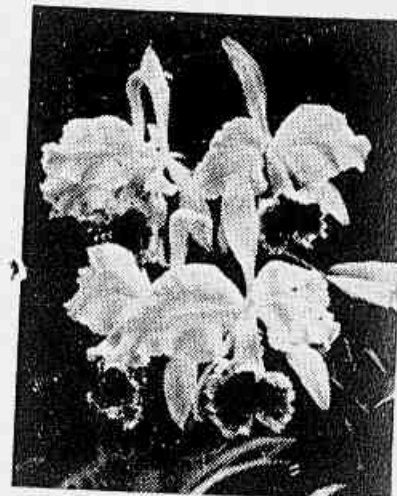
CARAVANA UNIVERSITÁRIA DO RIO

Os alunos de Pedagogia da Faculdade Nacional de Pedagogia fizeram uma excursão cultural a S. Paulo em companhia do prof. Raul Bittencourt e seu assistente dr. Lauro Muller Bueno. Nesta fotografia aparecem todos junto ao monumento da Independência.



SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA --

O dr. Humberto Cerruti, livre docente da Faculdade de Medicina, foi empossado como titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Depois de prestar compromisso s. s. foi saudado pelo dr. Mendonça Cortez. Depois, o prof. Jairo Ramos saudou os médicos paulistas de 1940, tendo o dr. Otávio Nebias agradecido em nome destes.



ORCHIDEA-SCHMIDT

São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697

O maior e melhor sortimento em ORCHIDEAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS!

Peçam catálogo
VISITEM O MEU ORCHIDEÁRIO.
EM PIRAQUARA.



INSTITUTO ROENTGEN

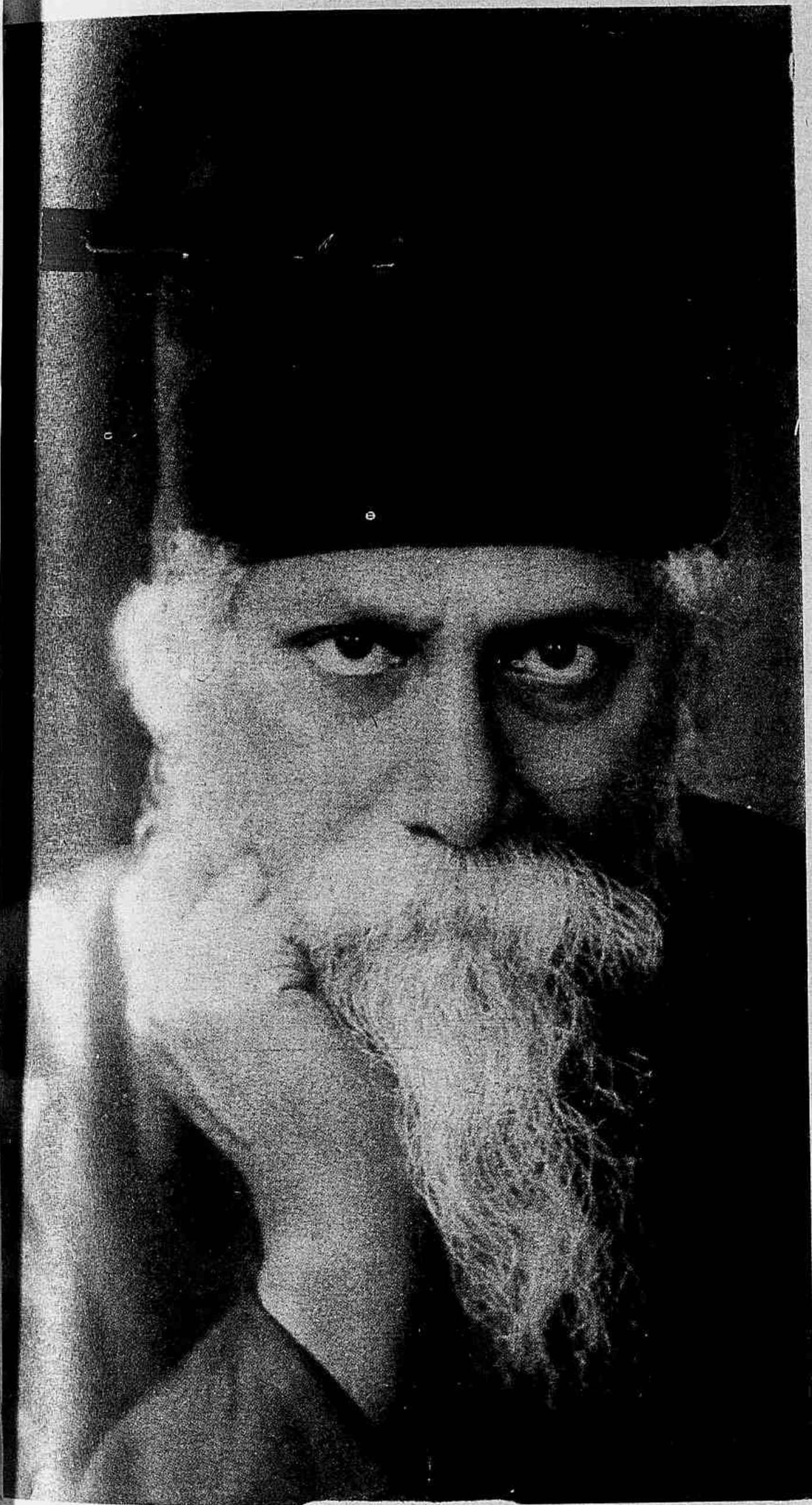
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Selas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —



GALERIA PRESTES MAIA

O sr. Fernando Costa, acompanhado de auxiliares, visitou demoradamente a Galeria Prestes Maia. Refere-se a esse acontecimento a fotografia acima, tomada quando s. excia. se detinha em frente a um dos quadros mais interessantes.

TAGORE



FILOSOFO, ESCRITOR,
POETA e DRAMATURGO

EXTINGUIU-SE para sempre a altisonante voz da Poesia Índia. Rabindranath Thakur cerrou os doces olhos cismadores á luz da vida. Dele bem se pôde dizer que, sózinho, representava a Índia inteira, como o maior dos seus filhos, o seu filósofo incomparável, o seu poeta máximo.

A Índia imensa e exótica, com seus pagodes arrojados e suntuosos e seus rios de águas sagradas, talvez jamais deixasse de ser uma estranha região de lenda se não tivesse tido a voz sonora de Tagore a propagar-lhe a existência, a descrever-lhe as paisagens na harmonia dos poemas, a exaltá-la infinitamente com a sua sabedoria.

Rabindranath nasceu numa corte de marajá, rodeado de fausto, de riquezas, chegando ao mundo com a aristocracia de um principado. A alma do poeta, entretanto, repeliu os esplendores palacianos para integrar-se na massa humana. Trocou a possibilidade de um trono pela santidade de um altar. Porque foi, em verdade, de um altar que pregou ao mundo, derramando em caudaes, tão sagradas hoje como as águas do Ganges, os seus poemas impregnados de misticismo e de nacionalismo.

Trocou os vestes deslumbrantes dos príncipes pela túnica humilde e simbólica dos profetas. E se é possível que tivesse passado anônimo e ignorado com a indumentária entretecida de brocados e pedrarias, é certo que o mundo inteiro o conhecia com as suas vestes simples, singulares e alvissimas, as suas barbas veneráveis, os seus olhos profundos, boiando num infinito de cismas.

Foi com a sua túnica de profeta que enalteceu a Índia, em poemas que teem ás vezes a doçura das preces e que ecoaram tanto como se fossem sermões pregados das culminancias vertiginosas do Himalaia.

Rabindranath Tagore teve um émulo que lhe sobrevive: Gandhi. Em ambos cintilava a chama sagrada da liberdade, em um através das palavras, em outro através das atitudes. Idênticos nesse sentimento, isolá-los rigida linha divisória, porque Tagore jamais saiu do seu intenso misticismo, incapaz de gestos de violência que não se coadunam com o alma dos poetas.

Dizem que Tagore também foi músico e pintor. O Brasil, que o hospedou, não lhe conhece uma obra musical nem uma tela. A música e a pintura vivem, porém, na bagagem literária do super-homem da Índia, em que sobram harmonias e paisagens.

Seu gênio não se atestou apenas através da poesia, porque ele foi autor de novelas e de contos, de dramas e de páginas históricas. Encheu com a sua personalidade excepcional a vida índia, por oito lustros do século XIX e oito lustros do nosso século. Seus oitenta anos de existência significam centurias de glória literária.

POR

Estevão Figueira

O tribunal consagrador que imortaliza as figuras gigantescas do universo através do Prêmio Nobel de Literatura foi galardoá-lo na sua Índia distante, em 1913, exaltando o «Gitanjali», a sua Oferenda Lírica, para coroá-lo de louros, mais luminosos que as gemas que faiscam nos turbantes dos marajás e semelhantes ao halo que circunda a cabeça predestinada dos santos.

Tagore, sir do Império Britânico, correu mundo, viu terras várias, embebeu o olhar contemplativo em costumes e aspectos, paisagens e cousas diferentes. Mas o seu olhar ficou imutável, pregado na fascinação da sua gente, da sua terra, razão de ser da sua poesia original e sugestiva.

É possível que a Índia contasse, no seu acervo de cultura, outras figuras de poetas. Se as teve, tragou-as o turbilhão, porque Tagore foi tão grande que absorveu todas as manifestações menores, tamanho que aniquilou com a sua imponência os pequeninos. Só ele avultou no cenário ciscangético, porque sózinho encheu todos os séculos da literatura índia. Nascera quasi máximo, por convenção, fez-se máximo á sua custa. O que o berço lhe teria dado, trocou pelo que o cérebro lhe daria. De potentado eventual, num pequenino pedaço de terra, transformou-se no maior potentado da nação inteira.

Tinha de ser grande por destino.

E foi. A sua túnica branca, arremedo da alva dos religiosos e dos condenados, era um farrapo imaculado e dignificador que estarecia as castas todas da Índia. Quando a passeava através das multidões, devia sentir a impressão de que desdobrava uma via-látea visível e palpável, uma romagem de luz, uma estrada curta e serena para o Nirvana. Foi, por isso, um ídolo. Foi, por isso, uma creatura com caráter de sobrenatural. Uma espécie de santo a errar pela terra. Brahma reincarnado — um quasi deus.

Morreu! A Índia inteira vestiu-se de luto, certa de que terá de viver séculos até que surja um novo Tagore que a cante, que a divulgue, que a enalteça, que diga que ela existe, através da única manifestação de existência, que é o gênio.

Digam, depois, que os poetas são inúteis! Foi um poeta, foi esse Poeta, que ensinou ao mundo a universalidade do talento e da cultura. Foi esse Poeta que atestou a vida num trecho da Ásia onde todos supunham viver apenas o remanescente dos párias, infimos e desclassificados. Foi através do ritmo que o mundo soube que a Índia ainda era capaz de afirmar-se como potência cerebral...

E para tanto foi preciso que um homem nascesse numa corte, abandonasse as prerrogativas aristocráticas, pisasse os tecidos custosos e as pedrarias raras, vestisse uma túnica branca, empunhasse uma lira, cantasse, sentisse a dignidade de ser patriota, mergulhasse no Infinito, toucasse de louros os cabelos de neve, e — acima de tudo — tivesse a sensação, ao morrer, de que deixara de ser Príncipe para ser Rei!

A jovem e amável dona da casa tinha-se retirado, com fina discreção, para nos deixar conversar algum tempo, sozinhos.

O nosso camarada Willy não ponde conter o entusiasmo:

— Meu velho, como pudeste encontrar tão deliciosa criatura?

O nosso anfitrião, André Fernie, sorriu de puro júbilo:

— Eu lhes digo... respondeu. — Nenhum homem imaginava como o seu destino se poderá decidir independentemente da sua vontade nem como um simples acaso ou até um equívoco o poderá levar por imprevisíveis caminhos que, graças a Deus, nem sempre são maus... A este respeito, alguma coisa posso dizer, por experiência própria. E ficarão sabendo como eu, graças à minha esposa, me tornei o homem mais feliz do mundo.

Vocês me conhecem bastante para saber que sempre fui um pobre diabo sem método na vida e sem o menor cuidado quanto ao futuro. Realmente os meus contos, crônicas e outros trabalhos ligeiros eram publicados e razoavelmente pagos; nem por isso, no entanto, eu pensava em produzir obra mais elevada e de maior fôlego. Não tinha família, quero dizer: parentes próximos vivos, a não ser um velho tio materno, industrial, solteirão obstinado, um pouco maníaco e com o auxílio do qual não podia absolutamente contar.

Calculam de certo a minha surpresa quando, uma noite, êsse tio se dignou de me visitar na minha modesta morada. Entrou, acomodou-se numa poltrona e, sem me deixar matutar quanto ao objeto da sua visita, foi declarando

— Escuta, rapaz... Venho fazer-te uma proposta. Espero que nessa idade tenhas tomado algum juízo a que, por consequência, a aceitarás.

Fiz um gesto de afirmação ou assentimento e êle prosseguiu:

— Um velho amigo meu, grande negociante, tem uma filha. A maior alegria que êsse homem poderia gozar será de casar a moça com alguém que a pudesse fazer feliz. A isso, porém, se opõem duas circunstâncias terríveis: em primeiro lugar, a moça não é nada bonita; em segundo o pai é, como quasi todos os homens de dinheiro, extremamente desconfiado. Todos os pretendentes se lhe afiguram caçadores de dotes. Ora, há dias êle me falou a respeito disso e imediatamente pensei em ti. Sei que, no fundo, és um rapaz de bons sentimentos, como sei que, na escolha de noiva, não podes ser muito exigente. ... Casa com essa moça e

PELO TELEFONE

eu te darei cinco mil dolares, fora o que, naturalmente, te hei de legar; a noiva com certeza te há de trazer, de dote, quantia dez vezes superior; e quanto à fortuna que teu sogro te deixará...

Sem perder tempo em reflexões, atalhei:

— Aceito. Quando é que o senhor me apresentará a essa moça?

— Não vás com tanta sede ao pote! Insisto em te observar que a filha do meu amigo não é propriamente uma beleza. Mas também não é feia de meter medo. E estou certo de que, quando a conheças de perto, nela descobrirás preciosas virtudes. Na minha opinião, o melhor que tens a fazer, para começar... Nesta tua pensão deve haver telefone, não?

— Há, sim, senhor.

— Podes então entabolar conversa com a tua futura noiva da maneira mais discreta. Com um pouco de lábia, conseguirás inspirar-lhe simpatia e obter que fale contigo todos os dias pelo telefone. Estou certo de que assim te convencerás das excelentes qualidades da moça, como inteligência, caráter, sentimento; e quando, mais tarde, eu te apresentar lá em casa, talvez até, refletindo bem, agradeças ao destino não te haver reservado propriamente uma Venus.

Não me ocorreu dizer outra coisa senão que agradecia a meu tio, de todo o coração.

— Bom: pois amanhã, por volta do meio dia chama-a ao telefone. Número setecentos, quatorze. Não esqueças.

No dia seguinte, à hora aprazada, disquei. Segundos depois, uma fresca, doce voz feminina me atendeu:

— Pronto!

— Quem fala?

— Setecentos e quatorze. E aí, quem fala?

— Sou o sobrinho do sr. Simpson.

— Não tenho o prazer de o conhecer, declarou ela, rindo.

— Também eu não gozo da fortuna de a conhecer pessoalmente... foi justamente para isso que tomei a liberdade de a chamar ao telefone.



CORDIALIDADE SULACAPIANA

Agape oferecido pelos inspetores da Capitalização, ao sr. João Nolasco de Carvalho, em regozijo pelo "record" de produção da referida agencia. Vê-se na photo ladeando o homenageado, que se vê assinalado, à esquerda, a contar do primeiro plano, os inspetores Ewald Ballalai, e J. Mario Gentiluomo. A' direita, Oscar Silva, Nobrega da Silveira e Alberto de Carvalho.



UMA NOVA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Uma nova e proveitosa indústria vem de ser instalada nesta capital, tendo sido feita há dias sua apresentação à imprensa carioca. Trata-se das "Confecções Fernandes e Chaves S/A", cujo ramo de atividades será o fornecimento, em larga escala, ao alto comércio, de vestidos confeccionados de passeio e esporte, a preços acessíveis às consumidoras de todas as classes sociais. Os diretores do estabelecimento, srs. Alvaro Chaves e Adriano Gonçalves Fernandes, são aliás pessoas antigas no ramo, participando também da direção da Confecção Gávea S/A. Nos seus escritórios, à rua Teófilo Otoni 39, 1.º andar, as "Confecções Fernandes e Chaves S/A", receberam as visitas dos varejistas do ramo, entre os quais a nova indústria vem sendo acolhida com simpatia. A foto acima é de um grupo de jornalistas e diretores do estabelecimento recém-inaugurado.



CANDIDO PORTINARI

Antes de embarcar para os Estados Unidos da America do Norte, onde vai executar diversos trabalhos, o pintor Candido Portinari foi homenageado pelo dr. Lourival Fontes, diretor geral do Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda, com um banquete no Jockey Club, ao qual compareceram, além da senhora Adalgiza Nery Fontes, os srs. embaixador Caffery, ministro Gustavo Capanema, altas autoridades, escritores, jornalistas, etc.



CONTO DE ANTON BRUCK

— Ah, sim? E como sabe que tenho tempo e vontade de o escutar?
— Para o que preciso de lhe dizer, senhorita, terá tempo de sobra; e quanto à vontade...

— Como se chama o senhor?

— André Fernie. Posso perguntar-lhe o seu nome?

— Ana.

— Para mim, é o mais lindo nome dêste mundo. Vou chamá-la sempre.

— E que entende o senhor por sempre? Todos os dias?

— Sim, todos os dias... pelo menos!

— Pelo que vejo, não lhe falta audácia.

— No entanto, verá como, na sua presença, todo eu serei timidez...

No dia seguinte, chamei-a de novo e tive a satisfação de notar que a moça acudia, pressurosa, ao aparelho. Sentia-me estranhamente feliz e só de vez em quando me lembrava das palavras de meu tio: "A moça nada tem de bonita"...

Deus do céu, seria possível que aquela Ana, tão alegre, de voz tão límpida e insinuante, fosse propriamente feia?

Um belo dia, entendi que não precisava da intervenção nem tampouco da permissão de meu tio para me encontrar com ela. Não teríamos direito a resolver isso por nós mesmos? Assim pensando, lhe pedi a primeira entrevista. E prontamente ela acedeu. Combinámos bem o lugar e a hora; e, para não haver dúvida, decidiu-se que Ana traria um ramo de violetas na mão.

Confesso que me dirigi, bastante apreensivo e nervoso, para o ponto onde o nosso destino se ia resolver. Agora, o aviso de meu tio não me saía do pensamento. Si ela realmente tivesse uma figura destituída de toda a graça, toda a simpatia?

Não a esperei mais de dois ou três minutos. E vi chegar uma criatura de peregrina beleza, de olhos azuis como o céu, cabelos louros como o sol — e com o ramo de violetas na mão. Um bom momento ficámos imóveis, calados um diante do outro.

— Não pode imaginar, Ana, como me sinto contente, venturoso. Tinham me dito que não era nada bonita...

— Tinham lhe dito... Quem?

— Meu tio Simpson.

A bem-amada olhou-me de modo estranho, como si não compreendesse o que ouvira. Falámos, porém, doutras coisas, principalmente de nós mesmos. E não nos separámos, está claro, sem haver combinado outra entrevista.

Na manhã seguinte, cedíssimo, batiam à porta dos meus aposentos. Meu tio. E vinha positivamente indignado.

— Então, mariola? Foi assim que seguiste os meus conselhos? Há quinze dias a filha do meu amigo espera que a chames ao telefone...

— Como assim, si lhe tenho telefonado todos os dias?

— A Clara?

— Clara, não; Ana.

— Ana! Que Ana vem a ser essa?

— A moça do telefone que o senhor me indicou: setecentos e quatorze.

— Mas, idiota, que foste fazer? O número que te dei não foi o setecentos e quatorze e sim o setecentos, quatorze. Sete, zero, zero, risco, um, quatro. Percebeste agora?

Olhei-o espantadamente, mas acabei declarando:

— Bom, meu tio, afinal não tive culpa. Qualquer outro se poderia ter enganado. E quiz a minha boa estrela que o setecentos e quatorze me puzesse em comunicação com a mais adorável criatura, à qual, segundo as instruções que o senhor me deu, fiz a cômte e consegui agradar. Agora, paciência. Não posso voltar atrás nem o senhor de certo pensará em me abandonar!

O velhote continuava meio emburrado, de despeito.

— Será, ao menos, rica essa tal Ana?

— Não sei... respondi com toda a calma... Mas as qualidades morais não podem ser melhores — e era dessas qualidades que o senhor fazia mais questão. Além disso, com os cinco mil dolares que o senhor não deixará de me dar...

Que havia meu tio de fazer? Não tinha remédio senão aceitar o facto consumado. E foi assim, meus amigos, que encontrei uma companheira maravilhosa... e a felicidade.

FIGURAS E FACTOS

QUANDO A VITÓRIA RÉGIA ADORMECE

Neste aspecto vemos parte da assistência que compareceu à Associação dos Artistas Brasileiros, na noite que o jornalista Jacy Rego Barros estudou lendas amazônicas sob o tema "Quando a Vitória Régia Adormece". Não somente a conferência foi interessante, como se realizaram ilustrações musicais com o concurso da pianista Ana Candida Gomide, da cantora Maria Sílvia Pinto e da poetisa Mercedes Silveira. Ao alto: o sr. Jacy Rego Barros quando explicava a beleza e o interesse das lendas amazônicas, que na sua quasi totalidade são ainda desconhecidas pelos brasileiros.

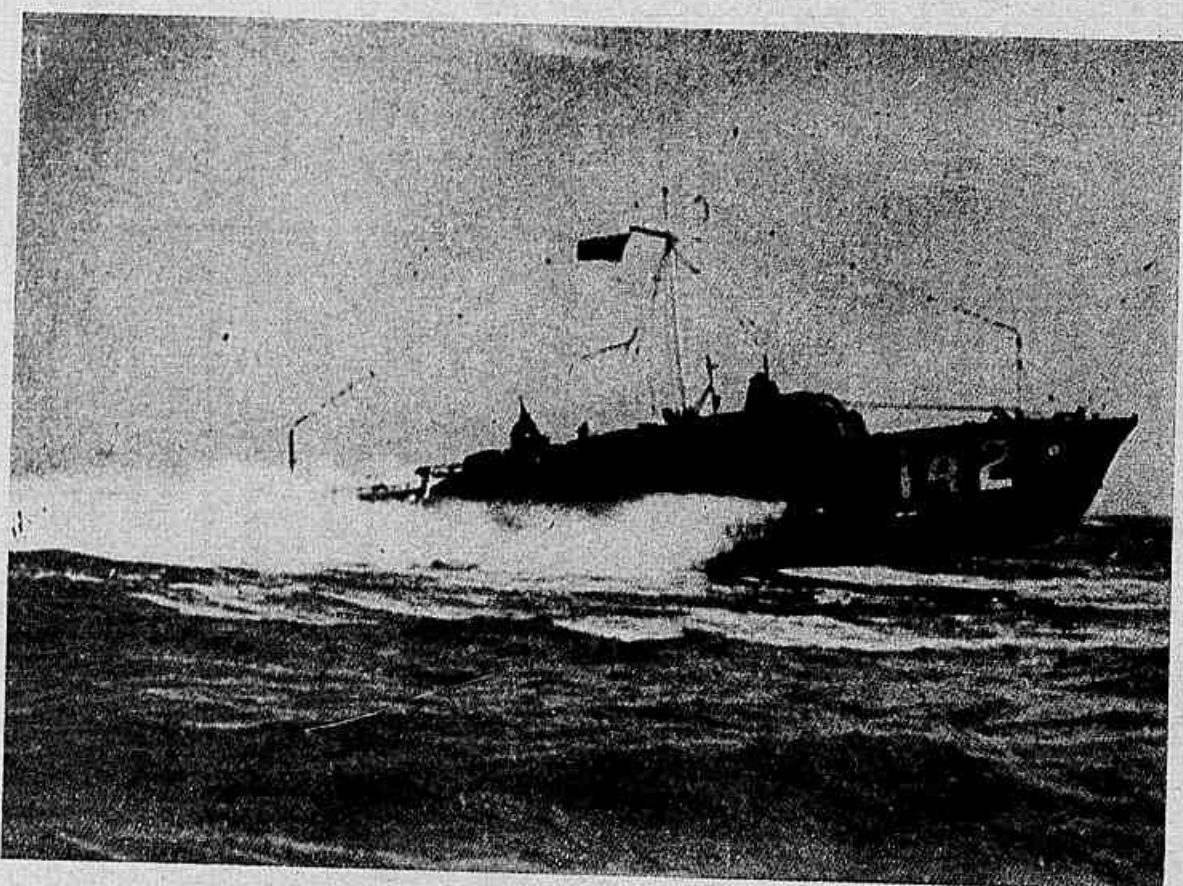


NO AÉRO CLUB DO BRASIL

No Aéro Club do Brasil realizou-se com solenidade a cerimônia da posse de seu novo presidente, tenente-coronel João Dias Costa. O flag ante acima foi tirado na nova sede do Aéro Club e nos mostra parte das pessoas presentes, inclusive o novo e o antigo presidente. Ao lado, aspecto tomado no momento em que falava o tenente-coronel João Dias Costa.

(Continúa na pag. 51).

COMO SÃO SALVOS OS



O serviço de salvamento é efetuado por lanchas modernas e devidamente aparelhadas. Vemos aqui uma dessas embarcações seguindo para sua missão: salvar tripulantes de quaisquer aviões, amigos ou inimigos.

A IRMÃ VOVOZINHA



A Irmã Lesourd entre as crianças do Externato São José, que fundou e foi a alegria de sua maternidade pelo coração.

Morreu, a 16 de Julho p/p, a Irmã Lesourd, Superiora do hospital de São João Batista da Lagôa.

Viveu cerca de oitenta anos, dos quais 57 inteiramente consagrados à sua missão religiosa de enfermeira, vindo moça de sua bela e doce França, e aqui, pelo espaço de 15 anos, foi, depois da Irmã Paula, que, nonagenária, ainda lhe sobrevive, a mais estupenda operária de Cristo, pela extrema abnegação de O servir amando e socorrendo o próximo.

Veiu para o Brasil em 1890, aportando em Pernambuco, onde ficou até 1902, passando a servir, com o nome musical de irmã Cecília, na Santa Casa de Misericórdia desta cidade, até Agosto de 1917; foi então transferida para o hospital onde foi Superiora, trabalhou 20 anos a fio e santa, docemente, morreu a 16 de Julho, três dias antes do em que, em 1576, veio à luz em Landes, perto de Dax, São Vicente de Paulo, o mestre da bondade perfeita, o mais santo dos franceses, aquele que formou a instituição sublime das Irmãs de Caridade, da qual foi ela uma rosa do coração da França, fundou o primeiro estabelecimento para socorrer as crianças abandonadas, a *Salpêtrière* e outras façanhas angelicais.

Na Misericórdia, atendeu desveladamente a amareletos e outros enfermos de molestias contagiosas, como formiga de Deus, trabalhando de dia e noite, e, no São João Batista, meses depois, com a calamidade da gripe de 1918, travou, heroína de Cristo, uma das maiores batalhas da caridade.

Quando do ultimo surto epidêmico da febre amarela, rápida e radicalmente jugulado por Clementino Fraga, digno e grande discípulo de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, continuador do sábio e santo de Manguinhos e do sábio e apóstolo que lhe sucedeu, a Irmã Lesourd, vendo, no ambulatório do hospital, o jardineiro do Recolhimento de Santa Teresa, o olha com ternura e o observa com a sua experiência, fazendo desde logo o diagnóstico do caso: tratava-se de um amarelo, o que o médico, ao seu aviso e prescrição, confirma, fazendo-o remover para o Hospital de São Sebastião, onde, após, 72 horas, vem a falecer.

No hospital, de que era Superiora, tornou-se idolo dos médicos, enfermeiros e doentes, como alma de um combate incessante pela vida dos pobres e desgraçados, fada de sua saúde, coragem de suas esperanças, alívio de suas dores e angustias, bálsamo de sua agonia e suprema piedade na sua morte, tanto lhes zelando pelo corpo como pela alma, arvorada em irmã-vovozinha de todos os doentes, foi ela um dos maiores milagres da bondade, humana em sua ação e divina em seus efeitos.

Mas não lhe bastava esse trabalho já de si árduo e excessivo, qual o de administrar um hospital, com o amor de mãe vocacional e energias de campeã de todas as proezas do coração ao serviço da Fé — e fundou, fronteiro ao mesmo pio estabelecimento, a rua da Passagem, o Externato São José, onde, aos poucos, foi aumentando a sua matrícula a ponto de alcançar um numero consideravel, pois a mais de 600 crianças, de ambos os sexos, ministrava instrução primária e religiosa.

Era de vê-la todas as manhãs, distribuindo sôpa á meninada, que, em sua maioria, pela sua pobreza pungente, talvez só recebesse por dia essa refeição; e, para que não sobressaísse a miséria das mais pobrezinhas, fornecia a todas as crianças, como uniforme, um aventalzinho pardo. E quanta alegria se espelhava em seu rosto velhinho, onde até as rugas riam, quando, com o seu hábito azul e a sua *cornette* branca, se encontrava rodeada delas, sorrindo-lhes, na mais efusiva beatitude.

No dia de São José, padroeiro de seu educandário, foi ela alvo de uma tocante e candida homenagem: já era precário o seu estado e, recebida a extrema unção, desfilaram, um a um, todos os alunos, ante seus olhos, e a todos agradecia, comovidamente, com um sorriso, que já lhe era mais do céu que deste mundo.

Antes de morrer, formulou o seu ultimo e serafico desejo: que as flores, que lhe fossem enviadas, as espalhassem sobre o seu cadáver as mãos das criancinhas. E assim foi feito.

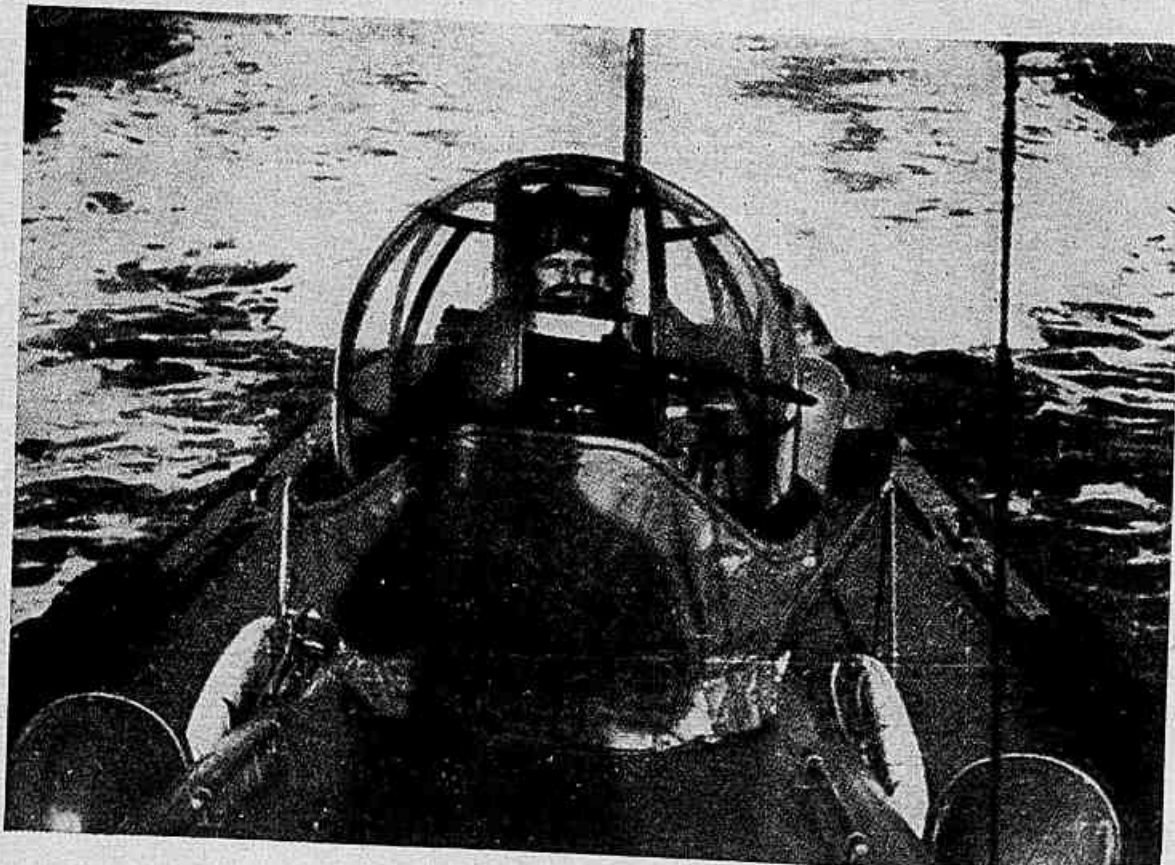
A morte da Irmã Lesourd produziu tamanha consternação que muitas famílias do bairro tomaram luto, como se deplorassem a perda de um parente bem chegado. Sua memória será sempre abençoada, como um dos mais belos exemplos da bondade feminina e da caridade cristã.

S. de N.

A guerra cruel e implodosa, terrível e desumana, ainda não conseguiu, felizmente, matar de todo o espírito de amizade e mútuo auxílio existente no homem. No meio das batalhas que se travam incessantemente na Europa, entre batalhões e corpos militares destinados à destruição e à morte, há um grupo de soldados humildes e abnegados cujo destino generoso é unicamente o de salvar vidas de outros homens. Mesmo à custa dos maiores sacrifícios, mesmo se arriscando a morrer — pois a incompreensão do homem na hora do ódio faz com que procure matar até o seu semelhante que realiza uma tarefa de bondade e altruísmo — eles devem arrancar das ondas do mar ameaçador e profundo os pilotos que tombam, sejam amigos ou inimigos.



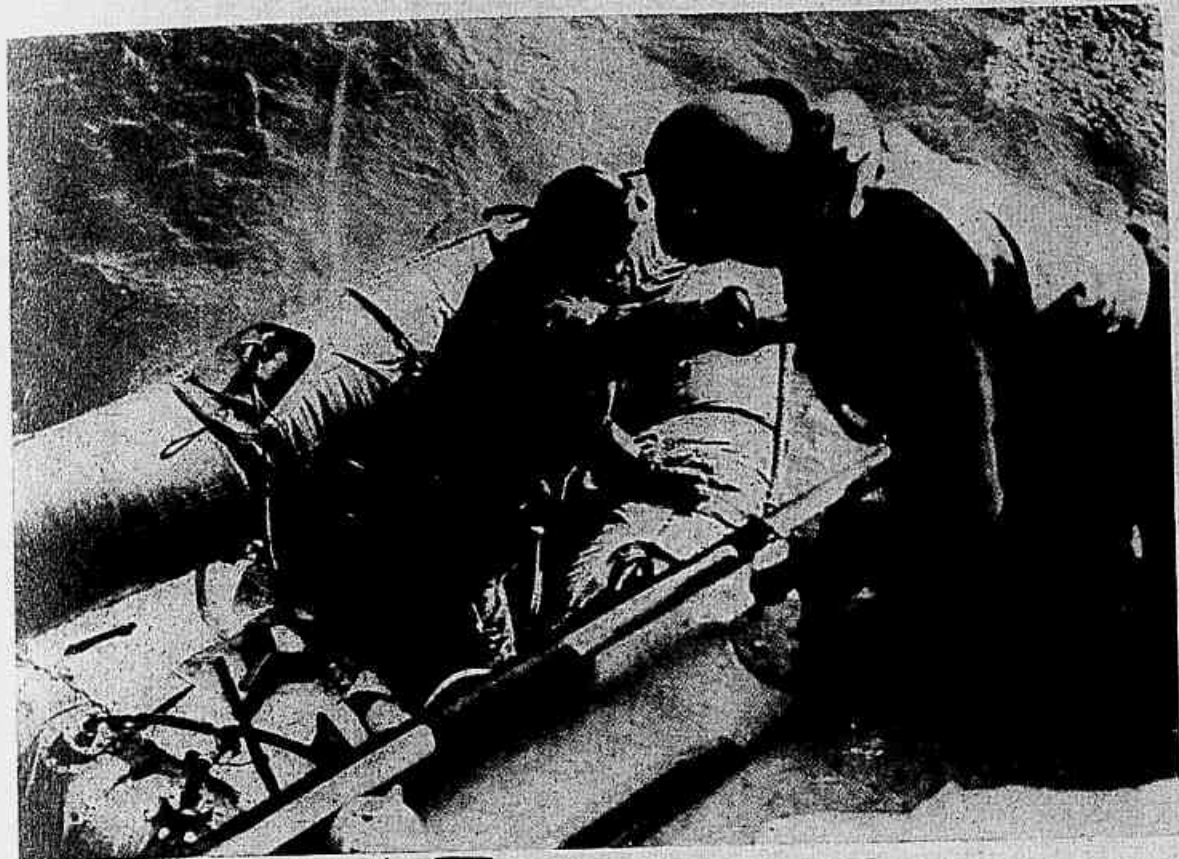
Em seu gabinete de trabalho, o capitão determina meticulosamente o ponto em que deve ser encontrado o piloto que saltou sobre o mar. Tendo-se em conta a direção do vento, que pode afastar o paraquedas em determinado sentido, e as correntes marinhas, pode determinar-se esse ponto com surpreendente precisão.



As lanchas de salvamento são armadas, e, na sua missão de colher os pilotos que se atiram ao mar, enfrentam o inimigo dispostas a cumprir a sua tarefa ou a perecer.

PILOTOS QUE CAEM NO MAR

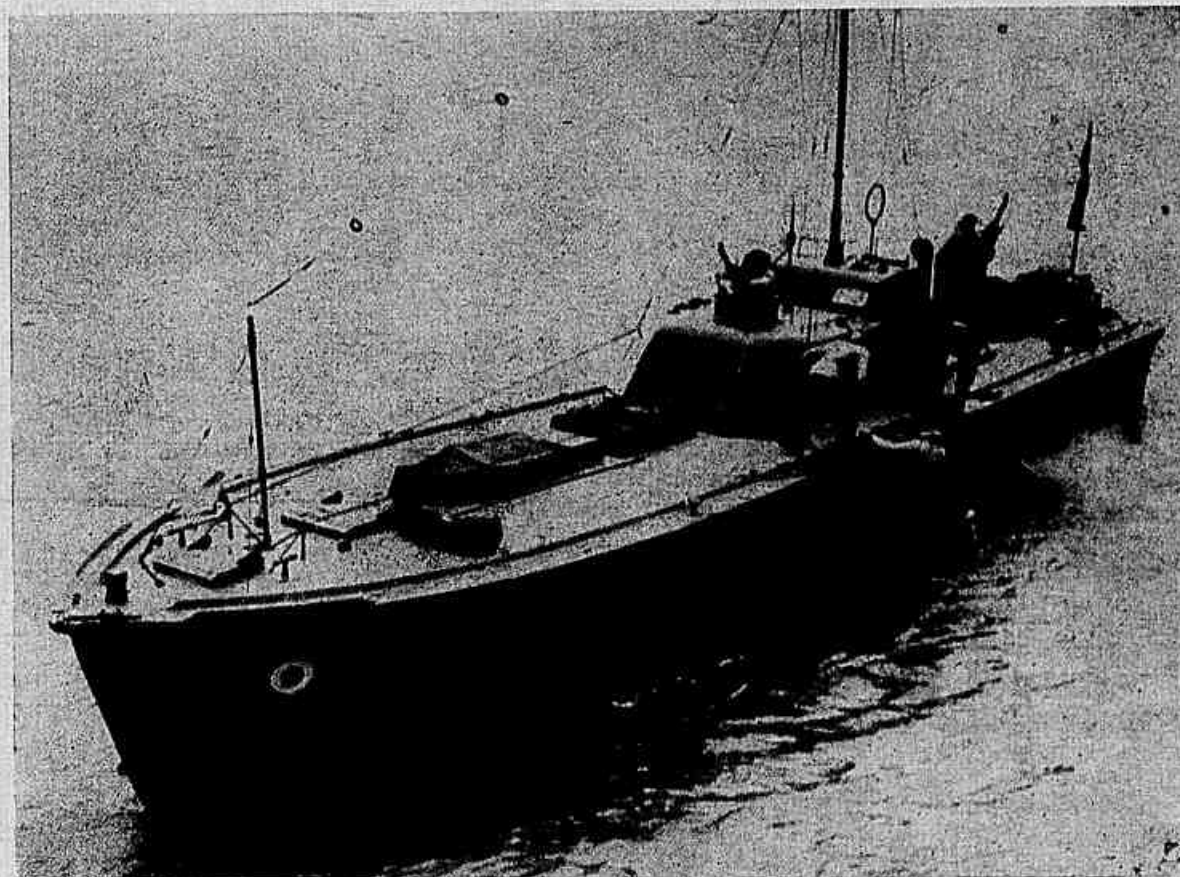
Esse curioso serviço, do qual muitos ignoram a existência, faz parte da Royal Air Force e chama-se "Air Sea Reserve Service"; suas possantes lanchas estão sempre em comunicação rádio-telegráfica com o posto central da R. A. F. e com as bases navais inglesas. Qualquer avião que comunique pelo T. S. F. não poder alcançar terra devido ao estado do aparelho que o forçara a atirar-se na água, será possivelmente salvo pelo corpo militar mais curioso desta guerra.



O avião que viu o seu aparelho em chamas e certamente anteviu a morte não poucas vezes durante o salto terrificante para o desconhecido, sente-se como que ressuscitado ao subir para a lancha nos braços dos amigos. Não raramente, porém, o destino lhe reserva para o fim a mais cruel de todas as provas: ser colhido pelo inimigo, que lhe estende a mão num gesto irônico, certo de que merecerá um constrangido agradecimento.



Os pilotos cujos aviões são derrubados sobre o mar utilizam pequenos barcos de borracha, enquanto aguardam o aparecimento providencial de uma lancha do serviço de salvamento. Naturalmente, há sérias e angustiantes possibilidades dessa lancha não aparecer.



Vemos aqui o salvamento de um piloto, efetuado com auxílio de uma rede apropriada. Os artilheiros da lancha ficam em prontidão enquanto os tripulantes se entregam ao seu árduo mistério. Os aviadores feridos merecem especiais cuidados.

"DIREITO SINDICAL E CORPORATIVO"
— M. Cavalcante de Carvalho (Ed. A. Coelho Branco).

Em "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", que mereceu acolhimento entusiástico dos meios jurídicos, o autor de "Direito Sindical e Corporativo, evidenciará, de par com sua reconhecida cultura especializada, um discernimento excepcionalmente justo na doutrina e na prática da jurisprudência nova entre nós e ainda interesse apaixonado por esse domínio.

Com o trabalho que ora aparece, ele realizou obra de grande envergadura, sistematizando, pela primeira vez, em nosso país, o direito sindical e o direito corporativo. Aí não se encontra apenas uma discriminação e explicação cuidadosa da matéria, mas verdadeiro trabalho de criação, assinalado na sistematização doutrinária da matéria, e na disposição metódica da mesma. Versando a sistematização doutrinária e a teoria do sindicalismo, o autor o faz comparativamente com as mais modernas correntes universais da matéria, o que imprime a esse capítulo

singular solidez. A seguir, trata do direito sindical e corporativo, organização sindical corporativa, evolução de legislação sindical brasileira, sindicalismo, organização profissional, corporativismo, sindicatos, associações profissionais, personalidade jurídica sindical, direito privado das associações profissionais, finanças, responsabilidade, enquadramento, controle sindicais. Esses pontos são, entre tantos outros, versados com erudição e esplêndida interpretação pessoal.

A largueza, o método, o sentido explicativo de "Direito Sindical e Corporativo", de Cavalcante de Carvalho, fazem dessa obra um verdadeiro tratado da matéria.

(De "A Noite", do Rio).



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
APR. PELA CENSA. SANTY. N. 06-1-1

Sempre usei...

PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE

E GRAÇAS A' ESTE EXCELENTE DENTIFRÍCIO

MEUS DENTES SÃO VERDADEIRAS JOIAS!

INDÚSTRIA BRASILEIRA

lapajó

Cultura Artística



O violoncelista Mario Camerini.

Joseph Battista, que venceu um concurso de piano nos Estados Unidos, diante de um júri composto de Isidor Philipp, Olga Samaroff, Stokowski, Mieczyslaw Munz, professores eminentes, e do crítico Olin Downes, acha-se entre nós, gozando as vantagens do "Prêmio Guiomar Novais", instituído há pouco pela insigne artista brasileira.

Joseph Battista foi-nos apresentado, em primeira mão, pela Cultura Artística, instituição que se esforça por dar aos seus associados audições de qualidade. O Prêmio Guiomar Novais foi instituído visando estabelecer uma nova corrente de intercâmbio entre a mocidade brasileira e a norte-americana. Embora jovem, Joseph Battista já estivera diante de outro júri severíssimo, quando da escolha do pianista da nova geração que deveria tocar o segundo concerto de Rachmaninoff, para piano e orquestra, sob a direção de Eugen Ormandy e diante de numeroso público. Pouco depois da obtenção desse prêmio, Joseph Battista obteve o Prêmio Guiomar Novais, ambicionado por centenas de jovens americanos, que desejam conhecer o Brasil.

No número anterior da "Revista da Semana" comentamos o Côro da Universidade de Yale, tendo pouco antes nos referido ao American Ballet e, no ano passado, à Orquestra da Juventude Americana, trazida por Stokowski. Joseph Battista é mais um reforço ao nosso ponto de vista. Dissemos que o ensino musical na América do Norte é perfeito. E continuamos a ter razões de sobra para reafirmá-lo. Até agora nos referimos à música de conjunto, que é a mais difícil. Se os americanos progrediram nesse ramo, por certo estarão muito adiantados na música individual. Este jovem, que nos visita após ter conseguido o primeiro lugar no difícil concurso ao Prêmio Guiomar Novais, é prova evidente, não bastassem as demonstrações coletivas, anteriormente citadas. Apresentando-nos um programa assás difícil, Joseph Battista é ouvido como se fôra um pianista consagrado. Naturalmente não afirmamos que tenha executado impecavelmente os clássicos, coisa só conseguida por artistas amadurecidos. Mas, em compensação, deu-nos um Chopin admirável. Nas obras modernas, Battista excedeu a expectativa.

Dotado de excelente técnica e fino gosto, Battista mostrou-nos ser digno do prêmio que conquistou.

Se o pianista a ser enviado pelo Brasil corresponder em tudo ao que ouvimos na noite de 28 de Julho, o nosso país estará magnificamente representado.

Esperamos que haja rigor na seleção e que os membros do júri não esqueçam que vão escolher um pianista que tocará para a pátria moderna da Orquestra Sinfônica e da música, em todas as suas modalidades.

ESCOLA NACIONAL DE MUSICA

Ouvimos o pianista brasileiro Arnaldo Estrela, no 8.º concerto da série oficial da Escola Nacional de Música.

Estrela executou Brahms, Chopin, Camargo Guarnieri, Brasília Itiberê, Vila-Lobos, Debussy e Granados. Foi um belo recital. Tanto a escolha das obras como a sua execução colocaram o talentoso pianista em grande destaque. Embora o piano da Escola não concorresse para a excelência das execuções, pois, além de muito

duro, possui uma sonoridade gritante e desagradável; Estrela, com o seu belo touch, sua perfeita aplicação dos pedais, e sobretudo com a limpidez com que tocou as passagens mais rápidas e difíceis, conseguiu dominar o grande público que enchia o Salão Leopoldo Miguez, tendo consentido em dar alguns extras.

De há muito que não ouvíamos Estrela, principalmente num recital completo. Ficamos deveras encantados e satisfeitos por ver que os pianistas brasileiros de primeira linha começam a surgir. Estrela é um artista que honra a arte pianística brasileira.

Aproveitamos a oportunidade para enviar-lhe efusivos parabéns.

CONCERTO ERNANI BRAGA

Realizou-se no auditório da Associação Brasileira de Imprensa um concerto de obras do compositor brasileiro Ernani Braga, com o concurso dos artistas: Alice Ribeiro (canto), Leônidas Autuori (violino) e de um conjunto vocal composto de quatorze senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade.

Na primeira parte ouvimos: *Cinco Canções folclóricas*, harmonizadas por Ernani Braga e interpretadas pelo *coro feminino*, com acompanhamentos ao piano por Leonora Gondin. Na segunda parte: Três momentos musicais e Brejeirices (variações sobre um tema de Ernesto Nazareth), para piano solo, pelo autor. Na terceira parte: a cantora Alice Ribeiro apresentou-nos seis canções intituladas: *Manhã, Poema, Prenda Minha* (do folclore do Rio Grande do Sul). *Cada vez que eu considero* (do folclore do Rio Grande do Sul). *O' Kimimba* (cântico religioso de macumba — Pernambuco), Desafio nordestino (dos "cantadores" de Leonardo Mota, harmonizado por Ernani Braga). Na quarta parte, Leônidas Autuori, violinista que há já bastante tempo não ouvíamos, tocou: *Na Lagoa Sombria* e a suite *Boi Surubi*, acompanhado ao piano pelo autor. Para terminar, o *coro feminino* cantou mais *Cinco Canções Gauchas*, harmonizadas por Ernani Braga, intituladas: *Saudades do Gaúcho, Boi Barroso, Velha Gaita, O Cravo, Meia-Canha*, ainda acompanhado pela jovem pianista Leonora Gondin. O concerto transcorreu num ambiente de inteira cordialidade, tendo a generalidade das obras do programa agradado sobremaneira. Foram dados vários extras. O maestro Ernani Braga mereceu muitos cumprimentos de seus colegas e admiradores. Igual home-

nagem coube aos intérpretes solistas, bem como ao côro feminino.

11.º CONCERTO OFICIAL

O professor Mário Camerini deu, no dia 11, um recital de violoncelo, em cujo programa figuraram obras de Vivaldi, Caix D'Hervelois, Boccherini, Frescobaldi, Raul Bazelaire, Florent Schmitt, Manoel de Falla, José Siqueira, G. Cassadá, Mário Camerini e W. Jeral.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos por Mário de Azevedo.

Este concerto era esperado com grande ansiedade e fez parte integrante da série oficial da Escola Nacional de Música.

A ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA NO FLUMINENSE

Comemorando o seu 39.º aniversário de fundação, o Fluminense F. C. fez realizar para os seus associados um grande concerto pela Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do eminente maestro Eugen Szenkar.

No programa constaram as seguintes obras: V Sinfonia de Beethoven; Os prelúdios do 1.º e 3.º atos da Ópera Lohengrin, de Wagner; a Aria da 4.ª corda de Bach; Cantos dos Bosques de Viena, de J. Strauss e a Protófia do Guarani, de Carlos Gomes. A Orquestra Sinfônica Brasileira e o maestro Szenkar estavam num dos seus melhores dias.

A execução de todas as obras, notadamente da V Sinfonia, foi perfeita, difícil mesmo de ser igualada. O grande público, que enchia quase completamente o Ginásio onde se efetuou o concerto, fremia de entusiasmo a tal ponto que houve necessidade de se executar mais uma música.

Foi então escolhida a Alvorada do Escravo, de Carlos Gomes, para atender aos insistentes pedidos da assistência que gritava entusiasmo pela execução da imortal página do nosso grande operista. O sucesso desse concerto foi tão grande que a diretoria do Fluminense projeta realizar duas vezes por mês concertos sinfônicos para os seus associados. Se essa idéia se efetivar, o Fluminense terá posto em prática uma de suas maiores realizações no domínio do espírito e da cultura.

José Siqueira

"UMA FAZENDA DE CAFÉ NO TEMPO DO IMPÉRIO"

O Departamento Nacional do Café fez traduzir e publicou em folheto um capítulo do excelente livro de Herbert Smith — "Brazil — The Amazons and Coast". Trata-se de um estudo sobre "Uma fazenda de café no tempo do Império", feito pelo sábio americano nas vésperas da abolição da escravatura no Brasil.

As páginas de Herbert Smith não tem o fulgor literário dos grandes livros de viagens, mas trazem o cunho das boas reportagens, tais as informações que registram. Estão neste caso as observações sobre o regime de trabalho escravo, as descrições do maquinário existente na fazenda de café que o autor percorreu memoravelmente, os métodos de cultura cafeeira de então, a crítica ao sistema tributário do Império, as apreciações sobre os primeiros passos da Estrada de Ferro D. Pedro Segundo, hoje Central do Brasil, bem como da União e Indústria, idealizada e realizada pelo gênio de Mariano Procópio.

"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM
É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.

PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO

Novo... CREME
Desodorante que Detém
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico 9\$500 Tamanho pequeno 4\$800

ORIGEM DE PALAVRAS E TERMOS

Koh-I-Noor — Koh-I-Noor é o nome dum dos maiores brilhantes do mundo. Pertence atualmente à coroa dos reis da Inglaterra, mas pertenceu antes a um rei de Lahore, que o tinha recebido do Grande Mogol.

Esta palavra é indiana e sua significação exata é "montanha de luz": sem dúvida é um pouco exagerada, mas no entanto bem acuada e bastante poética.

Santos e Efemérides da Semana

16 *São Roque.* — De uma família nobre de Montpellier, onde nasceu em 1295, deu todos seus bens aos pobres por morte de seus pais e tomou o hábito de peregrino. Declarando-se a peste na Itália, para aí foi e realizou numerosas curas. De regresso a Montpellier, foi tomado por espião e metido na prisão, onde morreu após 5 anos de cativeiro, em 1327. E' muitas vezes representado acompanhado de um cão.

— *Venerável Cecilia de Palermo.* — Filha de pais cristãos de origem moura, tomou muito jovem o hábito da ordem terceira dos Mínimos e distinguiu-se por sua infinita caridade e incansável dedicação.

— Nasce em Sêro (Minas) João Evangelista Negreiros de Saão Lobato, visconde de Sabará, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1817). — Falece no Rio o senador Paula e Souza, que foi presidente do Conselho de Ministros (1851). — Falece Manoel Moreira de Castro, diretor do "Jornal do Comércio" (1860). — Falece no Rio Cipriano José Veloso, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1861). — Falece no Rio o general Manuel Felizardo de Souza e Melo, senador do Império e ministro da Guerra (1866). — Falece no Rio Manoel de Jesus Valdetaro, Visconde de Valdetaro, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1897).

17 *São Mamede.* — Ficando órfão muito cedo, foi educado por uma viúva de família nobre que, ao morrer, lhe legou sua fortuna. Denunciado então como cristão, foi martirizado em Cesaréa, em 275. Entregaram-n'o ás feras no anfiteatro, mas os leões e os ursos iam deitar-se diante dele e lambe-lhe os pés. Diante dessa cena, realizaram-se numerosas conversões e os seus algozes se apressaram em matá-lo, enterando-lhe um forcado no ventre.

— *Santa Germana.* — Virgem cristã, supliciada no Egito em razão de sua fé em Jesus Cristo.

— Nasce em Mariana (Minas) Francisco de Paula Pereira Duarte, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1784). — Nasce em Piedade, depois Rio Claro (E. do Rio) Fagundes Varela, um dos grandes poetas do Brasil, patrono da cadeira 11 da Academia Brasileira, cujo centenário ora se comemora (1841). — Falece na Inglaterra Manuel Odorico Mendes, publicista maranhense, tradutor de Virgílio (1864). — Falece o senador Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, marquês de Itanhaen, que foi, depois de José Bonifácio, tutor de D. Pedro II (1867). — Falece no Rio Franklin Távora, literato de fama, patrono da cadeira 14 da Academia Brasileira (1888).

18 *São Floro e São Lauro.* — Irmãos gêmeos, cantores na Ilíria, os quais, denunciados como cristãos, com seus patrões Próculo e Máximo, foram torturados e afogados em um pôco, no século II.

— *Santa Helena.* — Espôsa de Constantino Cloro e mãe do imperador Constantino, abraçou a religião cristã após alguns atos de selvageria de que fôra testemunha. Fez uma peregrinação de expiação aos lugares Santos e, tendo mandado proceder a excavação no Calvário, encontrou a Verdadeira Cruz. Deve-se-lhe a construção do Santo Sepulcro, da Igreja de Bethlem e da do Monte das Oliveiras (século V).

— E' creada a Guarda Nacional (1831). — O general Cunha Matos e o cônego Januário da Cunha Barbosa propõem na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional a criação de um Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que se instalou a 21 de Outubro seguinte (1838). — Falece no Rio José Antônio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas, ministro de Estado e senador do Império (1893).

19 *São Donato.* — Nascido em Orléans por volta de 460, retirou-se cedo para a solidão. Ouvira uma voz que lhe dizia: "Sáia da pátria, deixe a família e vá para a terra que eu indicar". Partiu e parou na montanha de Lure. Fixou-se nessa região e aí morreu, com a idade de setenta e dois anos, após uma vida de recolhimento e austeridade.

— *Santa Tecla da Palestina.* — Virgem de Cesaréa, presa no reinado de Diocleciano, no começo do século IV, e exposta ás feras no anfiteatro.

— Nasce no Recife Joaquim Nabuco, diplomata, historiador, político, figura de relêvo, do abolicionismo, membro da Academia Brasileira (1849). — Falece no Rio Agostinho Marques Perdigão Malheiros, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1860).

20 *São Bernardo.* — Nascido em 1091 em Fontaine-les-Dijon, entrou para a ordem de Cîteaux com 30 de seus amigos. Reformou essa comunidade, cujos religiosos tomaram o nome de *Bernardos*. Foi o primeiro abade de Clairvaux (1115) e morreu em 1143. Foi proclamado por Pio VIII doutor da Igreja Universal.

— *Venerável Margarida d'Ypres.* — Jovem virgem de Flandres, morta prematuramente, que deu, durante sua curta vida, o exemplo de todas as virtudes cristãs. (1216-1237).

— Nasce no Recife Bernardo José da Gama, visconde de Goyana, ministro de Estado (1782). — Falece no Rio Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, senador e ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1878). — Falece em Ouro-Preto (Minas) Joaquim Caetano da Silva Guimarães, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1896). — Falece no Rio Alcindo Guanabara,

grande jornalista, político, membro da Academia Brasileira (1918).

21 *São Sidonio Apolinário.* — Nascido em Lyon em 430, fez estudos sérios e não tardou a tornar-se célebre pelos panegíricos que fez do imperador Avito. Consagrou-se depois, particularmente, ao estudo da Escritura e foi sagrado bispo de Clermont em 471. Deixou grande número de epístolas em prosa e vários trabalhos notáveis, em verso.

— *Santa Joana de Chantal.* — Nascida em 1572 em Dijon, enviuvou cedo e fez voto de consagrar a Deus todo o resto da vida. Trabalhou, sob a direção de S. Francisco de Sales, na fundação da ordem da Visitação. Após a morte do Santo, reuniu seus escritos, fundou novas casas e morreu numa delas, em Moulins, em 1641.

— Nasce em Pernambuco Antônio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque, visconde de Albuquerque, senador e onze vezes ministro de Estado (1792). — Nasce no Piauí João Lustosa da Cunha Paranaguá, senador, ministro de Estado, 2.º marquês de Paranaguá, presidente do Instituto Histórico (1821). — Nasce no Pará Ambrósio Leitão da Cunha, barão

de Mamoré, senador e ministro de Estado (1821). — Falece no Rio Luis Carlos de Paiva Teixeira, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1886). — Falece no Rio Vitor Viana, jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira (1937).

22 *São Sinforiano.* — Nascido em Autun, sofreu o martírio por não ter querido prosternar-se diante da estátua de Cibele, e foi decapitado em 22 de Agosto de 202, sob as vistas de sua mãe, que lhe gritava: "Meu filho, meu querido filho, tem coragem, lembra-te que Deus existe!" Seu corajoso exemplo foi sinal de grande número de conversões e suplícios.

— *Bemaventurada Clara Maria da Paixão.* — Virgem portuguesa, da ordem terceira de S. Francisco, que foi modelo de todas as virtudes cristãs.

— Nasce no R. G. do Sul Davi José Martins, depois Davi Canabarro, um dos chefes da revolução dos Farrapos (1793). — Falece no Rio Martins Júnior, poeta, orador, político, membro da Academia Brasileira (1904).

TERRENOS



Prospetos e Informações:

COMP. IMOBILIARIA SANTA CRUZ
Av. RIO BRANCO, 108 - 13º andar
FONE: 22-6752
RIO

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama
Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas **Pillulas CARTERS** para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contidas são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as **Pillulas CARTERS** para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000.

ORIGEM DE PALAVRAS E TERMOS

"Garoto" (gauim). Esta palavra era empregada, no começo do século XIX, na linguagem baixa, mal considerada. Foi Victor Hugo que lhe deu entrada na língua literária. Tendo-o feito conciente e voluntariamente e tendo-se mesmo gabado.

A primeira vez que a palavra **Garoto** figurou na literatura foi no **Claudio Gueux** (Claudio indigente) que apareceu em 1834. Foi nesta época uma espécie de escândalo! Bem diferente agora, —esta palavra é usada correntemente, até as jovens chamam seus namorados "o meu garoto" e os pais aos seus filhos. É um termo que perdeu seu sentido pejorativo.

Para
**SENTIR-SE
BEM...**



e ter
**ASPECTO
SAUDAVEL**

peça auxilio do
TONICO BAYER,
que enriquece o
sangue e fortifica
o organismo.

Vendido
em vidros
de dois
tamanhos



Tonifique-se com

**TONICO
BAYER**

tonico poderoso
de sabor delicioso

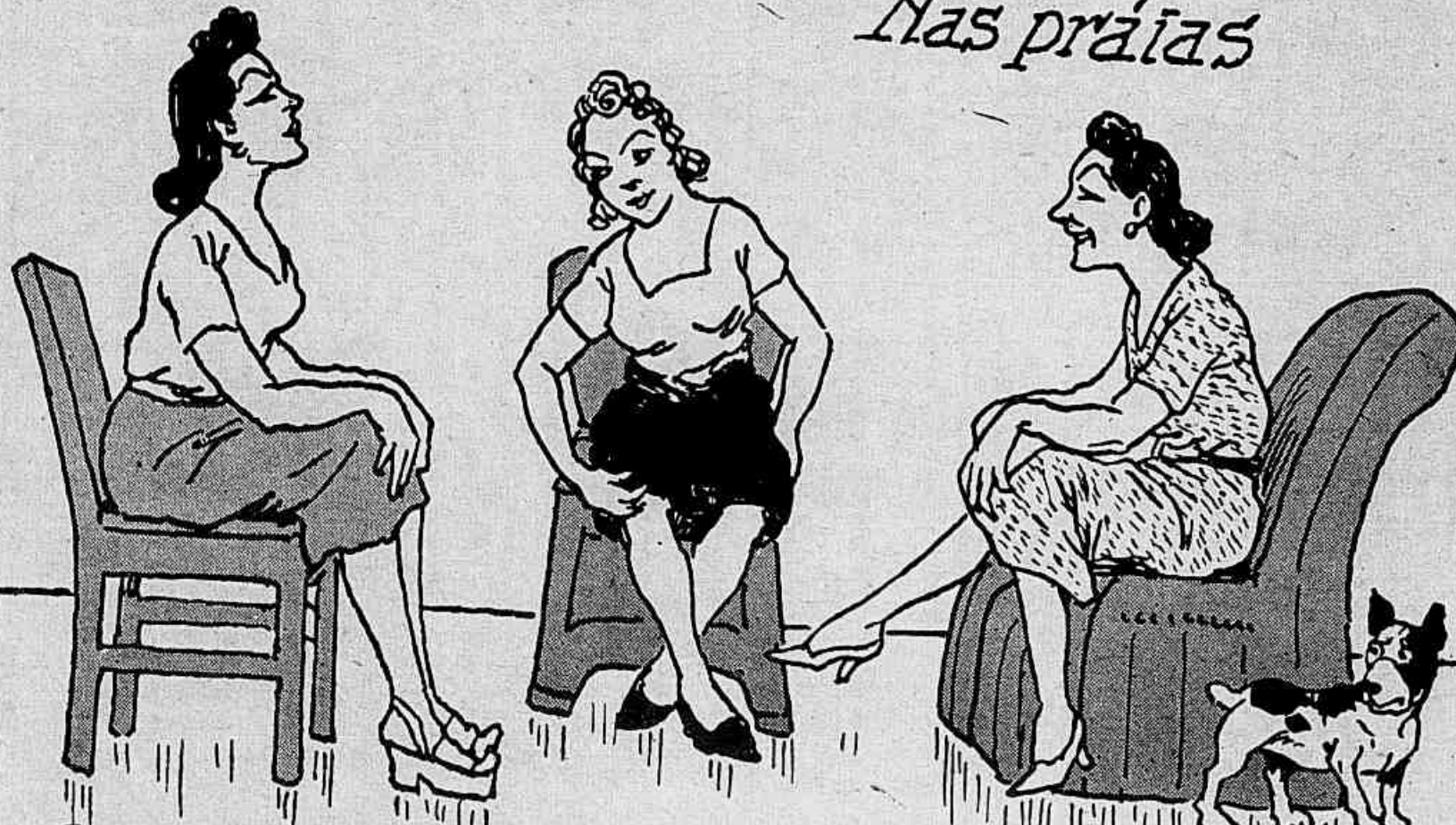
AS GÂMBIAS



Nas ruas



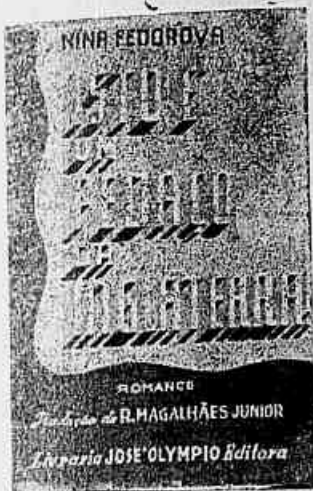
Nas praias



Nos lugares de pouca importancia...

PAUL

LIVROS NOVOS



ISTO É UM PEDAÇO DA INGLATERRA, romance de Nina Fedorova, tradução de R. Magalhães Júnior. — Livraria José Olympio, Editora, Rio de Janeiro, 1941.

Trata-se duma família de russos brancos refugiada na posseção inglesa de Tien-tsin, na China. Na casa de cômodos com que ela se estabelece hospedam-se indivíduos de várias nacionalidades e dos tipos mais diversos, como moral, mentalidade e costumes. São figuras tão vivas e distintas que parecem tiradas do natural, como fotografias, e depois retocadas para se lhes dar a feição de arte e a expressão criadora. A ação decorre no começo da guerra sino-japonesa, em 1937. Na sua pobreza e obscuridade, a família — protagonista assume extraordinário relevo, sustentando lutas, passando por transe dos mais sensacionais. Depois, a sorte, o destino vai separando aquelas criaturas e encaminhando umas para o bom êxito outras para a catástrofe. E alguma coisa de simbólico envolve o caráter, o sentimento, a vida daquela gente, fazendo que vejamos nela

um resumo da humanidade.

Romance deveras cativante e boa tradução do sr. R. Magalhães Junior.

JOAQUIM FONTES — O JARDINEIRO E AS ROSAS DO BRASIL — São Paulo, 1941.

Foi este livro organizado evidentemente pelo escritor Epiteto Fontes, para honrar e fazer perdurar a memória de seu pai. Mas outro qualquer homem de letras poderia ter promovido tal homenagem com a mesma convicção, o mesmo sentimento de justiça.



Joaquim Martins Fontes da Silva, magistrado e poeta, dedicou-se com extremos de inteligência e de sentimento à cultura das rosas. Na sua vida de retidão e de bondade, de pensamento e de beleza, aquele amor surgiu como um complemento, um epílogo ideal. Ali se concentraram as tendências dum espírito que muito refletira e muito empreendera no sentido da perfeição. Dos seus numerosos biógrafos, nenhum deixa de lhe assinalar a probidade estreme — o fundo moral inatingível e intransigente, a par duma generosidade afectiva das que se não limitam em amar os homens, vão a todos os seres, todas as formas vivas da natureza. De certo para tornar essa tendência mais eficaz, é que ele a fez convergir para um objeto único. De dispersa que andava, repartindo-se indefinidamente, passou a concentrar-se no culto científico e estético das rosas. Joaquim Fontes tornou-se, na cidade de Tietê, o mais sapiente e mais devotado dos rosologistas brasileiros. Assim o atestam naturalistas, jornalistas, poetas. O *Correio da Manhã* chamou-lhe "O amigo das rosas", Silvio de Almeida "O felicitelro "O amigo das rosas", Silvio de Almeida "O felicitelro

das rosas", Silveira Bueno "O taumaturgo das rosas". Realmente ele as conhecia e sabia lidar com elas a ponto de realizar com os seus consórcios e os seus híbridos variantes que são verdadeiros prodígios de cor, feição e aroma.

Por obter uma rosa nova, qualquer homem se tornará um benemérito. Que dizer de Joaquim Fontes, que no seu roseiral paulista, criou mais de duzentas e cinquenta?

formando um ambiente realmente trágico, trágico até no sentido teatral, porque só na morte tal caso tem solução. E o mais angustioso, o que constitui a maior razão do infortunio de Bigger Thomas é não se poder ali concluir quem, entre pretos e brancos, realmente tem razão.

O romance é, na sua maior parte, dialogado, o que torna a leitura mais ligeira e movimentada através dos tremendos lances do enredo. Quanto à tradução, dada na capa como do sr. Monteiro Lobato, não deve ser do punho desse homem de letras. Houve engano de certo. Abrindo-se o volume ao acaso, como agora fazemos, encontram-se nas primeiras páginas a seguir, expressões deste jaez: "Largue de mim, para ver... — Melhor que eu a ajude, disse ele... — Estás dormindo? Ouvi você mover-se... Saiu para fora... sentar-se ali e comer e não preocupar-se... Consumir com aquela bolsa... Não ter-se-ia esquecido doutras coisas?... — Ele me faz sentir (em vez de "me trata" provavelmente) como uma cachorra... — Falou que era tempo de você casar-se... Na presença de sua mãe, irmão e irmã..."

Como se admitirem tais cínicas ou tais desleixos da parte do eminente escritor?

J. L.

CULTURA POLITICA — Temos sobre a mesa o n.º 5 de Cultura Política, revista mensal de estudos brasileiros.

De aspecto material interessante, este novo mensário nacional traz, na edição em apreço, uma série de trabalhos importantes, subscritos por intelectuais de real valor e técnicos de renome.

Abre o número um artigo do diretor de Cultura Política, sr. Almir de Andrade, sobre "Os grandes traços da Constituição de 10 de Novembro de 1937"; Olavo Oliveira e Julio Pires escreveram, respectivamente, sobre "O Estado Novo e o seu Presidente" e "Getúlio Vargas e o Teatro"; Monte Araes trata de "O Município na Constituição de 10 de Novembro"; Murilo Araújo debateu o tema "A Nação em suas instintos de Vida"; Sergio Marinho estudou "As forças armadas e sua definição constitucional"; R. Magalhães Junior deu um artigo sobre "Teatro" e Anibal Fernandes preocupou-se com "A defesa do patrimônio histórico de Pernambuco".

O problema da siderurgia — viga mestra da economia nacional — constitui matéria de um estudo assinado pelo sr. José da Rocha Lagôa.

Além desses, muitos outros trabalhos valiosos — todos dedicados a assuntos nacionais — enchem as 327 páginas de *Cultura Política*, revista de intelectuais de todas as regiões em que se divide o território pátrio.



FILHO NATIVO, romance de Richard Wright, tradução de Monteiro Lobato, Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1914.

É um romance de Chicago, mas não rigorosamente de gangsters. O autor tomou um tipo de criminoso, tirando-o do meio onde se exercitara em ladroíces baratas e tímido banditismo. Resolvido, embora sem grande convicção, a trabalhar, o protagonista se vê logo, por desgraça, compelido, obrigado por assim dizer, a praticar um assassinato. E esse delito, de que ele se poderia, em parte, justificar se fosse homem branco, irremediavelmente o perde, porque é negro. Sim, apesar de todas as campanhas e todas as propagandas, por mais que se esforcem sociólogos e filantropos em pregar a igualdade de todos os homens, a qualquer propósito, sob qualquer pretexto o ódio tradicional se reacende e as duas raças se mostram irreconciliáveis. Eis o que sobretudo justifica neste livro o sub-título *Tragedia dum negro americano*. A perseguição de todos os brancos àquele homem de cor, a violência implacável das acusações pelo que praticou, e a tendência, a raiva de se lhe atribuírem atos, atrocidades em que ele nem sequer pensou, a rede de hostilidade e de maldições que o envolve, o manietado e o amordaçado tornando-o, apesar dos esforços excepcionais do seu advogado, um pobre diabo sem meio de defesa — tudo isso vai progressivamente

Narciso Azul

de GALLY

Eterniza os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO
PEQUENO Nº 1504
GRANDE Nº 1517

LOÇÃO
Nº 1575
Nº 1576

COLONIA
1 Lit. Nº 1531 1/4 Lit. Nº 1533
1/2 Lit. Nº 1532 1/8 Lit. Nº 1534

Nº 1533 - F
Nº 1534 - F

BRILHANTINA
Nº 1512

PO Nº 1550

A VENDA EM TODO O BRASIL

"Estrela da Manhã", Diamante Fatidico

○ CARREIRO JOAQUIM LOPES vinha matutando, pensando na sua vida, tão cheia de dificuldades. Todos viviam com folga, somente ele continuava a passar dificuldades naquele pedaço de terra, feliz para todo o mundo. O boi do carro parecia compreender o soliloquio do dono e encomendava para o seu lado os olhos mansos e amortecidos. A terra, encharcada pelas chuvas, dificultava mais o avanço do pesado carro de lenha, que parecia gemer no guincho das rodas quando o boi retesava os músculos para tirar o veículo do atoleiro.

— Eh... Malhado... Epa... epa... ai... i... i...
○ animal compreendeu o estímulo do dono, fez um ultimo esforço e transpôs o obstáculo. Lopes largou o varapau, sacando do bolso o rôlo de fumo, canivete e palha, sentou-se no chão e dispôs-se a tirar umas tragadas. Vinha de muito longe com a carga. Olhou ao redor, o lugar que era tão movimentado, há bem pouco tempo, agora parecia um cemiterio. Nem viva alma. Fora, entretanto, pouso de muita gente que tirara o pé da miséria... A febre do diamante tinha ido tremer em outras bandas da zona afamada e o descampado agora, manchado a esmo com os restos deixados pela inconstancia dos garimpos, atestava em sua nudez o latejar de vida dos outros tempos. Restos de ranchos, com o adobe vermelho esborado, quais chagas a sangrar, aqui um monte de lixo, ali um caco de panela no borralho; tudo parecia falar no silêncio do abandono.

○ homem é o unico animal que deixa o rastro emporcalhado. Feito o cigarro, verificou Lopes ter esquecido a pedra de fazer fôgo. Mordeu o palha no canto da boca e levantou-se para procurar uma pedra apropriada. De monte em monte de cascalho abandonado foi até um que lhe pareceu conter o que precisava; abaixou-se e começou a catar com todo o cuidado. Em poucos momentos achou o que queria e voltou ao seu lugar, lançando uma olhadela ao Malhado, a ruminar preguiço-

posto, já agora, a defender com unhas e dentes o achado, garantia de um futuro melhor e mais folgado. Passou a andar com cautela; parecia-lhe que de um momento para outro poderia ser despojado de tanta riqueza. Marchava com todo o cuidado e antes de entrar no povoado, com a garganta a arder por causa de tantas emoções, abeirou-se de um corego para matar a sede. Assim que sorveu o primeiro gôlo ouviu uma detonação e sentiu o chamusco da bala na orelha esquerda. Ligeiro como gamo perseguiu um vulto que se esgueirava por um milharal. Sacou da arma e percutiu o gatilho, vendo então claramente um homem a correr desabaladamente pela verêda proxima. Parou e visou com mais precisão o homem que ganhava distancia, o tiro foi certo e o fugitivo baqueou de bruços, mordendo a terra. O carreiro não se aproximou logo, podia ser um ardil e o homem estar fingindo de morto. Esperou uns segundos, e, pé ante pé, pela esquerda, pois o individuo ainda conservava na dextra um "cano longo" foi se chegando. O desconhecido jazia, largado, numa pôga de sangue. Com a ponta da alpercata apoiada na ilharga do morto virou-o de um golpe, para ver quem era e ficou pasmo — era o falso compadre José Antonio. Não perdeu tempo. Arrastou o cadáver para dentro da mata, procurando disfarçá-lo com folhas e terra e saiu dali a toda pressa.

○ diamante causara a primeira desgraça. Joaquim Lopes conseguiu com o "Afonso da venda" o dinheiro da lenha fornecida, explicando que teria de ir a São Paulo, disse á mulher que fosse encontra-lo em Campo Grande e partiu em seguida para essa cidade da Noroeste do Brasil. Não encontrando em Campo Grande quem o orientasse e temendo a ação da Policia, abalou para São Paulo. Ali foi procurado por um capangueiro (comprador de diamante), que estava na sua pista desde Mato-Grosso. Depois de muito "bate-boca", vendeu a pedra por trezentos e cinquenta contos.



samente. Ao tentar tirar fôgo e logo ao primeiro golpe, a terra aderente ao seixo se desprende, mostrando brilho opaco leitoso. O carreiro apurou a vista desconfiado e verificou, através da sujeira, um certo brilho, como de vidro. Pensou imediatamente num diamante e a sua comção foi tão grande que quasi deixa a pedra cair, com o coração aos saltos. Seria mesmo diamante, Santo Deus?!... Levantou-se inquieto, com as carnes a tremer por dentro, como se tivesse maleita e tomando do ferrão tocou incontinenti para casa. Mal chegou explicou á mulher o que acontecera e partiu á procura do compadre José Antonio, homem pratico de garimpos e habituado a avaliar diamantes. José não pdeu esconder o assombro olhando peça tão rara, era quasi do tamanho de um ovo de pomba, de boa agua e a lapidação conservaria todo o seu valor. O matreiro sertanejo conteve a tempo a exclamação, prestes a lhe sair da boca, e, dominando a gagueira produzida pela emoção, disse para o carreiro:

— Qual o que, é um "buzo" qualquer... não vale mais que uns dez mil réis. Lopes percebeu a atrapalhação e palidez do amigo e também fingindo indiferença perguntou displicentemente:

— E, se fosse diamante, quanto valia?
— Tira o tento daí homem, respondeu o outro, se fosse diamante ia assim para uns quatrocentos contos e isso não é para nós, perseguidos pelo azar... Joaquim Lopes não quis ouvir mais, colocou a pedra no bolso da calça de riscado e saiu. Estava quasi seguro que a pedra achada era realmente um diamante de valor. Foi se recordando da fisionomia do compadre, da sua gagueira e tremura e não pdeu deixar de voltar instintivamente a cabeça para olhar para trás — lá estava á porta o José Antonio, de olhos esgaseados, procurando seguir os seus movimentos. Insensivelmente apalhou a ilharga, onde trazia o revolver 38, companheiro inseparavel de quem anda por aquelas bandas. Estava dis-

○ fim do carreiro foi triste, assassinado por um camarada, depois de perder os ultimos tostões no jogo e nos bordéis.

Era a segunda vitima do diamante.

Foi parar a cobiçada pedra nas mãos de um intermediario de grande casa do Rio, homem de vida folgada. De então em diante, teve tal atrazo na sua vida comercial que, supersticioso como todos os compradores de diamantes, passou-a adiante, com grande prejuizo. Hoje vive como empregado de hotel, pobre e maltrapilho. Foi a terceira creatura atingida pela aura malefica da magnifica pedra.

Quem comprou o diamante ao infeliz capangueiro ofereceu-o a uma senhora em Uberaba. Pouco depois a dita senhora foi assassinada pelo marido, tendo sido ferido gravemente no mesmo momento o ofertante, amante dela. Vinha ser a quarta pessoa que pagava tributo pela posse de tão rara preciosidade.

Dizem que o mesmo diamante passou para uma casa exportadora do Rio. A casa, por sua vez, encaminhou-a para as joias de uma dinastia européia. A firma do Rio faliu fraudulentamente, estando um dos seus socios nas barras do Tribunal. A dinastia européia há bem pouco tempo se esborou.

Parece que o formoso diamante "Estrêla da Manhã" trazia em si a fonte da desgraça, pois todos os que estiveram de pôsse dele pagaram com a vida ou com uma grande infelicidade a temeridade de tê-lo nas mãos.



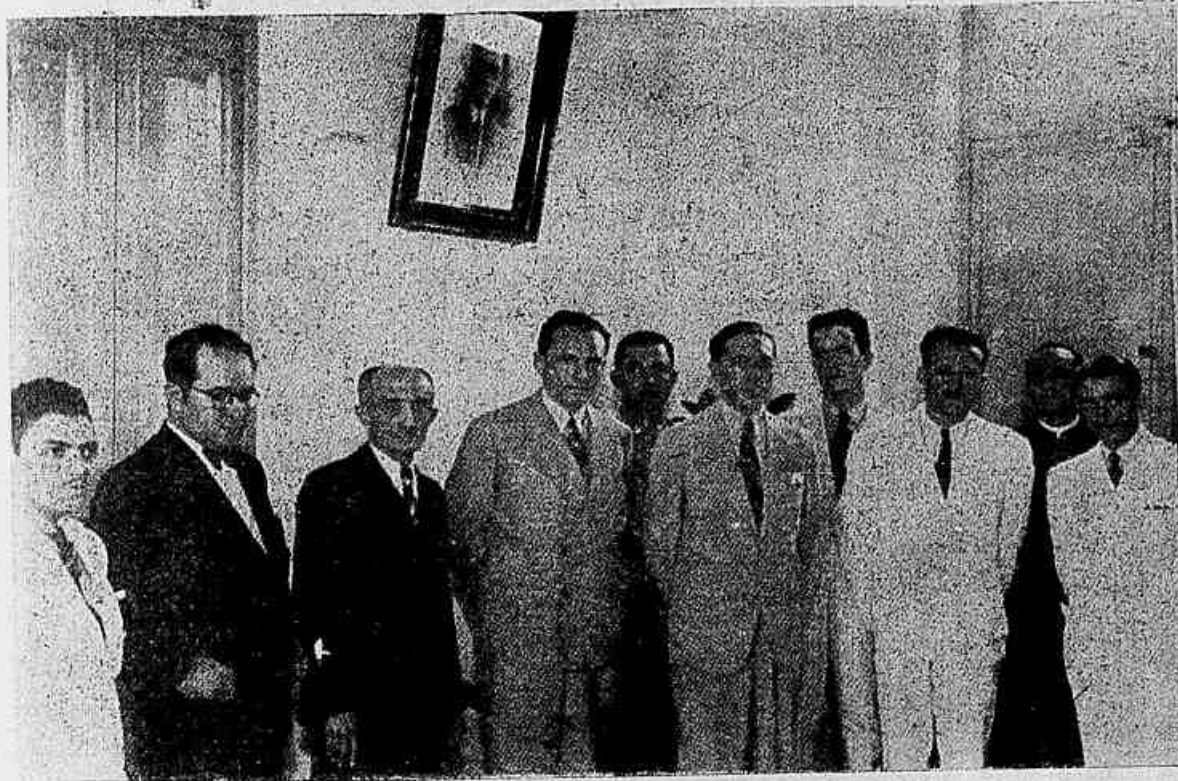
SERGIPE Flagrantes tomados em 6 de Julho p. findo por ocasião do lançamento da pedra fundamental do Hospital S. Luiz Gonzaga em Itabaianinha, cidade sergipana.

* DOS * ESTADOS

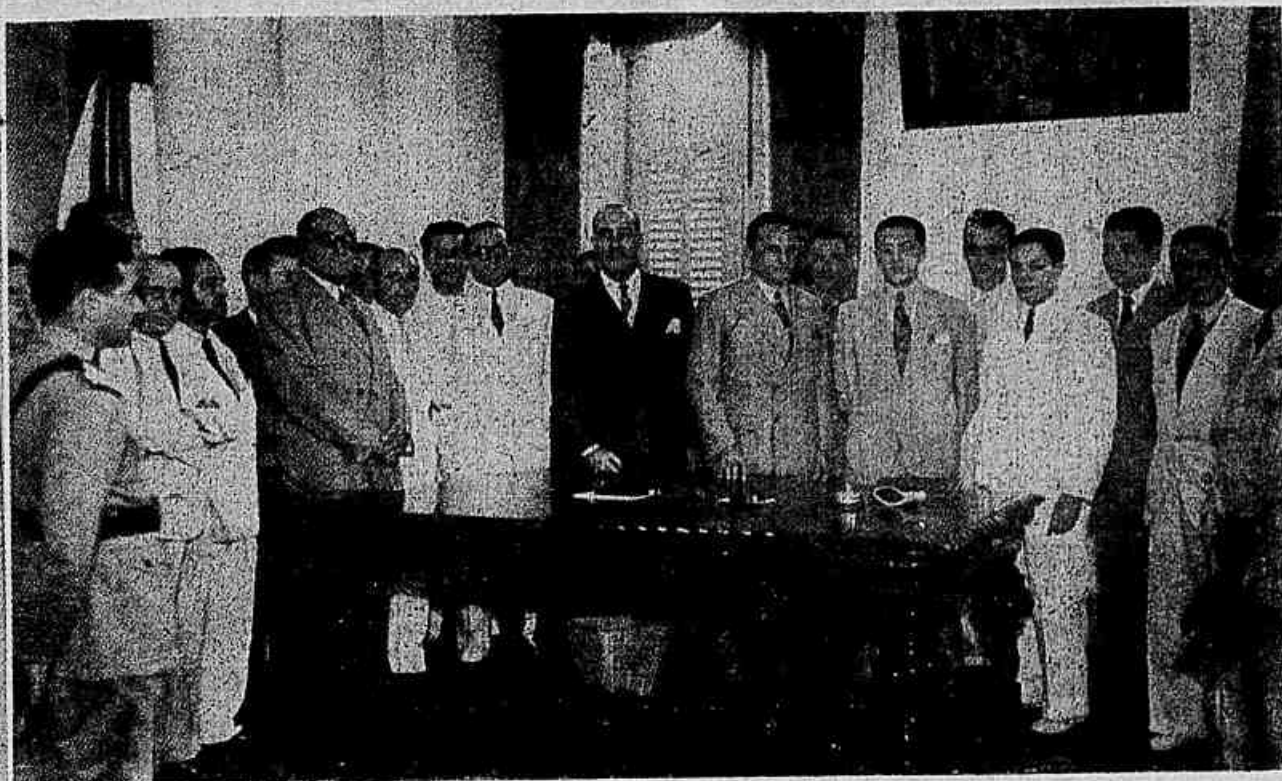
PARAÍBA



MINAS GERAES Foram recentemente prestadas muitas homenagens á memoria do dr. Francisco Castelo, cirurgião dentista e figura de largo prestigio em Pouso Alegre. Falecido em 1910, deixou viuva, que ainda reside nessa cidade, a sra. d. Francisca Castelo, e dois illustres filhos, drs. Alvaro e Mario Castelo, o primeiro residente em S. Paulo e o segundo em Pouso Alegre, onde mantem clinica dentaria. (A foto relembra os funeraes do illustre extinto.



INTERVENTOR ANTONOR NAVARRO Foi aposto o retrato do saudoso interventor Antenor Navarro na Maternidade da Capital. A solenidade foi presidida pelo interventor Ruy Carneiro que se vê ao centro.



DR. SAMUEL DUARTE O dr. Samuel Duarte, ex-deputado federal e advogado do Banco do Brasil, foi nomeado secretario do Interior e Justiça do Estado. Este aspecto foi apanhado no momento em que s. s. tomou posse do cargo.



J. DE BORJA PEREGRINO No dia 12 de Julho foi celebrada missa por alma do dr. J. de Borja Peregrino, que exercia as funções de secretario do Interior e que faleceu no Rio de Janeiro. O ato foi muito concorrido, notando-se a presença do Interventor Ruy Carneiro, secretarios d'Estado, escolares e pessoas gradas.

M. CAVALCANTI DE CARVALHO
ADVOGADO
EDIFICIO CANDELARIA — Rua São José, 83-85 — 2.º andar
Sala 208 — Fone 42-4859 — RIO

ASSIGNATURAS DESTA REVISTA EM SÃO PAULO
TRATAR NA **AGENCIA DE MARIA**
Rua José Bonifacio n. 392 Telephone 2-9827

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



O sr. Ademar Tavares entre os srs. Gustavo Barroso e Cassiano Ricardo.



Da esquerda para a direita: srs. Manuel Bandeira, Aloysio de Castro e Roquette Pinto.



O sr. Barbosa Lima Sobrinho, á esquerda, palestra com o sr. Neves da Fontoura.



Um flagrante do sr. Ribeiro Couto.



O sr. Levi Carneiro, presidente da Academia, recolhe o seu voto á urna.



Srs. Filinto de Almeida e Olegario Mariano.

Realizou-se, no dia 7 do corrente, a sessão semanal da Academia Brasileira de Letras, presentes os srs.: Levi Carneiro, presidente, José Carlos de Macedo Soares, secretário geral, Pereira da Silva, 1.º secretário, Pedro Calmon, 2.º secretário, Roquette Pinto, tesoureiro, Ademar Tavares, Affonso Taunay, Alceu Amoroso Lima, Alcides Maya, Aloysio de Castro, Antonio Austregesilo, Ataulpho de Paiva, Barbosa Lima Sobrinho, Cassiano Ricardo, Claudio de Souza, Clementino Fraga, Fernando Magalhães, Filinto de Almeida, Gustavo Barroso, João Neves da Fontoura, Manuel Bandeira, Mucio Leão, Olegario Mariano, Oliveira Vianna, Oswaldo Orico, Ribeiro Couto, Rodolfo Garcia, Viriato Corrêa e o sócio correspondente sr. João Luso.



O sr. Antonio Austregesilo é alvo da objetiva do fotografo.

Tratados diversos assuntos, e passando-se á ordem do dia procedeu-se á eleição para a vaga de Alcantara Machado, á qual era candidato único o sr. Getulio Vargas.

Recolhidas 34 cédulas, obteve 33 votos o sr. Getulio Vargas, o qual foi proclamado eleito pelo presidente, e saudado o seu nome com uma salva de palmas.

Publicamos alguns flagrantes colhidos na Academia no decorrer da eleição.

O Presidente da Republica teve noticia do resultado da votação quando, em Cuiabá, inaugurava o Palacio da Justiça.



Os srs. Alcides Maya, á esquerda, e Cassiano Ricardo á direita.



O sr. João Neves da Fontoura palestra com o sr. Ribeiro Couto.

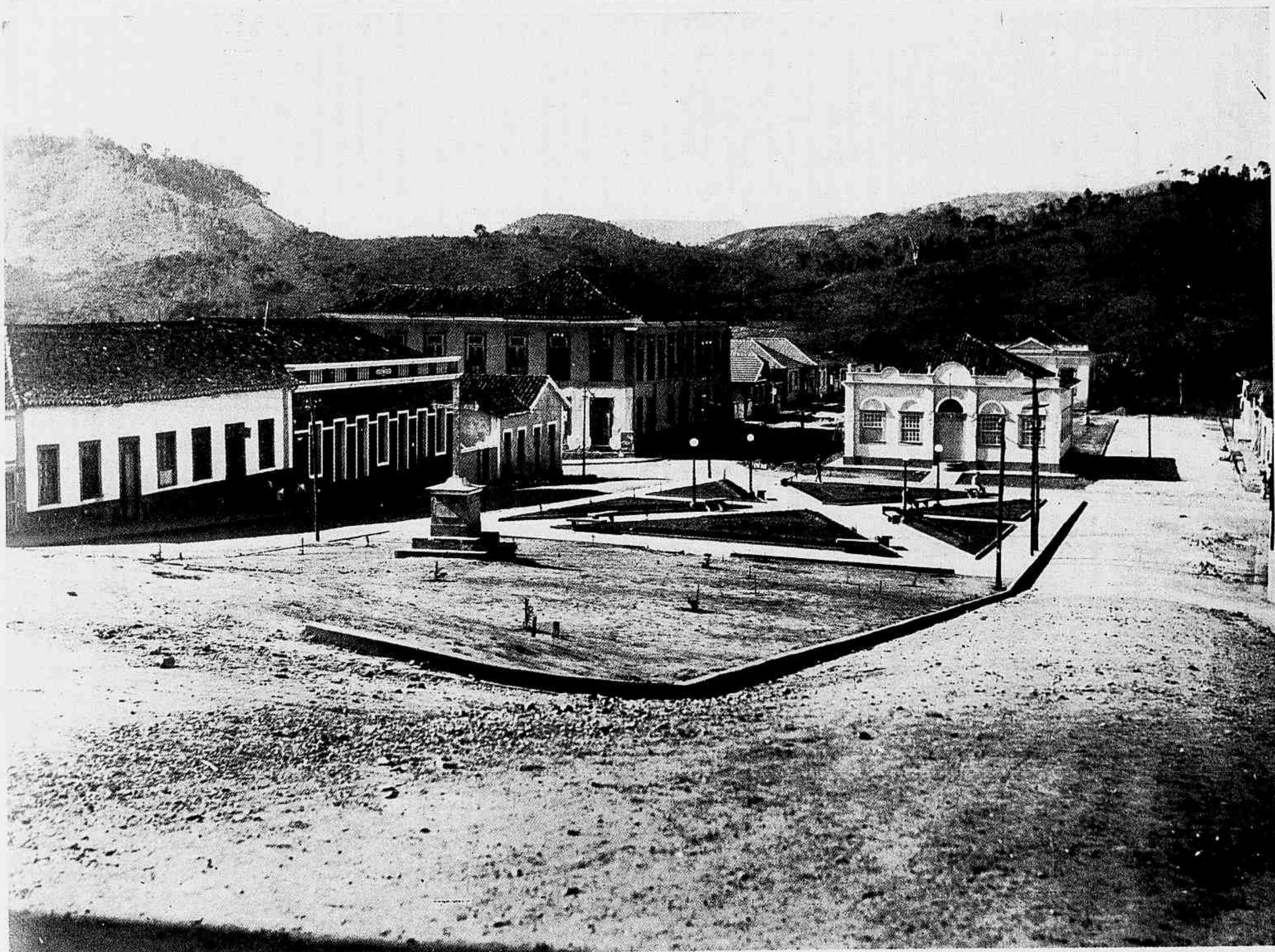


Da esquerda para a direita: os srs. Clementino Fraga, Oswaldo Orico e Alcides Maya.

NOSSA TERRA

RIO CLARO

Berço de Fagundes Varella



RIO-CLARO, enfeitada de recortes de serras e bordada pelas águas do Pirai, surgiu sob um signo de predestinação. Porque nasceu, milagrosamente, antes de existir. Antes da lei creadora, ostentava um berço mais significativo do que as honrarias posteriores. Quando foi erguida à categoria de vila, em 1849, já se afirmara oito anos antes, em 1841, dando ao mundo seu filho máximo — Fagundes Varella. O destino literário precedera à evolução política.

Hoje, o berço do grande poeta cujo centenário se comemora é algo mais do que vila, em razão do novo panorama geográfico de cidades, creado em 1938.

Entretanto, não é maior nem menor, no aspecto material, porque ainda se envaidece — e ora mais do que nunca — de se ter revelado fortuitamente, antes de lhe haverem reconhecido a existência.

Não há, como se apregôa levianamente, o descaso dos homens pelos homens que merecem atenção. Pensar em Rio Claro, pequenino recanto da terra fluminense, é, necessariamente, a contingência de sentir que foi no âmbito das suas serranias que surgiu para o mundo o bardo vigoroso e emotivo que teria de deixar o nome indelevelmente gravado entre os dos grandes poetas do século XIX.

Pode o acaso, algum dia, transformar a cidade modesta num centro de relevo; pode Rio Claro crescer e desenvolver-se de qualquer sorte; o pensamento de seus filhos, esse, porém, terá de ficar para todo o sempre fixado no berço de Fagundes Varella, que os melhores fados embalaram em 1841, para transformar-se no símbolo de orgulho da sua terra natal,

NOTICIÁRIO ELEGANTE

Crônica

Ficou lugar comum elogiar a delicadeza dos trabalhos feitos por mãos femininas. Parecem ser mais cuidadosos e, não é elogio, mais perfeitos. Em geral as senhoras têm mãos de fada, tanto na beleza como na capacidade de fazer verdadeiros milagres. Por isso não foi surpresa para a sociedade carioca a interessante Exposição de Trabalhos Femininos promovida pela Associação das Senhoras Brasileiras. E igualmente não se pode negar que para seu êxito concorreu a atividade das ilustres **patronesses** senhoras: Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, Henrique Dodsworth, baroneza de Bonfim, Salgado Filho, Luiz Oswaldo Aranha, Xavier da Silveira, Solano Carneiro da Cunha, Flávio Porto da Silveira, almirante Augusto Guimarães, almirante Durval Guimarães, Adhemar de Faria, Ayres Maciel, Elysio Rodrigues Lima, Alvaro Sampaio, Paulo da Costa Azevedo, Alberto Soares Sampaio, comandante Otto de Faria, viúva Adalberto Aranha, Antonio Leite Garcia, Octavio Rodrigues Lima, Carlos Burle de Figueiredo, Alfredo Bernardes, Cyro Aranha, Manoel Pio

Corrêa, Manoel J. Ferreira, Wladimir Bernardes, Grim Moss, Lucia Vilmar, Waldemar Sampaio, Homero Borges da Fonseca, Luiz Porto Barroso, John Barleim, Radagasio Moniz Freire, Paes Barreto, Salvador Pinto, Egas Mendonça...

Foi quase um deslumbramento o início da temporada lírica deste ano no Teatro Municipal, ao qual compareceram a senhora Darcy Vargas, ministros de Estado e figuras de nossa alta sociedade. O elevado cunho social que sempre tiveram essas verdadeiras festas elegantes do nosso principal teatro foi este ano ultrapassado pelo brilhantismo que lhe deram as **toilettes**, belas e luxuosas, do nosso mundo feminino.

M. B.

ANIVERSÁRIOS

16 a senhora Elisabeth Massena e os srs. almirante Américo dos Reis e professor Mozart Monteiro.

17 as senhoras Dias de Barros e Maria Lídia Rogé Ferreira; a srta. Rita



Bernardes, filha do dr. Arthur Bernardes; o general Sebastião do Rego Barros.

18 a senhora Sebastiana Oliveira Graça; as sras. Ignez da Costa e Marieta de Carvalho; os srs. dr. Edmundo Vital, dr. Lauro de Almeida Moutinho, monsenhor Costa Rego e Pery de Alencar.

19 as senhoras Dulce de Carvalho Velloso e Olivia Watson; a srta. Odele de Figueiredo; os srs. prof. Luiz Carpenter, dr. Vitorino Maia, dr. Campos Verqueiro, coronel Luiz de Oliveira e coronel José de Sampaio.

20 a senhora Adelaide Meira Lima; os srs. coronel Alfredo da Fonseca e dr. Ruy Carneiro, interventor federal na Paraíba.

21 as senhoras Olimpia de Couto e Celine Guinle de Paula Machado; o dr. J. J. Seabra.

22 as senhoras Vera de Lima e Levino Fanzeres; os srs. dr. Olney Passos, general Moraes Rego, comandante Eduardo Guillard.

NOSSA CAPA

Revista da Semana



A tela de M. Faria, que replicamos na capa deste número da REVISTA DA SEMANA, reproduz a conhecida igreja de S. Francisco de Assis, em Ouro Preto. A importância desse templo no domínio da arte nacional advém da circunstância de haver sido esculpida e decorada pelo nosso grande Aleijadinho. M. Faria apanhou na tela através do seu talento de artista, e nós oferecemos-la ao leitor, como uma homenagem ao bom-gosto e admiração pela Arte.

A sra. d. Maria José de Farias, esposa do dr. Josué Farias, Juiz de Direito no Estado da Paraíba.



Srta. Maria Silvia Pinto, cantora patícia e interprete de folclore tanto de nossa Pátria, como de outras.



Vemos neste aspecto três damas de nossa sociedade pouco antes de iniciar-se o espetáculo.



No "foyer" do Municipal tiramos este flagrante em que se nota a elegância e distinção que imperaram no Municipal.



No intervalo da ópera o Municipal transformou-se num local encantado em que desfilarão senhoras elegantes. Aspecto tomado pouco antes do início de "Os mestres cantores".

Ainda o "Grande Prêmio Brasil"

Crônica de ARY KERNER

Não há palavras que possam traduzir com fidelidade o que foi o "Grande Prêmio Brasil" deste ano, realizado a 3 do corrente e do qual já nos ocupámos em número anterior.



Tudo, até a própria sorte, concorreu para que a festa máxima do turf nacional transbordasse de êxito e de esplendor.

Já muito cedo desfilaria pelos portões da elegante Sociedade uma multidão de figuras da mais alta representação social, num mixto admirável de **toilettes**, distinção e beleza femininas.

Os grandes salões do restaurante dos sócios, transbordantes da nata social do país, apresentavam um aspecto de rara beleza, enquanto que nas **pelcuses** e nas arquibancadas, os mais prudentes asseguravam seus lugares para assistir à grande prova hípica.

Mais tarde, Mme. Janot dava uma nota inédita à festa, apresentando um harmonioso conjunto de modelos vivos, trajados por lindas e elegantes jovens.

O acontecimento mais sensacional, entretanto, foi a presença, na Tribuna de Honra, do feliz possuidor do **sweepstake** premiado com mil contos.

Quando "Pólux" transpôs o vencedor, o simpático visitante que acompanha o sr. Antonio Ferro foi assaltado por uma multidão de abraços e felicitações que, ao lado do caráter pessoal da homenagem, era, sobretudo, uma demonstração da sincera alegria dos brasileiros em ver um filho da Pátria irmã, recém-chegado numa viagem de cortezia, ser contemplado pela sorte, num gesto inesperado e feliz da tradicional hospitalidade brasileira que até se reafirma através do próprio destino...



NESTE FLAGRANTE VEMOS O PINTOR JAN ZACH AO LADO DE PERSONALIDADES TCHECAS NO CHÁ QUE O CLUB PAISANDU REALIZOU A FAVOR DA CRUZ VERMELHA DA CECOSLOVAQUIA.

O VIAJANTE ARGENTINO ENRIQUE KERTZMAN COLOCANDO UMA FLÔR NOS CABELOS DA SRTA. PIERRE FREELAND. VÊEM-SE TAMBÉM NA FOTOGRAFIA A SRTA. GINETTE THRUÑICE E O SR. FLEMING.

Um chá na tarde de quarta-feira



DUAS NENHORITAS QUE SERVIRAM O CHÁ EM TRAJES TÍPICOS DA BOÊMIA AO LADO DUM VELHO COMPATRIOTA DE BENES. SÃO AS SENHORITAS SMOLKA, DUAS IRMÃS GÊMEAS



MADAME KOVALESWSKA E MADAME CZEKENSKA DURANTE O CHÁ.



FLAGRANTES DE MADAME BUHARD E MADAME MARTEN.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)



A TEMPORADA LÍRICA

Na noite de sexta-feira abriu-se a temporada lírica no Municipal com uma ópera em que o gênio musicalmente cósmico de Wagner encerrou a sua força sonora de "um pastor de tempestades": "Os Mestres Cantores".

O monstro magnífico da "Tetralogia" é ainda e será sempre um dos deuses supremos, o mais poderoso e convulso, da arte magna, em que "o homem se liga ao jôgo rítmico do Universo", na expressão tão precisa de um autor contemporâneo.

Enquanto, em cena aberta, sob a ação da massa orquestral combinada com as vozes humanas, se desenrolava o panorama vivo e polifônico da ópera wagneriana, na platéia, nas frisas, camarotes, balcões e nas próprias galerias, pois que estas perderam hoje o modesto ambiente boêmio das antigas "torrinhas", pompeava o elemento feminino, que animava o recinto mágico, encimado pela graça decorativa do Bailado das Horas, pincelado pela arte leve e sugestiva de Visconti.

Foi, nesta estação memorável por tantos títulos, uma das grandes noites cariocas, no seu flagrante de arte e de beleza, de luxo e bom-gosto.

Não houve — é certo — a agradável surpresa de grandes artistas e de vozes privilegiadas, de que a nossa platéia desde há muito sente falta, saudosa dos bons tempos do **bel canto**, quando os divos davam o ar e a melodia de sua graça, com o canoro milagre de Caruso, Tita Ruffo e Claudia Muzio, para só citar três dos mais famosos. Mas, ainda assim, foi um espetáculo delicioso aos ouvidos — pela representação e sinfonização... — e aos olhos — pela presença da beleza feminina — tal a visão dos decotes, que nos desenhavam uma viagem à lua... com o auxílio do binóculo.

RABINDRANATH TAGORE

A morte de Tagore fez emudecer uma das vozes líricas mais puras da poesia de todos os tempos.

O grande poeta indú, pela suave elevação de seus versos, em que a ternura musicava todos os dons orientais da sabedoria e da serenidade, foi uma vida digna de todos os louvores.

Sua musa límpida e luminosa, em que o ritmo tinha fluência de doçuras verbais, lembra o curso das águas sagradas do Ganges...

Pensador e humanista, em suas estrofes, embebedas de brandas carícias do verbo, o vate se revelava por inteiro com a sua meiga expressão de brãmane envelhecido, que sugeria, na frase de um escritor, "um lótus aos pés de um Buda venerável, enchendo o silêncio com a sua mística oferenda, na mais humilde e sincera expansão de uma alma sempre enamorada da beleza simples e da bondade ainda mais simples".

Amava as crianças, e todas as criaturas e cousas lhe mereciam a efusão de suas canções, que escrevia à maneira de parábolas, sem estôrgo retórico e a via-sia ênfase tão comum nos ocidentais.

Morreu em avançada idade, e, provavelmente, horripado pelo espetáculo do mundo, quase todo entregue à abominação da guerra e à fúria da violência inútil e do ódio estéril.

Sua doce memória ficará como um aroma em sua obra, notável pela essência e singular pelo lirismo.

A Índia, pátria do espírito humano, mãe venerável de nossa espécie, teve em Tagore um poeta à altura de sua glória.



O encontro suposto e sensacional de Roosevelt e Churchill a bordo do **Potomac**, num ponto do Atlântico, próximo do litoral dos Estados Unidos, despertou, como era natural, a atenção do mundo inteiro, já pela importância política que,

por si mesmo, esse facto representa, já pelo mistério que o antecedeu, tornando-se, depois da fuga de Hess para a Inglaterra, o acontecimento mais transcendental e imprevisível deste ano e desta guerra tão cheia de incógnitas e de imponderáveis.

Esse encontro das duas figuras culminantes do bloco democrático e que também personifica a união

dos povos anglo-americanos, cujo poderio não tem paralelo na história — esse encontro, não só determinado pela luta na Europa, mas ainda pela situação no Extremo Oriente, zona de precipua influência das duas potências ora coligadas, terá, forçosamente, uma decisiva e imediata repercussão na marcha dos acontecimentos mundiais, nesta hora verdadeiramente crucial da Humanidade.

Diante de tamanho evento, as próprias ações bélicas no teatro das tremendas batalhas germano-russas ficaram em plano secundário.

MAIS UMA ASA QUE TOMBA!

A semana que passou foi assinalada, no dia 7 deste mês, sempre tido por azizagem, pela morte, em desastre, de Bruno Mussolini, em Pisa.

O jovem aviador da nova Itália, que, voando, esteve em visita ao Brasil em 1938, num **raid** que proporcionou uma prova de arrojado dos legatários das águias romanas, morreu em pleno voo da mocidade, depois de haver, por tantas vezes, desafiado a morte.

Confrange

sempre o fim trágico a que estão expostos os heróis da aviação, não só porque essa maravilha do gênio humano se converteu em terrível arma de guerra e extermínio, como também porque, mesmo na paz, sacrifica os moços, que são os seus pilotos preferenciais, pela exigência técnica de utilizar os mais dotados de energias físicas, apanágio da juventude.



Bruno Mussolini, o herói do ar, o jovem que há muito tinha dado sua vida para a pátria, pois fazia parte da esquadrilha a "Disperata", acaba de falecer aos 22 anos, num desastre de avião.

Bruno Mussolini pagou, como Balbo, o seu tributo fatal a essa conquista suprema de nosso século; e sua morte, tal como aconteceu com aquele "as" dos ares, tem a deplorável o mundo em péso, porque, diante desses inapeláveis golpes do destino, desaparecem rivalidades e antagonismos desta época de beligerância ostensiva e reflexa, para lograr unanimidade o sentimento de pesar por mais uma asa que tomba!

A VISITA DE PORTUGAL

A chegada da Embaixada Especial de Portugal, chefiada pela insigne personalidade de Julio Dantas, alta expressão mental de nossa raça, e a sua curta mas intensa estada no Rio, deram justo e grato motivo a que não só se expandisse o sentimento cristão e fraternal de nossa hospitalidade como abrissem os íntimos refulhos da alma brasileira, numa festa efusiva de nosso coração e numa alegria franca de nosso espírito.

Retribuindo a nossa participação filial às grandiosas comemorações dos oito séculos do grande milagre

português, essa embaixada prolongou aqui, com a sua presença tão dileta e expressiva, aquele magno júbilo nacional, em que tomamos parte na qualidade de filhos, que, estando longe só pela distância, sempre estão em Portugal pela comunhão do sangue, pela vinculação do idioma, pelo elo de um passado comum e ainda pelo milagre da mesma fé e do mútuo amor.

Não recebemos essa "Ala dos Namorados" da Lusitânia renovada apenas como hóspedes ilustres e benquistos, mas ainda como irmãos, membros de nossa casa, gente querida a quem tributamos o melhor de

nossa ternura humana, que proveu do luso dom do sentimentalismo como força da bondade e segredo de nossa raça.

Até a sorte colaborou, oportunamente, para que a nossa hospitalidade atingisse ao máximo, contemplando um de seus membros, o jornalista Armando Boaventura, de sobrenome tão adequado para seu alvo, com o primeiro prêmio do **Sweepstake**, dando-lhe a preferência para abiscoitar os mil contos de réis, realizando assim, de modo tão miraculoso, a lenda, que outrora estimulava a vinda dos que deixavam a santa terrinha para encontrar aqui... a "árvore das patacas".

WALT DISNEY NO RIO

A presença, no Rio, de Walt Disney, para assistir à estréia de seu novo e grande filme "Fantasia", proporciona-nos o encanto de ver em carne e osso o maior "as" da arte cinematográfica, pois os seus famosos desenhos animados desbancaram, perante os **fans** de todas as idades, os grandes "astros" de Hollywood. E isso porque os seus calungas equivalem, em nossa época, à fauna simbólica das histórias encantadas.

O creador de **Mickey Mouse** e de outros tantos animalzinhos que vivem na tela, pela articulação plástica de seu engenho de fabulista deste século, tenciona, ao que se noticia, aproveitar o ensejo de sua visita à América do Sul para coligir material afim de utilizar os motivos do **folk-lore** latino-americano, com que aumentará a sua prole célebre, sem esquecer a parte musical, que lhe dará ainda maior encanto e valor característico.

Isso será, indubitavelmente, uma propaganda utilíssima dos países que forem preferidos pelo lapis desse La Fontaine quintessenciado.

O seu rato gaiato e astuto vale, hoje, com o seu prestígio universal, pela raposa dos antigos e que foi, há séculos, o motivo que centralizou as fábulas e contos populares, quando as vovózinhas entreteriam as crianças crédulas e cândidas.

Agora, só os desenhos animados de Walt Disney, projetados, conseguem interessar os nossos garotos, que são uns Tomézinhas renitentes... porque só acreditam e gostam daquilo que podem ver no cinema.



O meu **week-end**, que faço aqui, nada tem com o verdadeiro "fim-de-semana", hábito inglês que o carioca está adotando louvavelmente: não é uma breve fuga, entre a tarde de sábado e a manhã de segunda-feira, numa excursão de repouso e recreio pelo campo e pela serra, de automóvel, de trem ou mesmo de avião, porque serve apenas de um descanso, pela leitura ligeira e amena de um caso ocorrido no Rio ou alhures.



Vai, pois, aqui, o deste epílogo semanal:

Um telegrama de Porto Alegre divulgou uma notícia, que foge da vulgaridade quotidiana e vale pela apologia do casamento bem à brasileira, à nossa moda indissolúvel: o casal Martiniano Antonio Meirelles — Anacleto Rocha Meirelles festejou o 72.º aniversário de sua união conjugal invejável.

Ele conta 93 anos de idade e ela 91!

Velhinhos felizes, unidos, assim, há 72 anos, para provar que ainda, no Brasil, o casamento, à nossa moda patriarcal, desafia o divórcio, apenas desejado por uma minoria irrisória, e compensa a moda de sua anulação judicial, ora já mais coibida, e a viagem ao Uruguai, para um turismo de chicana.

O venerável marido exerce a profissão de farmacêutico e nem por isso acha que o himineu seja uma droga, mas um elixir de longa vida.

O casal quase centenário reside, logicamente, naquela capital.

E' que Porto Alegre foi o antigo Porto dos Casais...

Lamiré.

A VISITA DO PRESIDENTE



EM POSE ESPECIAL OS DOIS PRESIDENTES: O GENERAL HIGINIO MORINIGO TEM À DIREITA O DR. GETULIO VARGAS.

♦ ♦ ♦

Em baixo: EM ASSUNÇÃO O PRESIDENTE GETULIO VARGAS PRESTA HOMENAGEM JUNTO AO TÚMULO DO GENERAL FELIX ESTIGARRIBIA, [DEPOSITANDO UMA] COROA DE FLÔRES.



NO PALACIO DO GOVERNO, EM ASSUNÇÃO, DURANTE A RECEPÇÃO ALI OFERECIDA EM HONRA DO PRESIDENTE DO BRASIL; VÊ-SE O PRESIDENTE GETULIO VARGAS ACOMPANHADO DE DIVERSAS SENHORAS DA SOCIEDADE PARAGUAIA.



DURANTE A RECEPÇÃO OFERECIDA EM HONRA DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS, EM ASSUNÇÃO, PELO PRESIDENTE MORINIGO, O CHEFE DO GOVERNO DO BRASIL PALESTRA ANIMADAMENTE COM O ARCEBISPO DE ASSUNÇÃO.



Estampamos nesta página flagrantes que se referem à visita recentemente feita à República do Paraguai pelo presidente Getulio Vargas.

Recebido pelo Governo e pelo povo da república vizinha, o Presidente do Brasil e sua comitiva foram alvos de grandes e carinhosas manifestações que, em verdade, se dirigiam aos ilustres visitantes e também ao povo brasileiro.

Da visita em apreço, acontecimento de indiscutível repercussão na vida americana, resultou, como era de prever, uma maior aproximação brasileiro-paraguaia, não só do ponto de vista de amizade entre os dois povos como também para efeito de intensificação do intercâmbio econômico e cultural.

DO BRASIL AO PARAGUAI



O PRESIDENTE DO BRASIL ENTRE ALTAS AUTORIDADES. A' SUA DIREITA O PRESIDENTE DO PARAGUAI.



OS DOIS PRESIDENTES PASSEIAM EM COMPANHIA DE AUTORIDADES.



FLAGRANTE TOMADO QUANDO SE OUVIAM OS HÍNS DO BRASIL E DO PARAGUAI.



OUTRO FRAGRANTE FEITO DURANTE A RECEPÇÃO NO PALACIO DO GOVERNO.



MARINHEIROS DO PARAGUAI, DESFILAM PELAS RUAS DE ASSUNÇÃO EM HOMENAGEM AO CHEFE DO GOVERNO DO BRASIL.



OUTRO FLAGRANTE DO DESFILE DE TROPAS PARAGUAIAS.

NO pátio externo do recolhimento, as órfãs recreiam-se. Às últimas horas da tarde, quando há sombra e há frescura. Uma envolvem o velho cruzeiro, outras se sentam debaixo das gameleiras, algumas preferem a soleira da igreja. Conversam as mais velhas, assim, enquanto das menores muitas fazem roda e cantam aquelas cantigas que não morrem nos brinquedos antigos das crianças:

Bote, aqui,
Bote, aqui,
O seu pézinho,
Meu bemzinho...

Grandes e pequenas, a todas harmoniza o uniforme de xadrez azulado: saias muito compridas e blusas muito tapadas. À porta do parlatório, uma Irmã fiscaliza o recreio. Pouco é preciso olhar para as órfãs, porque são tímidas e calmas. Ela olha mais para o livro de orações que tem nas mãos.

Quem de longe não tira os olhos das recolhidas é uma mulher de traje humilde e um ar tristonho que frequentemente aparece por ali e fica-se até o fim do recreio. O sino toca, as órfãs formam e reentram no recolhimento para a oração, para a ceia e o sono.

Muitas dessas crianças foram deixadas na "roda", no tempo em que havia roda. Outras deixadas no parlatório. Algumas trazidas por quem não as podia sustentar ou criar. Todas cresciam misturadas — umas com os nomes com que entraram, outras com os que as Irmãs lhes haviam dado.

Naquela tarde a mulher, mais ousada, aproximou-se da religiosa.

— Irmã, eu tenho uma filha aqui.

— Aqui? Qual é?

— E eu sei!... Só queria saber...

— Você botou-a na roda?

— Botei, não... Foi êle... foi o pai...

— O pai?!...

— Sim... Ele bebia, sabe? Maldava que o filho não era dêle.

Uma noite, com chuva, com trovão e corisco, fugiu com ela... Deu fim a ela... Tinha um mês de nascida... Só depois de muito tempo eu soube de tudo...

— Quando foi isso, hein?

— Faz bem uns 20 anos... Eu andei por êsses mundos... Ele morreu... Agora, voltei e...

....— Queria descobrir sua filha?

— Quem me dera!... Já olhei tanto para essas mocinhas para ver si achava uma parecença, uns modos...

A Irmã esperançou-a. Quando deixavam uma criança na roda todos os objetos que trazia eram guardados e registrados. A data, o nome, si vinha algum bilhete pedindo para que a chamassem assim ou assado, o cueiro, o vestidinho, a touca, uma medalha... Tudo de jeito a, no futuro, ser reconhecida, ser reclamada, porventura. Mais de uma vez tinham sido úteis. A camisinha era aquela mesma do dia do abandono. A menina era "Maria do Rosario". Estava uma moça. Vinha à presença da mãe. E, quase sempre, saía do recolhimento com ela. Outras, porém, se negavam; preferiam ficar com as Irmãs. A mãe era uma desconhecida... Talvez a mulher pudesse ajudar a descoberta da própria filha. Lembrava-se da roupinha dela?

Não se lembrava de nada. 20 anos... Um timãozinho branco, vulgar, dado por uma vizinha... Timões brancos existiam às centenas no orfanato. Dia, também, ignorava. "Mocambo de pobre não tem folhinha"... As mocinhas daquela idade eram oito. Ali estavam todas as oito. Qual seria a sua filha?... Todas elas "da roda". Antigamente a roda era

frequentada. Qual a sua filha?... Uma tinha o nariz parecido com o do pai, mas outra lembrava bastante os seus olhos, enquanto uma terceira apresentava semelhanças com a própria mãe aflita. Dificil a escolha, a certeza. Chorava mansamente.

A Irmã, pezarosa, afirmava:

— Mocinhas assim, só essas oito, agora.

— Agora?! E havia mais?

— Sim... houve... Mais uma...

— Saiu? Diga! Saiu?

Não quiz mentir a religiosa:

— Não... Morreu.

— Morreu? Morreu! Como era ela?

— Mulatinha clara... franzina... Mas, muito trabalhadora, muito boa, muito chegada aos santos... Todos gostavam dela. Um dia, botou sangue pela boca, foi emagrecendo mais, não comia direito, e, no começo dêste ano, morreu...

A mulher ficou serena. Enxugou os olhos. Ficou olhando para a Irmã, como que consolada, como que satisfeita. A religiosa afirmou:

— Maria da Piedade com certeza está no céu.

— Maria da Piedade! Ela se chamava Maria da Piedade?

— Chamava-se.

— Ah! então, já sei que ela era a minha filha, a minha filha!

— Por que?

— Porque êsse era o nome que eu ia botar nela, quando se baptisasse...

E a mãe da criança abandonada na roda foi-se embora mais tranquila e mais consolada, por saber onde a filha estava.



OS TRAJES QUE AS AFRICANAS NOS TROUXERAM

Mariza Lira

NO Brasil, o único traje feminino característico é o da bahiana, e esse mesmo nos foi trazido pelas negras escravas.

Até agora ainda não foi desvendada a origem nem a região africana de onde veio essa indumentária.

Ha tempos uma velha bahiana contou-me uma historia sobre a origem desse vestuário. Neta de africano «malê» repetia o que ouvira dele: «um lemano (sacerdote) tinha uma filha muito bonita, mas extraordinariamente leviana. Certa vez notou indignado que a filha ia ser mãe. Resolveu castiga-la. Fez com que ela passasse a ganhar a vida vendendo doces, vestida com um traje humilhante, idêntico ao usado pelas negras da Bahia».

Quem poderá contestar ou esclarecer o caso?

A verdade é que as «ganhadeiras», vendedoras de doces em taboleiros, na Bahia como em outro qualquer lugar onde se encontrem, têm grande vaidade nessa vestimenta, em que a alvura impecável das rendas e labirintos das camisas e batas contrasta com o negror da pele lustrosa e sadia.

Os «balangandans», «barangandans», «berenguendans» ou «balangandans» resumem, por assim



A bahiana autentica.

dizer, a vida das nossas negras, suas crendices, dádivas de amor, anseios, promessas, enfim sentimentos que nós não podemos decifrar.

Dáí serem os balangandans chocalhantes e custosos adereços ou coleções de figas, moedas, medalhas, dentes de animais, tetéias, objetos fálcos, manipangos, signos de Salomão, fetiches representados pelos mais estranhos elementos da flora e da fauna brasileiras. Eram eles todos em prata massiça e mais raramente em ouro, ligados por argolinhas a uma meia lua também do mesmo metal precioso, sustentada a um lado da cintura por uma fita de seda preta.

O traje de bahiana, por não ter sido ainda devidamente estudado, oferece divergencia de apreciações. Querem alguns que haja distinção entre a «bahiana rica» e a chamada «bahiana pobre». Entretanto, o que deve haver é apenas diferença de casta social.

Ha ainda quem afirme ser sinal de aristocracia o traje todo branco, reservando-se ás mulheres de classe mais simples as saias multicores. Talvez haja razão nisso, mas na Africa.

A guarda de honra da «rainha» nos cortejos das Taiêras (velho auto popular africano) era constituída por bahianas em completo traje branco.

No Brasil, porém, onde todas as negras chegaram cativas, essa diferenciação não tem razão de ser.



A bahiana carioca.

Mas, quer seja creoula abastada que se vista, para a Festa do Bomfim ou para passelo ou mercadora a carregar o taboleiro de doces, o vestuário de bahiana apresenta característicos gerais que não se alteram.

Haja vista o que se observa na fotografia apanhada aqui no Rio, em Colegio, suburbio da Rio d'Ouro.

A «bahiana» carioca conservou a saia longa e rodada como também a chinelinha. Trocou a camisa pela bata, mais de acordo com a vida citadina. O «pano» da cabeça é o detalhe mais interessante. Não é tórço africano nem lenço á portuguez, mas uma e outra coisa numa inconciente reunião de característicos dos adornos para a cabeça usados pelas mulheres das duas raças, que concorreram para a formação do nosso povo.

♦ ♦

Não foi só na Bahia que a mulher africana marcou uma diferenciação característica no trajar. No Maranhão, antigamente, a «preta Mina» trajava-se espalhafatosamente. Vestia camisa decotada, de mangas curtas, abertas de rendas de almofada ou trabalhadas em labirinto ou «cacundê». A saia ampla, de linho clarissimo, tinha á beira um largo folho de renda. Era indispensavel o lençinho de renda na mão direita. A carapinha penteada da melhor maneira, ostentava um par de travessas maiores e ou-



A mulata paraense.

tro menores, dispostas com regularidade nos lados da cabeça. Essas travessas eram em geral de tartaruga com frisos ou chapas de ouro cinzelado. Brincos também em ouro, pendentes das orelhas. Todo o decote da camisa era coberto com colares de contas ou correntes de ouro em multiplas voltas, tendo na ultima, dependurado sobre o peito, um grande crucifixo de ouro massiço. Outro cordão grosso, ainda de ouro, separado dos outros, deixava pender, na frente e nas costas, os «bentinhos» ou escapulários da confraria a que pertencia a preta, metidos entre duas chapas de ouro. Varias e grossas pulseiras do mesmo metal pelo ante-braco acima e em cada dedo das duas mãos um ou mais grossos anêles de ouro.

O mais interessante é que, com toda essa exibição de riqueza, a «preta Mina», andava sempre descalça.

♦ ♦

As «creoulas do Maranhão» ou «negrinhas de baralho» eram especie de mensageiras ou alcoviteiras da cidade. Trajavam-se também de modo original. Vestiam-se de chita matizada. A blusa de gola alta, mangas largas e compridas em canhão. A saia de cintura curtissima, logo abaixo dos seios, era sempre mais suspensa na frente indo acabar atraz numa longa cauda farfalhante.



A preta Mina e a creoula do Maranhão.

Toda a roda da saia era terminada por um babado largo. Podia variar a qualidade da fazenda, o modelo, porém, era o mesmo.

Penteavam a «gaforina» em tranças pequeninas que se entreteciam umas nas outras. Ao lado fincavam uma grande rosa. Ao pescoço traziam um cordão de ouro com uma figa de azeviche e nas orelhas pesados argolões também de ouro. Calçavam chinelinhas de pelica ou couro polido branco, de salto tão alto e tão pequeninas que lhe iam somente até ao meio do pé, resultando, pela falta de equilibrio, um mexer de cadeiras provocante, ritimado pelo estalo dos saltos nas pedras da rua.

♦ ♦

Outro tipo diferente era o da «mulata do Pará», fosse ela cozinheira, amassadeira de assaí ou vendedora de tacacá. Usava sempre corpete decotado, de mangas curtas e tufadas. Saia rodada terminando com um babado que lhe batia nos tornozelos. Calçava também pequenissimas chinelas. O cabelo, repartido ao meio em bandós, trazia no alto de cada lado um galho de jasmim. Um colar de ouro exhibia, na frente, a medalha de um santo e, nas costas, sobre o cangote, uma grande figa de azeviche para afastar o máo olhado. Sobre os ombros, em forma de chale, um lenço de cores vivas. Muitas pulseiras, e anéis em quasi todos os dedos. Nunca abandonava a cestinha de compras e uma infalivel sombrinha, em geral de cor vistosa, com barra florida, que servia tanto para o sol como para a chuva, e também era usada de dia e de noite.

Esses tipos já quasi desapareceram nas regiões onde por muito tempo se fixaram.

Só a bahiana resistiu. Corre mundo como traje característico brasileiro. As estilisações pouco lembram o modelo original. E no constante ás preciosas joias de ouro, prata, azeviche e coral é lamentavel a substituição grotesca por quinquilharias e pichisbeques.

O BRASIL RECEBE A EMBAIXADA DE PORTUGAL

A EMBAIXADA ESPECIAL PORTUGUESA, QUE VEIU AGRADECER AO BRASIL A PARTE QUE O NOSSO PAÍS TOMOU NAS CELEBRAÇÕES DOS CENTENÁRIOS DE PORTUGAL, FOI RECEBIDA COM DEMONSTRAÇÕES DA MAIS VIVA SIMPATIA, SENDO ALVO DE MANIFESTAÇÕES POR PARTE DE TODOS OS CENTROS ADMINISTRATIVOS E CULTURAIS DESTA CAPITAL.

OS ILUSTRES VISITANTES VIERAM NO NAVIO PORTUGUÊS "SERPA PINTO", QUE ENTROU ENGALANADO NA BAÍA DE GUANABARA NO DIA 5 DO CORRENTE, E AO TRANSPOR A ENTRADA DA BARRA FOI SAUDADO PELA FORTALEZA DE SANTA CRUZ COM UMA SALVA DE 19 TIROS.

A EMBAIXADA, QUE TEM COMO PRESIDENTE O GRANDE ESCRITOR LUSITANO E JORNALISTA MILITANTE NA IMPRENSA CARIOCA SR. JÚLIO DANTAS, É INTEGRADA PELOS SEGUINTE NOMES REPRESENTATIVOS DO PORTUGAL MODERNO: JORNALISTA AUGUSTO DE CASTRO, PROFESSOR REINALDO DOS SANTOS, SOCIÓLOGO MARCELO CAETANO, MAJOR CARLOS SANTOS E COMANDANTE VASCO LOPES ALVES.



ENTREGA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA BANDA DAS TRÊS ORDENS.



RECEBIDOS NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.



RECEPÇÃO DA EMBAIXADA NO INSTITUTO HISTÓRICO.



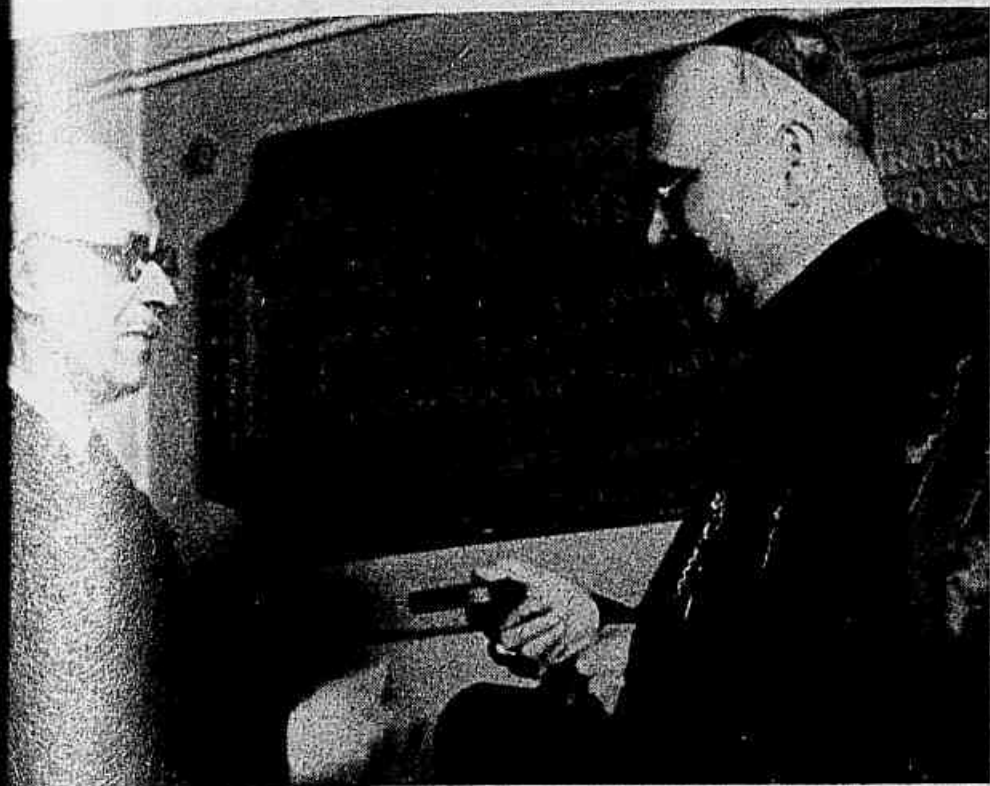
DETALHE DO BANQUETE OFERECIDO AOS EMBAIXADORES NO ITAMARATI.



GRUPO APANHADO NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.



NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.



O PRESIDENTE DA EMBAIXADA NO PALÁCIO S. JOAQUIM.



A MESA QUE PRESIDIU À SOLENIDADE DE RECEPÇÃO NO INSTITUTO HISTÓRICO.



O ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO PALÁCIO GUANABARA.



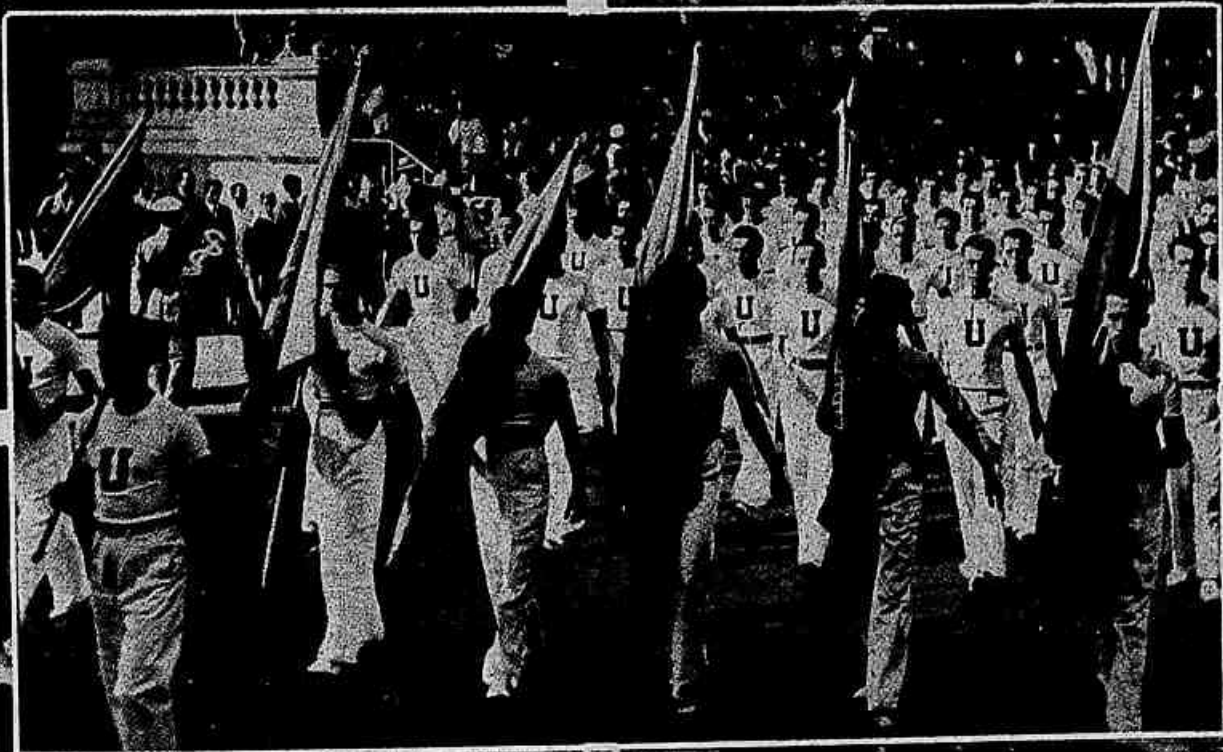
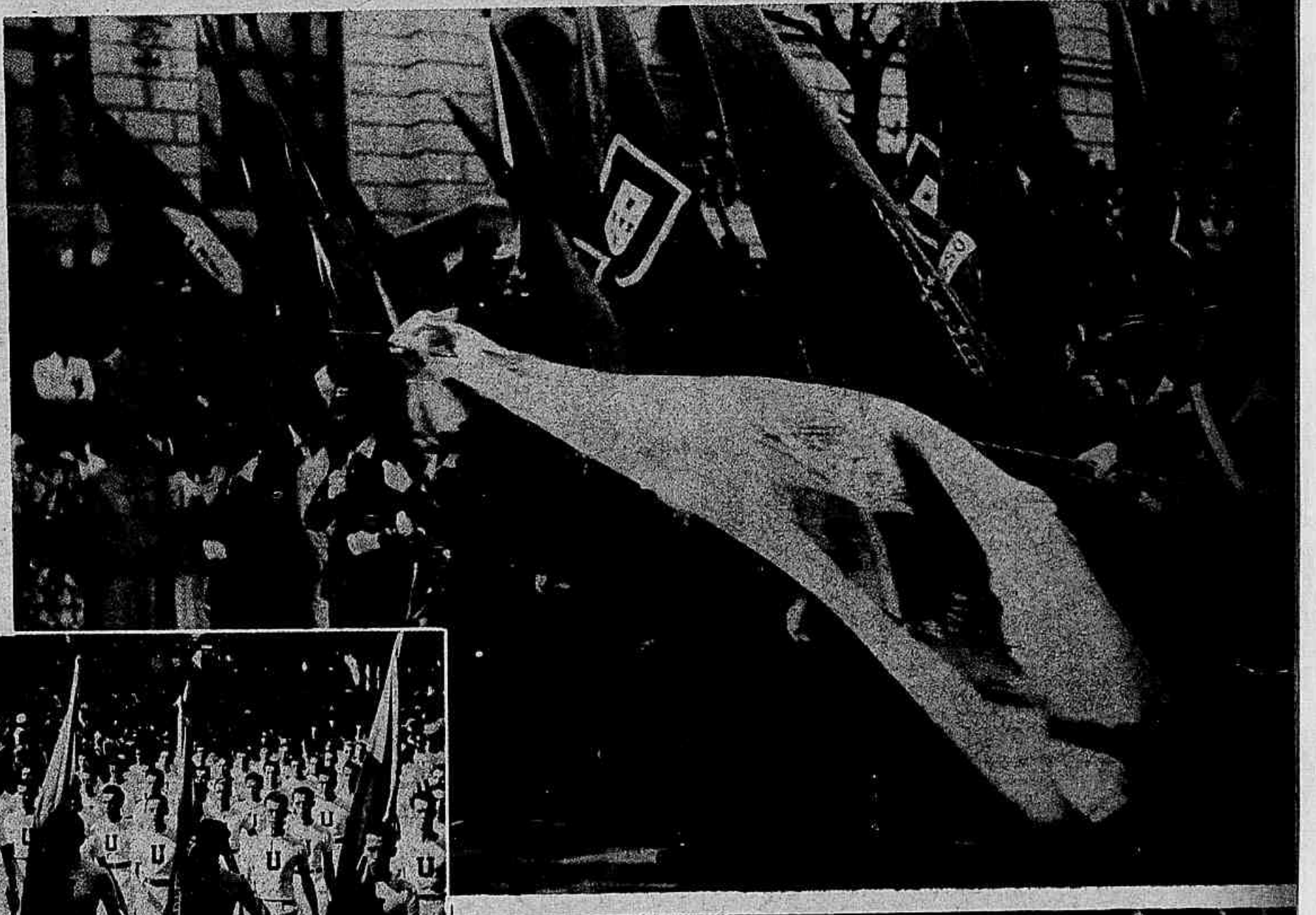
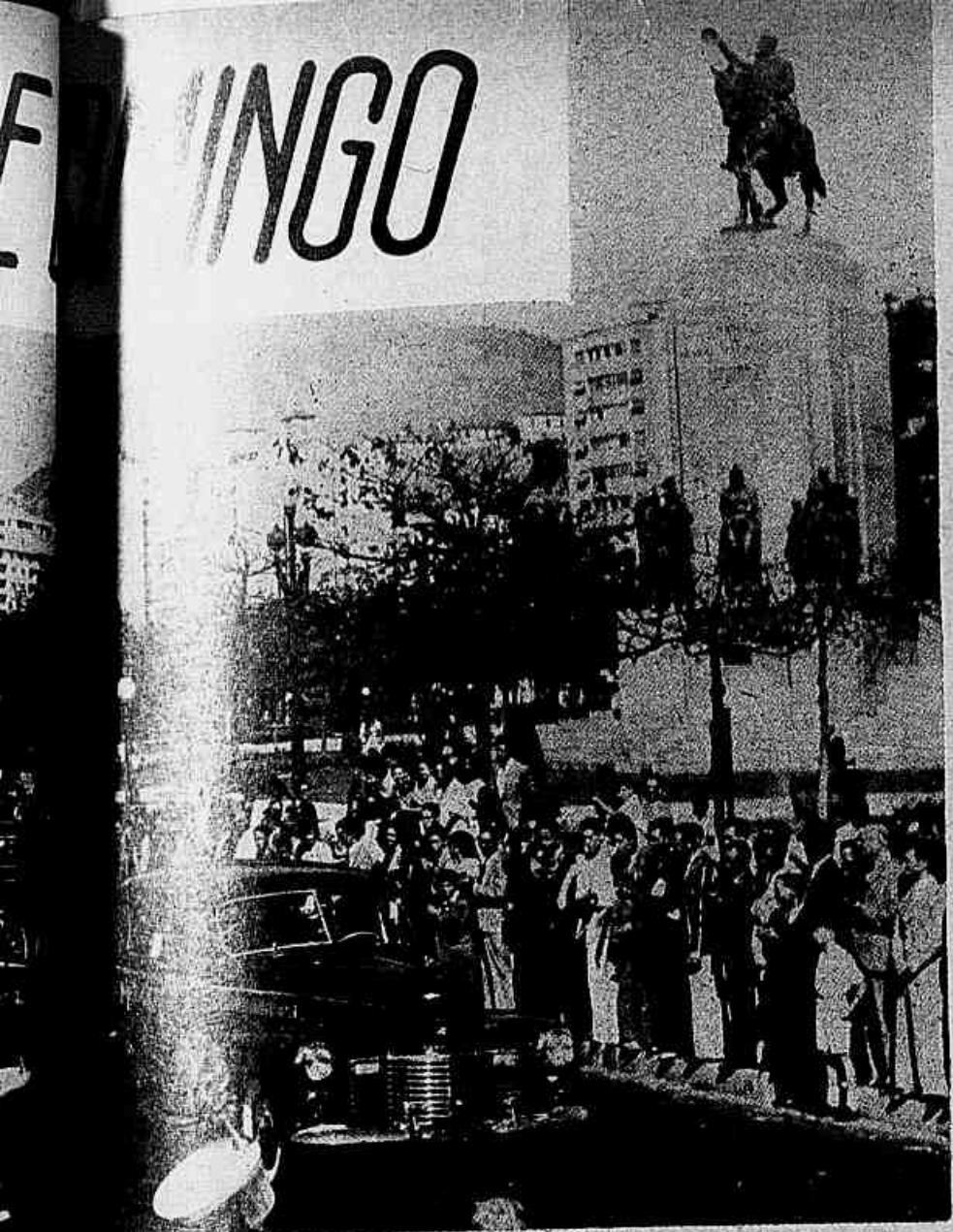
A RECEPÇÃO OFERECIDA PELA COLÔNIA PORTUGUESA NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA.



Uma nota altamente expressiva, e que deu grande realce às homenagens prestadas pelo Brasil à Embaixada Especial Portuguesa, foi a Parada da Mocidade realizada no dia 10 deste mês. Exibiu-se a juventude brasileira com seu garbo próprio perante os nossos visitantes que estiveram acompanhados do presidente Getúlio Vargas, embaixador Júlio Dantas e altos representantes da cultura e administração do Brasil. Os numerosos aspectos dessa Parada colhidos pela "Revista da Semana" dão uma idéia do magnífico espetáculo cênico que foi o desfile de mais de oito mil escolares brasileiros empunhando bandeiras das duas Pátrias através das avenidas festivamente engaloadas de nossa Metrópole.

A PARADA DE





Fagundes Varella

Agosto de 1941 celebra o centenario natalicio de um grande poeta: Fagundes Varella, nascido a 17 de Agosto de 1841 na fazenda de Santa Rita, terra fluminense do Rio Claro.

Luiz Nicoláo Fagundes Varella, como filho segundo, proveio do casal dr. Emiliano Fagundes Varella e d. Emilia de Andrade Varella. Casal com encargo de dezeseite filhos a criar, educar, instruir, encaminhar na vida, não raro desercaminhados aqueles que os pais com inaudito esforço buscavam pôr a salvo dos lodaçais do mundo.

A Fagundes Varella coube estirpe. O avô paterno, Luiz Nicoláo qual o neto, foi graduado em leis por Coimbra universitaria, e representou o Rio de Janeiro nas Côrtes de Lisboa. Acabou lente catedrático do Curso Juridico de S. Paulo para fins de vida em 1831.

Pouco depois o filho Emiliano matriculou-se naquele Curso para se bacharel em 1836 tendo por colegas de turma da ordem de Teixeira de Freitas e Gabriel Rodrigues dos Santos. Para quantos não tem cerebro devoluto taes nomes dizem bastante na jurisprudencia e na oratoria parlamentar.

Emiliano Varella advogou, indo a magistrado. Por ciencia juridica, pela retidão de carater, alcançou elevado conceito como causidico. Almeida Nogueira assim qua-



Luiz Nicoláo Fagundes Varella (Rio Claro 1841 — Niterói 1875).

lificou o dr. Varella. De bom advogado passou ele a bom juiz em termos e comarcas fluminenses.

Na politica fluminense figurou o dr. Varella na «salinha de Niterói», as assembléas provinciaes chamadas «salinhas», a sala na Camara dos Deputados, o salão no Senado do Imperio.

Almeida Nogueira pintou o fisico do dr. Varella: «estatura regular, claro, louro, olhos azues, fronte intelligente e era, de facto, dotado de grande talento». O fisico e o talento paterno seriam lembrados no filho, infelizmente desviado da senda moral de maiores.

Em 1848 o dr. Emiliano Varella era juiz municipal e de orfãos em S. João do Principe, municipio de quatro freguesias. Na de Passa-Tres paroquiara o padre Felix Maria de Freitas Albuquerque, no Rio de Janeiro monsenhor, vigário geral e reitor do Colegio de Pedro Segundo.

Passado o dr. Emiliano Varella, ex-presidente da Camara Municipal de S. João do Principe, a juiz em Angra dos Reis, aí o filho Luiz Nicoláo teve por amigo da infancia José Ferreira de Menezes, o vindouro jornalista tão de pena no abolicionismo.

Habitava o dr. Varella «casinha sem cal, debaixo de copados arvoredos, perto de riacho onde a casa parecia mirar-se», á paisagem não faltando praia imensa verdejada de coqueirais.

Varella, Menezes e outros meninos atiravam-se a banhos após terem galgado rochas em cujo cimo encontravam o fruto de gragoatás e o rubro de parasitas.

A' noite — em certas noites Angra dos Reis toda luar — o dr. Varella recebia visitas. Lá estava Ferreira de Menezes, amigo do «José da família». A este, Menezes lembraria depois até «o tom monotono das cantigas dos escravos quando partião para as roçadas, e quando voltavão...»

Correu tempo antes que Ferreira de Menezes se unisse de novo a Fagundes Varella, ambos academicos na Faculdade de Direito de S. Paulo, então na plenitude de sua sêde convulsa e nesta das suas tão evocativas arcadas claustrais.

Fixando o encontro, Ferreira de Menezes disse a Varella: «Unimo-nos; nossas almas pedirão mutuaes noticias, e curvados sobre nossa mesa de estudos, n'aquelas vigílias de nossa casinha do Braz, muito conversá-mos, muito sonhá-mos.

Já não eras a criança de outros tempos, eras o poeta cujos cantos a academia inteira repetia, repete e repetirá sempre; eras já o successor das glorias d'aquello outro poeta que todos nós adoramos, em cujas estrophes temo-nos todos inspirado; eras a resurreição de Azevedo».

Ferreira de Menezes, o evocador de tantas saudades, formava-se em 1866.

Em 1863 era 2.º anista, veterano do companheiro de folguedos em Angra dos Reis. Na lista de matriculados no 2.º ano, sob n.º 16, achava-se mencionado textualmente José Maria da Silva Paranhos Junior, filho de outro, isto é de igual nome, provincia do Rio de Janeiro. Sob n.º 127 na lista de matricula do 1.º ano se lia apenas

«Luiz Nicoláo Fagundes Varella». O laco-nismo em ação administrativa.

Segundo anista em 1864, Fagundes Varella seria colega de Luiz Guimarães Junior, que o exaltaria em versos de **Sonetos e Rimas**. Terceiro anista em 1865, Fagundes Varella cursaria a Faculdade de Direito do Recife onde entre 2.ºs anistas figuravam Tobias Barreto e Guimarães Junior.

Varella, casado, com Alice Loande, aportou a Pernambuco após sinistro do vapor **Béarn** do qual era passageiro quando a propria vida do poeta era naufragio na intemperança.

Na gente academica do Recife encon-



Jardim Gragoatá, em Niterói, vendo-se a herma de Fagundes Varella.

trou Varella grata acolhida. Entre aquella gente alacre, entusiasta, o poeta vindo de S. Paulo atou amizades, uma foi a de Generino dos Santos cuja copiosa obra poetica, impregnada no positivismo, um dedicado correligionario, o dr. Silvio Vieira Souto, reuniria em cumprimento de voto testamentario.

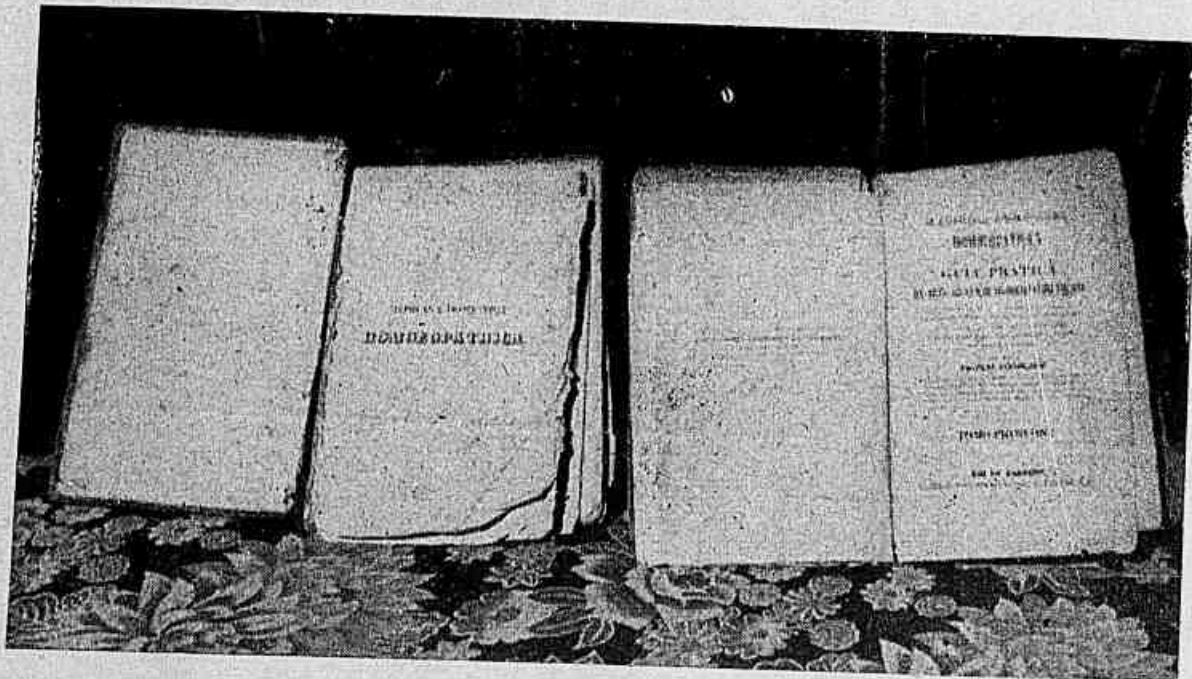
Tornado á Faculdade de S. Paulo, muito mais para rimas constantes que para estudos esporadicos, Varella matriculou-se na 4.ª serie do Curso Juridico no ano letivo de 1866. Quem queira inteirar-se de Varella academico recorra a trabalhos



Ruth, filha do poeta, casada com o sr. Bernardino de Melo Ventura.



Herma de Fagundes Varella, que será inaugurada amanhã em Rio Claro.



Livro de medicina domestica, em dois volumes, que pertenceu a Luiz Nicoláo. É um «Guia Prático de Homöopathia», vendo-se no tomo á esquerda o autógráfo de seu antigo possuidor.



Emiliano Fagundes Varella,
jurista, pae de Fagundes
Varela.

Poeta, quando poetavam Gonçalves Dias e Castro Alves, por outra fôrma desditosos, Varella ombrizou com ambos. Lido e relido na sua época vae sendo apreciado por quem prisa a inspiração espontanea e o verso musical.

Em 1861, aos vinte anos de já atribulada idade, Varella publicára seu primeiro livro em 1.ª série estampado pela Tipografia Imperial de Azevedo Marques.

A dedicatória de **Nocturnas** dizia:

A' Minha Mãe... Doze linhas de oferecimento merecem transcrição, pertencem a poeta passado a prosador, em livro de raridade bibliográfica.

«Nas ferteis regiões da Asia — disse o filho á genitora — a arvore da mirra e do incenso inundão de perfumes a gleba onde vicejão, o cysne do Eurotas desfaz-se em harmonias ante a natureza que o cerca — O Jordão desenrola cadente suas laminas de cristal sobre as arêas de ouro da terra abençoada. Eu não tenho porem cantos — nem perfumes — nem harmonias para vos dar, offerto-vos apenas este palido ramallete das fanadas flores da minha mocidade, acceitai-o porque são saudades que vos envio a través dos mares e das montanhas — são lagrimas cristalisadas na febre das insonias — são os primeiros lampejos de minh'alma doentia que se volvem para vós. Acceitai-o»

Referia-se Varella á sua fanada mocidade, á sua alma doentia ao volver-se filialmente para afeição materna. Pobre mãe! Com certeza sonhára para o seu querido esplendor de juventude em sanidade de alma. Sabendo-a doente no filho a mãe, por meio de segundo consorcio com uma prima, tentou obter convalescença e cura espiritual. Esperou-a d. Emilia sobretudo do nascimento de tres netos, Ruth, Lelia e Emiliano a lembrar irmão por parte de pae, aquele infante cujos efemeris dias haviam inspirado o **Cantico do Calvario**.

Entre esposa e mãe, num lar reconstituído, aos poucos Varella recontraio habitos bohemios tão nocivos a sentimentaes e a indoles generosas. A Varella, poeta, sentimental e generoso, se applicou o verso de Ovidio que traduzido diz: vejo o bem, aprovo-o, e pratico o mal.

Nos ultimos tempos de vida, Varella tornou-se zoófilo dedicando amizade aos cães. São estes muito sensiveis a afagos se não raro os disputam a dente entre companheiros.

Certa vez Varella chegou a casa de amigos com sequito canino. O acompanhado entraria, o sequito não; Varella impôs hospedagem geral, não a obtendo desandou com a sua côrte quadrupedante.



Fagundes Varella em 1865
como 3.º anista de Direito
em S. Paulo.

sobremaneira documentados de Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, tão dado a cultivo de Direito quanto de letras.

Nenhuma Faculdade, nem a de S. Paulo, nem a do Recife, registraria nas listas dos seus graduados o nome de Luiz Nicoláo Fagundes Varella. Tal nome, por extenso, figuraria cedo na edição paulista de **Cantos e Phantasias**, a cuidados nitidos da Casa Garraux em 1865.

Dando ao livro prefacio de quinze linhas, Varella dedicou-o ao Pae, pedindo-lhe ao fechar proemio que «accesse os cantos filiais como eles eram, ditados por talento mesquinho, mas de intenção immaculada e brilhante como um raio da Divindade.»

Pae por sua vês, sem contudo desempenhar os arduos deveres da paternidade, que não consiste em jogar seres ao mundo, Varella redimio culpas; em parte memorando filho no admiravel **Cantico do Calvario**, altisonante vóz de poesia que, ás vezes, se sente embargada por um soluço breve.



Irmã Rosa Lélia, filha do poeta.

Amigo de Varella foi Thomaz de Aquino Borges ao qual o poeta se dirigio no seguinte bilhete sem data e redigido em francês:

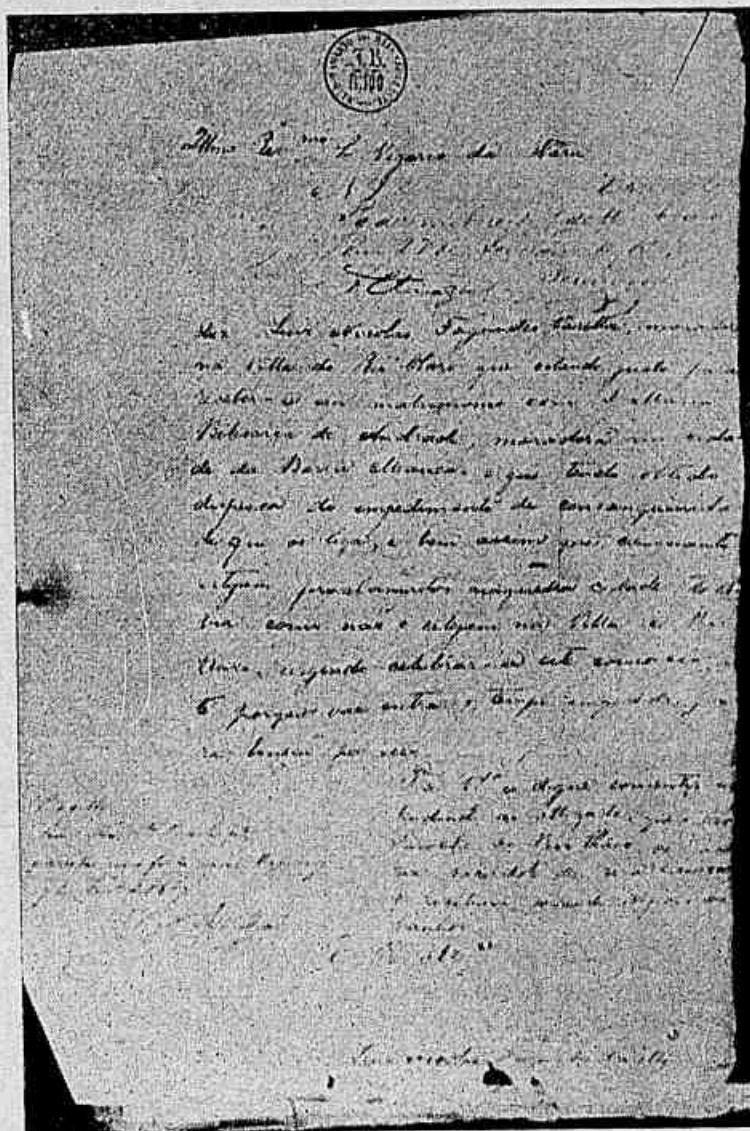
«Thomas. C'est encore une blague que tu me fais, prends garde á la dernière... Je ne m'inquiete pas d'hier mais d'aujourd'hui. C'est trop!

A Dieu. Ton ami Varella.»

Ininteligível hoje, fique o bilhete a titulo de curiosidade.

Após dias torturados, Varella encontrou ultimo a 18 de Fevereiro de 1875, na casa paterna, sita na rua da Praia em Niteroi, rua fronteira a aguas guanabarinas e de larguissimo horizonte ao fundo do qual se alteia o Rio de Janeiro.

Dous anos após o filho, no mesmo cemiterio de Maruí, era enterrada d. Emilia, mãe dolorosa



Cópia fotográfica do requerimento de casamento de Fagundes Varella, apanhado por nosso fotógrafo em Rio Claro. Diz o seguinte:

Illmo. Rmo. Snr. Vigário da Vara N.º 1

10\$000 reis.

Pg. dez mil reis. C. do Rio Claro
em 27 de Fevereiro de 1867
etc, etc.

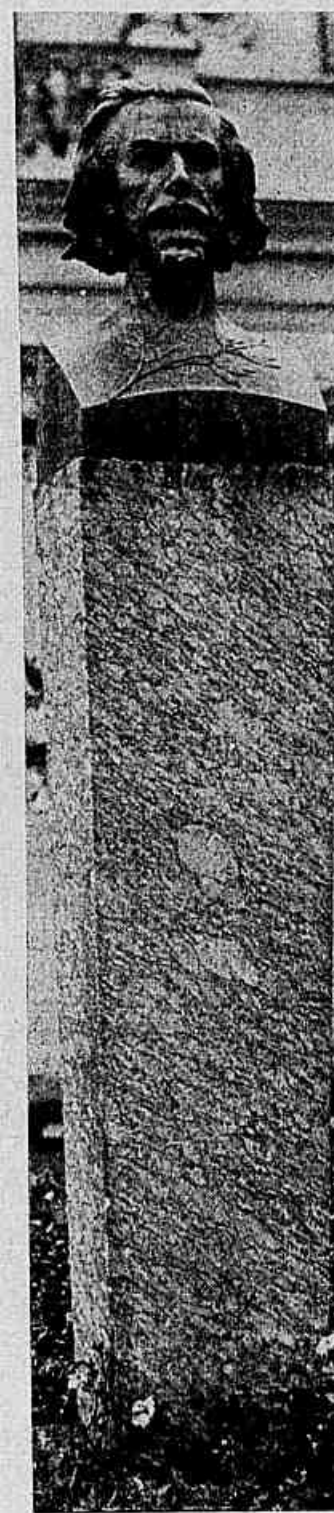
Diz Luiz Nicolas Fagundes Varella, morador na villa do Rio Claro que estando justo para receber-se em matrimonio com D. Maria Belisaria de Andrade, moradora na cidade de Barra Mansa, e que tendo obtido dispensa do impedimento de consanguinidade que os liga, e bem assim, que, conquanto estejam proclamados naquella cidade, todavia como não o estejam na Villa do Rio Claro, urgindo celebrar-se este consorcio, até porque vae entrar o tempo impedido para benção, por isso P. a VS. se digne consentir attendendo ao allegado, Revm. Párocho do Rio Claro, ou qualquer sacerdote de sua licença os recebam, correndo depois os banhos.
E. R. M.

P. o sello. Sim. Ao Rdo. Párocho para proceder como for de razão.
Capivary,
27 de Fev.º de 1867.
O Vig. Speridião

Luiz Nicolás Fagundes Varella.



O sr. Castor Carvahô, v'ho moado em Rio Claro e hoje proprietário dos livros de medicina que pertenceram ao poeta.



Monumento a Fagundes
Varella em Petropolis.

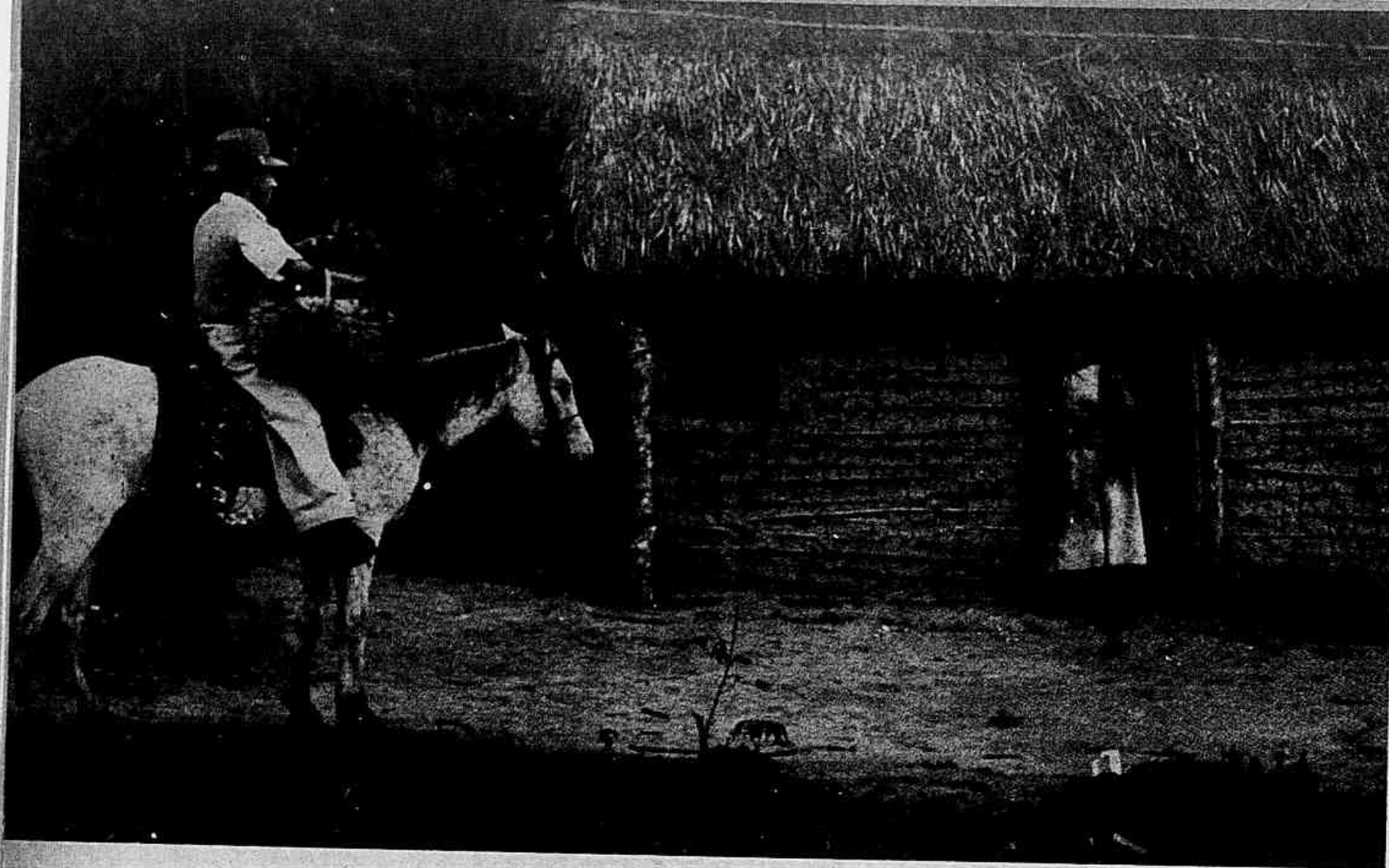
á qual tambem a sepultura concedia descanso negado pela vida.

O dr. Emiliano Varella, sempre respeitado, falecia em Março de 1891, sobrevivendo bastante, a tempo de conhecer homenagens ao filho. Acudindo aos orfãos de Varella, abio-lhes exemplo Joaquim Francisco, diretor do Grupo Coral Orfeão Fluminense, em Agosto de 1881, organisando concerto no Conservatorio de Musica no Rio de Janeiro, concerto ao qual deram presença o imperador e a imperatriz.

Em 1886 duas agremiações retomavam o proposito de 1881 a beneficio dos restos mortaes de Varella. O Congresso Literario Guarani e o Club Dramatico Kean conseguiram recolher despojos do poeta a mausoleu erguido na propria necropole de Maruí. Varella, fluminense, devia mesmo ficar na terra fluminense.

No irrepresavel curso do tempo uma das filhas de Varella toma habito vicentino de irmã da caridade. Vae servir em hospital da Santa Casa da Misericordia, na Gambôa, por varios anos a cargo de grande mordomo todo coração, o dr. João Marques. Foi-nos dado vêr não pouco a Irmã Rosa nas enfermarias do montuoso hospital, acudindo a doentes, confortando-os na religião de Jesus, abraçada á justa pela filha de quem celebrára a dôr no **Cantico do Calvario**, a fé no **Evangelho Nas Selvas**.

Escreva Doria

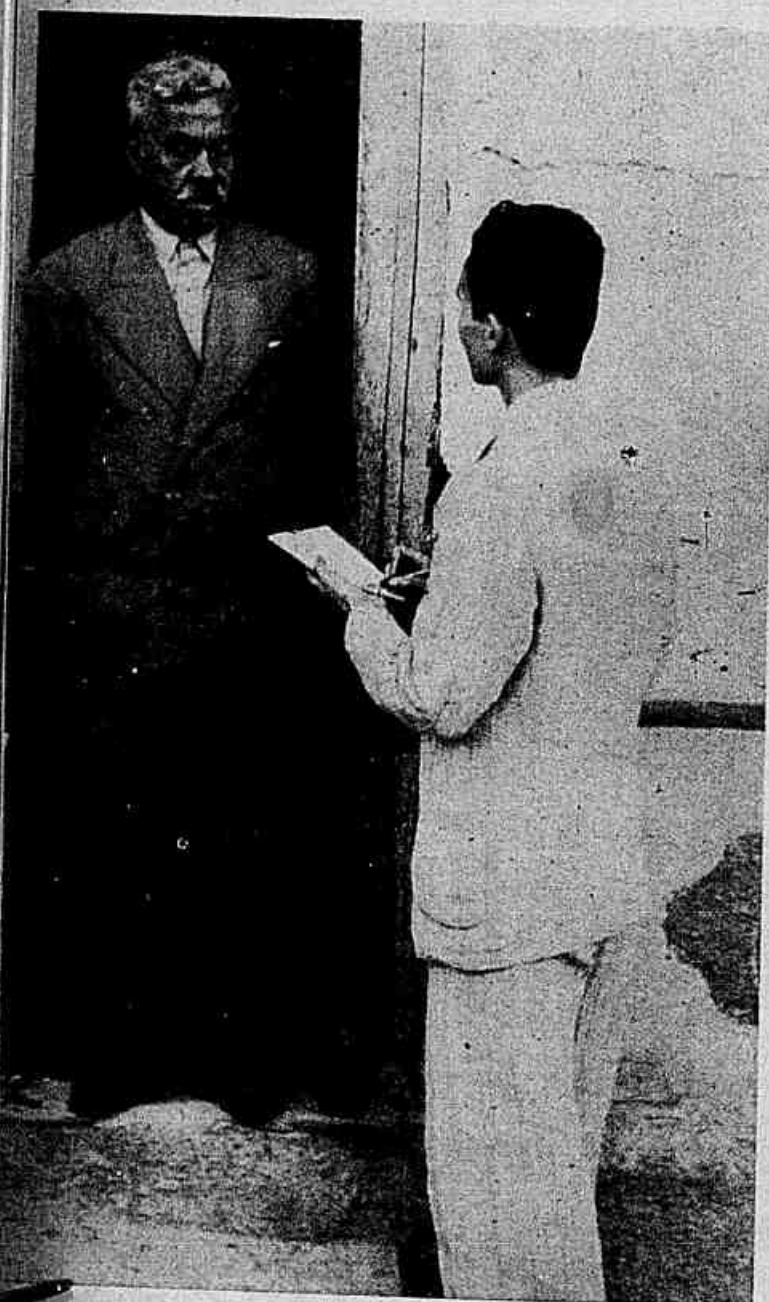


São 5 horas da manhã. O rapaz montou a cavalo, segurou firmemente o cesto das verduras — alface, agrião e couve — para Rio Claro, e recebeu a carinhosa despedida de sua mãe. O sol ainda não aparecera de todo e dezenas de brasileiros já iniciavam sua faina diária. Brasileiros diferentes pela linguagem simples e pela tez algo indú, mas brasileiros grandes pela alma e pelo coração.

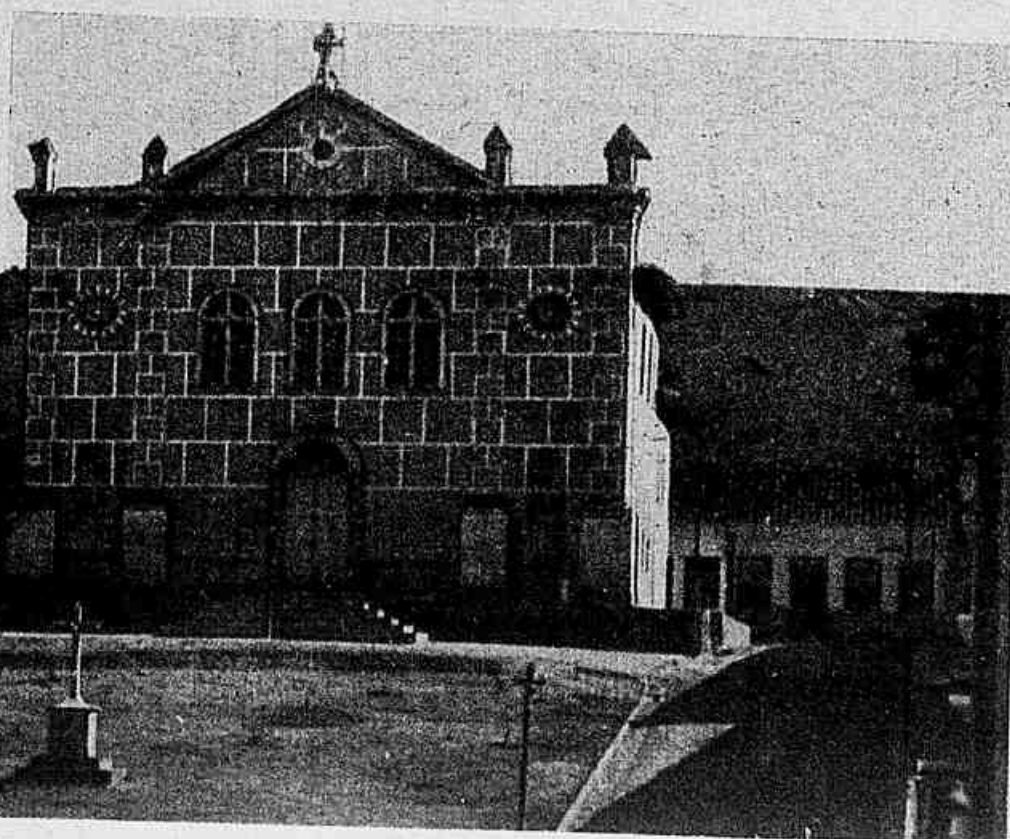


Eis a primeira velhinha a entrar na igreja para rezar uma novena no terço. Em todas as cidades do interior encontramos esse tipo interessante de senhora idosa, vestida de preto, rosto encarquilhado, que de manhã cedo vai ao templo esperando a hora em que as portas se abrem.

Visitando o berço do poeta



A's sete horas "Revista da Semana" acordou o tabelião de Rio Claro. Ele, entretanto, não se importou com isso: já era hora de ir para o trabalho. Todos na cidade o conhecem. E' quem trata de inventários, testamentos e outras coisas. Nasceu em Rio Claro, como quasi todos os habitantes da cidade.

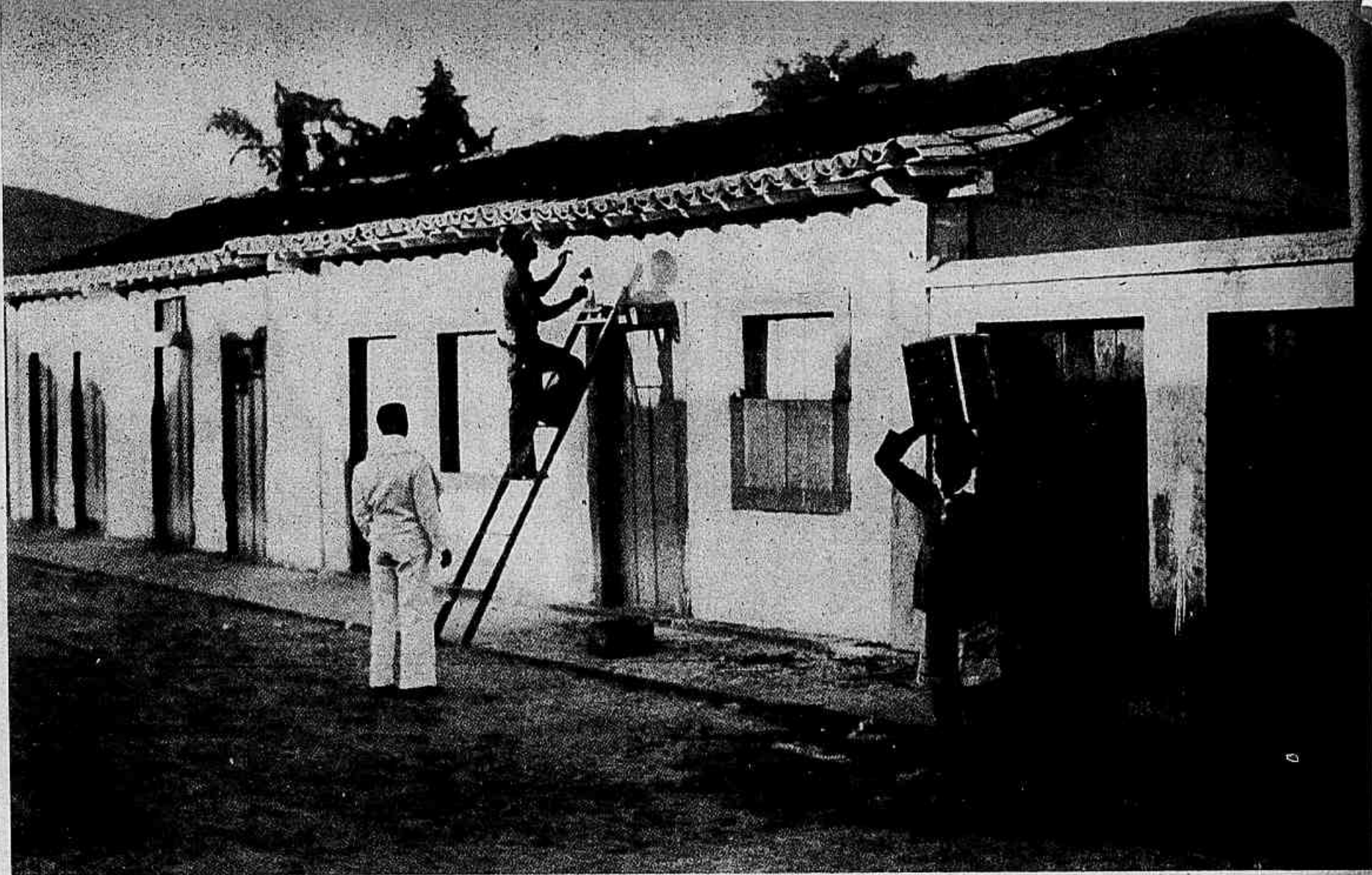


Rio Claro está fadornecida. Mas o velho Felipe Francisco Pinto já realiza seu passeio matinal pela cidade que conhece há 80 anos. Ficou zangado quando o fotografo o mandou segurar a bengala pois, na sua opinião, o nome do objeto é bordão. E' o tipo perfeito dum velho de 1880. A barbicha e os óculos, o chapéu e as palavias indicam estarmos na presença de alguém que assistiu às velhas eleições em que se degladiavam conservadores e liberais que, de casaca e a cavalo, percorriam as vilas da provincia em busca de votos. O seu jeito ainda é o de alguém que em conversa de porta de botica resmungou contra Zacarias ou achou incisivo o ultimo discurso do Conselheiro Paulino.

A' esquerda — Eis a igreja de Rio Claro com o Cruzeiro no largo fronteiro. Igreja curiosissima como arquitetura. Ela e o "sobrado do barão" são os dois edificios mais solidos da cidade. A República construiu mais dois: a Prefeitura e a Delegacia.



Está na hora de abrir a farmacia que os antigos moradores locais ainda denominam botica. Mas hoje em dia não se conversa mais á sua porta. Os tempos mudaram... E' o rádio, hoje, que transmite todas as notícias...



Amanhã haverá em Rio Claro uma festa — a maior festa local — em homenagem a Fagundes Varella no centenario de seu nascimento. Os habitantes estão há dias pintando e consertando as casas, dando aspecto jovem á velha urbe.

de "O Evangelho nas Selvas"



Em frente á Coletoria Federal e ao Telefone Público apanhamos este flagrante do vendedor de leite distribuindo sua mercadoria. 500 réis o litro, é o preço.

Na frente das casas é comuníssimo haver gaiolas com passarinhos. Até no interior de farmácias elas existem. Neste flagrante vê-se uma rioclarense retirando uma gaiola da parede, para a limpeza diária.

Não foi propriamente na cidade que Fagundes Varella nasceu e sim a dois quilômetros e meio de distância, na antiga Fazenda de Santa Rita, que ainda hoje conserva o nome apesar das transformações sofridas. Realmente, a casa em que nasceu o poeta não mais existe e o local serve hoje de invernada de gado. Várias vezes êle saiu e várias vezes voltou ao seio de Rio Claro, de onde se retirou, por fim, para morrer em Niteroi, cidade em que viveu a última fase de sua atribulada existência.

Rio Claro é uma cidadezinha em que a maior habitação é ao mesmo tempo a mais antiga, sendo conhecida por todos os habitantes como o "sobrado do barão". Velha residência senhorial de célebres barões fluminenses, apresenta ainda toda a imponente austeridade dos tempos imperiais que cada vez ficam mais longe. E' hoje o eixo da cidade como foi no passado o eixo da extensa fazenda de café. Seu destino é há bastante tempo o mais singular possível. A imensidão de suas salas e quartos assusta os provincianos habitantes da pequenina cidade, que não sabem o que fazer do grande casarão. Já foi hotel, já foi casa vasia e, de seis meses para cá, é o único clube local: o Clube Fagundes Varella. Mas não há possibilidade de angariar em toda a cidade ou mesmo em todo o município um número de sócios capaz de aproveitar o prédio. E' uma parte do mundo em que não existe o problema do espaço vital. Em frente de sua sacada central em que se vê o monograma B. R. C. — Barão do Rio Claro — passou muitas e muitas vezes, alegre ou triste, desvairado ou inspirado, um doce poeta de basta cabeleira, cujo nome é hoje a cousa mais amada, a adoração suprema de toda a cidade: Fagundes Varella.

Durante muito tempo em decadência, hoje começa a ressurgir Rio Claro entre o caloroso entusiasmo de seus habitantes. Algumas casas tipo bungalow causam estranheza aos olhos locais acostumados a ver unicamente as residências simples, comuns nas cidades do interior fluminense. Uma ou outra habitação traz á posteridade a lembrança do esplendor fluminense, que teve sua época áurea no tempo do café e da escravidão.

Os tipos humanos já não são os mesmos do tempo em que ali viveu Fagundes Varella. Mas seus costumes são tão diferentes dos das cidades cosmopolitas que um dia de Rio Claro parece um dia de outro mundo — mais simples, bem melhor.



A UCRAINA

Origem e historia dêsse povo estranho, e sua posição dentro da União Soviética. - Riquesas da terra.



AS ESTEPES UCRANEANAS — PATRIA DOS COSSACOS RUSSOS: A Ucrânia é também conhecida como "Rússia Menor". Originariamente Estado independente com capital em Kíev, em diversas épocas esteve sob o jugo da Lituânia, Polónia, Austria e finalmente Rússia. Em Novembro de 1917 tornou-se a Republica do Povo Ucraineano e agora é parte integrante da União Soviética. Os Cossacos que habitam essa região têm uma longa história. O renome dos Cossacos do Don é conhecido em toda a Europa. A Ucrânia é um país de rios e estepes, sobre os quais os Cossacos incursionam hoje em bandos, assim como têm feito durante séculos.

MUITO pouca coisa se tem escrito com isenção de ânimo sobre a Rússia. Quase totalmente desconhecido fora de suas fronteiras, êsse vasto país constitue um mundo à parte, mais asiático em sua feição íntima que europeu. Afora o ballet da época imperial, algumas músicas populares, os Cossacos de triste fama e umas poucas amostras culinárias, nada de concreto a média dos homens do mundo inteiro sabe sobre essa imensa extensão territorial que representa uma sexta parte do orbe terrestre. Nem se suspeita que ali existe uma multidão de sub-divisões raciais, envolvendo uma infinidade de linguas, costumes, hábitos e religiões. Uma parte dêsse mundo, quiçá a menos conhecida, é a Ucrânia.

A chamada republica da Ucrânia, que faz parte da União Soviética, mede 518.000 quilómetros quadrados, e tem uns 38 milhões de habitantes. Estão nela incluídos uns 98.000 quilómetros quadrados, com 7 milhões de habitantes, que passaram para o poder da Rússia depois da conquista da Polónia pelo exército alemão, em 1939.

Indubitavelmente, essa parte da Rússia é uma das regiões mais férteis do mundo.

O Dnieper de um lado e o Don do outro, irrigam-na fastidiosamente. Odessa, seu principal porto, é também a mais importante base naval do país.

Esse país produz em grande abundancia trigo, centeio, cevada, batata, linho e beterraba. Provêm dali 85 por cento do açúcar de beterraba produzido em toda a União Soviética, e mais da quarta parte do trigo, havendo épocas em que se chegam a colher na Ucrânia 25 milhões de toneladas métricas dêsse cereal, por ano.

Na região norte aproveita-se a palha de diversas gramíneas, cujos caules atingem três e quatro metros e meio de altura, cobrindo as searas imensas extensões. Dá-se ali um tipo especialmente resistente de canhamo, que atinge 6 metros de altura, com o qual se tecem cordas e panos grossos para vestuário, cultivando-se o girasol em grande escala, tanto para alimento dos gados como para extração do óleo das sementes.

Na região sul cultivam-se pepinos, abóboras e outros géneros da horta, melões, maçãs, peras, ameixas e cerejas. Da Ucrânia saem aproximadamente 40 por cento do total dos ovos produzidos na União Soviética, e ali se encontra uma quarta parte do total de cabeças de gado vacum de todas as Russias.

Embora a enorme maioria do povo ucraineano se dedique á agricultura e á criação de animais, nestes ultimos anos intensificaram-se nesse país russo as actividades industriais de vária espécie. A Ucrânia produz aproximadamente quatro quintos da extração total de hulha da União Soviética, 70 por cento do ferro em lingotes, e mais de 90 por cento do manganês. Entre os produtos mais importantes das suas fundições e fábricas figuram o ferro, o aço, locomotivas, instrumentos agrícolas, calçado, açúcar, sabões e cigarros.

O povo ucraineano é profundamente religioso e esteve sempre ligado á ortodoxia grega. Os costumes tradicionais e as lendas da nação são cultivados e transmitidos de geração a geração. Um grande número de herois, quase sempre cossacos, merece especial culto. A grande maioria do povo da Ucrânia é iletrada. Ainda o último censo demonstrava que os ucraineanos são os mais iletrados de todos os russos europeus.

A história da Ucrânia é por demais interessante. Toda ela é uma série de lutas contra hordas de mongóis, turcos e polonêses. Foi nessa parte da Rússia que os celebrados Cossacos do Don escreveram para o mundo as suas lendas heroicas. De fato, pode dizer-se que a história da Ucrânia é a história dos Cossacos.

A origem dos Cossacos vem do tempo em que os Tsars de Moscou e os Reis da Polónia construíram fortes para proteger as populações agrícolas contra incursões das tribus nômades que vinham das stepes. Os verdadeiros Cossacos livres, citados na história e no romance, só aparecerão, porém, mais tarde. Inteiramente independentes, constituídos em comunidades militares, surgirão nas margens dos três grandes rios que correm para o sul — Dnieper, Don e Volga — e ninguém jamais tentará passar por essas regiões sem sua permissão. Constituíram-se de elementos nômades, em parte mongóis e em parte eslavos. De fato são os descendentes dos conquistadores mongóis que devastaram o país, sob o mando de Batu Khan em 1236. Este terrível conquistador houve por bem, após numerosas e terríveis incursões na Ucrânia, estabelecer-se às margens do Volga, onde nasceu, ao redor do Sarai de Batu Khan da capital da famosa Horda de Ouro, que viveu de tributos pagos pelos principes ucraineanos. Em 1480, o tsar Ivan III, chamado o Terrível, insurge-se contra êsse estado de coisas.

Por essa época, um cossaco de nome Yermak sae á frente de uma horda de flibusteiros e piratas disposto a conquistar a Sibéria. Tendo conhecimento da avançada dos cossacos, o Tsar resolveu mandar um grande exército sob o mando do famoso Príncipe Mehmet-Kul ao seu encontro. A sangrenta batalha que se travou parecia estar decidida contra Yermak quando perece o Príncipe, resultando uma debandada dos tártaros que combatiam pelo Tsar. Yermak ficou senhor da Sibéria.



"COSSACOS DO DON INVADINDO UMA VILA DE FRANÇA": — Uma recordação da era amarga de Napoleão: Após a queda do imperador francês, o tsar Alexandre sacudi as hordas semi-barbáricas dos Cossacos contra o povo francês. Sua brutalidade e barbarismo eram comentados em todo o continente. O quadro que aqui reproduzimos foi publicado no ano de 1818.

Os cossacos da tradição e os verdadeiros cossacos da Ucraina



"COSSACOS INCURSIONANDO EM UMA CIDADE POLONESA": Pintura do artista polaco Wojciech Kossak. De todos os povos do antigo império russo, os poloneses, que mais profundo tinham o sentimento nacionalista, foram as vítimas eleitas da fúria e brutalidade dos Cossacos, que eram o símbolo da opressão tsarista.

Foi um grande triunfo dos Cossacos e Yermak, depois de ouvir os seus companheiros mais velhos, resolveu utilizar sua vitória como instrumento de aplainamento das relações entre os Cossacos e o Tsar.

Ivan aceitou com alegria a inesperada proposta de conciliação e os presentes que lhe enviava o seu rival, atribuindo-lhe em recompensa pelo alargamento do Império o título de Príncipe da Sibéria.

Pouco tempo depois, porém, Yermak perecia em uma nova expedição.

Depois de sua morte, os Cossacos se dispersaram e recuaram em direção ao Oeste, estabelecendo-se mais ou menos permanentemente nas planícies ucrainas. E' então que tem início a série de incriveis façanhas que constituíram a fama universal dos Cossacos. Os mais célebres d'elles foram, não há duvida, os Zaporozians do Dnieper e os Cossacos do Don, que levavam a vida desafiando o Tsar, lutando uns contra os outros e arrancando tributo aos mercadores que cruzavam seus territórios, ou navegavam pelos rios. Ainda que considerados súditos do Tsar, os Cossacos livres — com especial razão os indomáveis Zaporozians — de modo algum consideravam necessário obedecer a ordens superiores, e só seguiam as determinações imperiais quando estas redundavam em benefício para elles. Em verdade eram utilíssimos ao Tsar como armadura contra invasores, que encontraram sempre naquela região uma entrada para a Europa. Por outro lado, porém, não poucas vezes se voltavam contra Moscou, como fizeram em 1670 sob as ordens de Stenka Razin e em 1773 dirigidos por Pugatchev. Durante a guerra entre Pedro o Grande e Carlos XII da Suécia, os Zaporozians combateram contra o Tsar. Em consequência o Governo central tomou seríssimas medidas contra elles, privando-os inteiramente de liberdade. Apenas os Zaporozians foram capazes de resistir, sendo submetidos, porém, no reinado de Catarina II, quando em parte transferiram-se para o Cáucaso, onde poderiam continuar sua vida primitiva de lutas constantes.

A vida nos acampamentos cossacos era idealmente democrática. Todos, inclusive os chefes, estavam situados em um plano de perfeita igualdade. Todos os anos procediam-se eleições, e qualquer Cossaco podia ser escolhido chefe do seu Kuren ou companhia, e qualquer chefe de Kuren podia ser eleito Ataman — chefe supremo.

Após uma incursão proveitosa, a presa era dividida igualmente com todos, seguindo-se danças, bebedeiras, cantos, jogos, e competições de desportos. A grande maioria das canções e lendas cossacas, que chegaram até nossos dias, refere-se a façanhas de piratas e bandos de aventureiros. Com o desenvolvimento de condições mais estáveis e o progressivo desaparecimento das oportunidades de pilhagem, os Cossacos gradualmente foram perdendo sua fisionomia e finalmente se incorporaram ás cidades que progrediam nas margens dos rios, unindo-se efetivamente ao Império. Em fins do século passado, elles foram organizados e

incorporados ao exército regular, conseguindo a fama de mais leais e valorosos soldados russos. Em compensação, mereciam especiais deferências, desfrutando de um sistema de promoções regulares do qual veio a surgir uma aristocracia Cossaca que se instituiu em grande proprietária de terras na Russia.

Em 1917, os Cossacos foram os principais defensores do trono contra os revolucionários de Lenine. Vitorioso o movimento comunista, muitos d'elles, juntamente com Denikin, Koltchak e Wrangel, abandonaram a pátria.

Os Cossacos que hoje em dia se exibem pelo mundo a fóra em circos e feiras são, em sua maioria checos, georgianos, etc; e os modernos cossacos da cavalaria russa são-no

apenas no nome, não obstante procedam das tradicionais regiões do Dnieper, Don, Urál e Volga.

Os Cossacos da Ucraina e os ucrainos foram durante algum tempo um incômodo espinho ao lado dos Soviets. Ainda em 1922 insurgiram-se provocando sangrenta guerra civil. Constantemente tem sido mudado o governo da República, e a paz que reinou nos últimos anos parecia ser alguma coisa de superficial. Positivamente um povo tão rico, de tradições tão ligado á terra seria o último a aceitar a drástica mudança que os revolucionários impuseram ao antigo Império Russo.



A FIGURA SATANICA DA TRADIÇÃO: Esta antiga pintura mostra o tenivel cossaco visto pelos olhos dos camponeses da Polónia e da Rússia, para os quais ele era um perfeito flagelo. Em revoltas e insurreições, os cossacos foram utilizados pelo tsar como açoite contra aqueles que se rebelavam.

Cigars, cigarettes?

O problema
dos isqueiros e
das caixas
de fósforos



Para os homens isso não chega a ser exatamente um problema, porque, em sua grande maioria, eles adotaram definitivamente os fósforos; entre a elegância requintada e pouco prática de um isqueiro e a comodidade de uma boa caixa de fósforos, só mesmo os muito estilizados preferem o primeiro. Os outros tentaram, a princípio, aderir ao encanto desses pequenos objetos; mas, diante de sua resistência passiva na hora de prestar serviços e de sua consequente inutilidade, desistiram para sempre. Para as mulheres, porém, o caso assume proporções alarmantes do ponto de vista estético. Em casa e na intimidade ainda se admite que uma bela mulher, elegantemente vestida, use uma caixa de fósforos antiestética para acender o cigarro, dando a impressão de que a trouxe da cozinha, mas, em qualquer lugar público ou em uma recepção familiar de mais cerimônia, um isqueiro torna-se indispensável, mesmo que não funcione no momento necessário, dando então oportunidade a algum cavalheiro gentil de acendê-lo com os seus fósforos.

Esse problema tem preocupado seriamente os creadores da moda que até agora não chegaram a uma conclusão no modo de solucioná-lo. Uma das sugestões mais interessantes, para ser adotada em certas épocas do ano e como complemento de determinadas toilettes, são as luvas criadas por Schiaparelli, em antilope, cujo punho, feito no mesmo papel usado para as caixas de fósforos, é pespontado ao comprido e cheio de fósforos.

JORNAL DAS FAMÍLIAS



Costume de lã branca com xadrez marron. Chapéu de feltro branco, enfeitado com fita de veludo marron.

CRONICA DA MODA

«Simplicidade requintada», é esta a palavra de ordem da moda atual. Os costumes, os **manteaux** (para sport e para o dia), os vestidos de passeio, os elegantes vestidos para a tarde e mesmo as toilettes para a noite evitam todo o exagero. Ponderação antes de mais nada. Como não apreciar uma moda de tão bom gosto, permitindo no entanto a todas as mulheres usarem o que lhes diz bem? Com exceção

feita aos **manteaux** género sport, os costumes e os vestidos género **tailleur**, a silhueta tornou-se mais flexível, mais movimentada. Notam-se a grande voga dos **raglans**, efeitos de bluzados, a cintura fina. Os vestidos para o dia são em geral muito singelos, muitos com abotoamento de alto a baixo na frente, as saias levemente rodadas, guarnições sobrias, mas originaes, acompanhados por um cinto do proprio tecido ou de camurça.

Os vestidos da tarde mais requintados, com detalhes encantadores e em tecidos mais ricos. Para a noite, para jantar em casas amigas, para as pequenas festas familiares, usam-se vestidos curtos, mas não tão curtos como os da manhã, são vestidos para dois fins, para as horas elegantes da tarde ou da noite.

Os vestidos guarnecidos com coletes, os **manteaux** largos e as **redingotes** cintadas estão muito em voga.

Para a mocidade, na qual tudo diz bem, observam-se vestidos com pala e encantadores **boleros**, também criados especialmente para elas, toilettes para a noite vaporosas, feéricas, em tule, renda, tafetá, com **ruches** e babados. Aí igualmente o **bolero** tem um papel importante: executado em tafetá ou em veludo acompanha uma saia longa e uma blusa leve.

Marinette.



Ao alto, á esquerda: Vestido de fina lã bege, saia de godet, os bolsos amplos e de original feitio são guarnecidos por botões simples marron.

Ao alto, á direita : Vestido de seda preta para a tarde; saia bem ampla; manteau de lã branca de feitio simples; bolsos aplicados.

Ao lado: Elegante casaco de lã bege claro, talho simples, com aplicações de raposa prateada nas mangas.



Novidades



Ao alto: Elegante casaco $\frac{3}{4}$, para a tarde ou para a noite, em "persiano" negro.

Ao alto, á direita: Manteau de lã branca, com nervuras, guarnecido com 3 grandes botões e punhos de originais confecções.

Fotos RDV especial para esta revista.



da Europa



O Supremo padrão da plastica feminina, outrora representado pela *Venus de Milo* é hoje criação da *Cinta Moderna*

OUTORA VENUS DE MILO	HOJE CINTA MODERNA
160 ALTURA	157
36 PESCOÇO	31
28 BRAÇO	24
88 BUSTO	80
72 CINTURA	60
95 CADEIRA	87
50 COXA	45
34 JOELHO	30
22 TORNOZELO	18½

Cintas Modeladores Soutiens

A CINTA MODERNA

PEÇAM CATALOGO

RIO DE JANEIRO
Fábrica e escritório — R. CONS-
TITUIÇÃO, 36 — Fone 22-2849.
Loja: — RUA URUGUAI-
ANA, 47 — Fone 22-4053.

FILIAIS: Rua São Bento, 78 - Fone
2-7890 - São Paulo. Praça da Re-
pública, 31 - Fone 4-6674 - São
Paulo. Avenida Afonso Pena,
932 - Fone 1097 - Belo Horizonte.

*Vestido de crepe de fantasia,
mangas raglan com nervuras.
Faixa do proprio tecido.*

LÁBIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO. — OUVIDOR 181

*Vestido de crepe vieux-rose
com pala, mangas, cinto e
bolsos de crepe azul.*

*Costume de lã azul marinho,
o casaco cintado e guarnecido
com pespontos.*

*Vestido de linho branco, pes-
pontado de azul. Chapéu de
feltro branco; guarnição das
luvas, lenço e fita do chapéu
em azul rei; cinto de couro
azul.*

ELEGANTES
E SIMPLES

★ *Baton* FLAME-GLO ★
Em 10 tons modernísimos
Côr da moda ROYAL WINE



- 1 — Manteau de drap beige, guarnecido com pele marron na gola e nos bolsos.
2 — Vestido de crepe beige, guarnecido com franzidos. Faixa do proprio tecido.



Impeccavel

Um semblante que poderia ser chamado lindo, torna-se menos atraente si o esplendor do rosto sente-se empanado por pequenas máculas.

O "Creme para os Póros" que Elizabeth Arden idealizou, é um agradável preparado adstringente, sem consistencia gordurosa, que contrõe os póros dilatados, evitando assim o aparecimento dos cravos. O "Creme para os Póros" aplicado após a limpeza da cutis processada com o "Ardena Creme de Limpeza" e o "Tônico para a Pelle" contribue eficientemente, para obter-se uma pele impeccavel.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



1 — Manteau de lã bordeaux, com botões dourados. 2 — Costume de lã azul. O casaco com gola e punhos de fustão branco.



Costume de crepe preto e branco, gola e botões de veludo preto. Rosa vermelha na aba. Chapéu de feltro preto. As luvas e a bolsa de camurça preta.

Penteado moderno



Para acompanhar um vestido de baile de tulle rosa, este penteado formando cachos na nuca.

EXERCÍCIO E AR LIVRE



As crianças exteriorizam livremente os seus sentimentos. E quase nunca devem ser inibidas em suas expansões naturais.

Os exercícios ao ar livre devem fazer parte do regime diário da criança. Na construção da sua saúde as propriedades da luz solar, do ar fresco e dos exercícios são muito superiores aos vidros de tónicos. Todas as partes do corpo são fa-

voravelmente influenciadas pelo revigoramento que vem dos exercícios ao ar livre.

Apenas durante o tempo extremamente frio ou tempestuoso deve a criança ficar dentro de casa.



A diversão desta natureza, que se difundiu e espalhou pelo mundo inteiro, pode despertar emoções demasiado fortes para uma criança. No entanto, o arrojo e o destemor encontram aqui um sadio estimulante.



Um exercício só aconselhável para crianças que já possuam auto-controle.

Para os exercícios ao ar livre, o jovem precisa ser equipado com apropriadas cousas para o brinquedo. Bolas grandes, um carro, um velocípede, um carro de boneca, uma escorregadeira são brinquedos aconselháveis para crianças de dois a quatro anos de idade; bolas menores, bolas para foot-ball, patins, bicicletas pequenas, raquetes de tenis, interessam a crianças mais velhas, entre os quatro e seis anos.

A importância de tornar os exercícios

ao ar livre um hábito na vida da criança não precisa mais ser frizada. Si isso não for feito, sérias dificuldades poderão surgir mais tarde na própria infância ou na adolescência. A criança que não viveu ao ar livre desde os primeiros meses de vida pode, durante sua vida escolar, desejar permanecer dentro de casa todo o tempo, dedicada exclusivamente aos livros e aos estudos, descurando-se das essências de uma boa saúde. Os contactos sociais devem ser incentivados.



Maria Lucia e Geraldo Luiz, interessante casal de gêmeos, filhinhos de d. Thalyr Xavier Vasques e dr. Geraldo Vasques.

A RESPEITO DA VITAMINA C

A noção das vitaminas toma um lugar cada vez mais importante na higiene alimentar da primeira infância e, até a idade de dois anos, o papel da vitamina C tem uma importância capital.

Sabe-se que a carência desta vitamina provoca o escorbuto, uma doença grave. A vitamina C encontra-se em todos os vegetaes, nas frutas frescas (limão, laranja, etc.) no leite e nas carnes frescas.

Mas como encontrar a criança a vitamina C? No leite? Mas este é geralmente fervido ou esterilizado e a vitamina C é extremamente sensível aos agentes físicos ou químicos.

Pois bem: o organismo da criança, por si, resolveu a questão. Com efeito, está provado por estudos exaustivos que o organismo da criança é capaz de fazer a síntese desta vitamina. É certo que a natureza quiz evitar a carencia da vita-

mina C e, como a criança faz um consumo intenso dela, deu-lhe o meio de fabrica-la.

Mas, á medida que vão aparecendo os dentes, e que a alimentação da criança vae alargar-se, a tendencia para esta função decresce. Já no começo do primeiro ano diminue, para desaparecer lá para o decimo quarto mez.

Devem todas as mães saber que é preciso pois começar a dar suco de frutas desde o setimo mez. O caldo da laranja lima bem coado é o melhor para as crianças.

As vitaminas são substancias que, em doses mínimas, permitem a realização dos fenomenos da vida. São indispensaveis ao nosso organismo e, no entanto, o nosso organismo é incapaz de produzi-las.

Devemos pois todos comer legumes e frutas cruas, pois que contêm muitas das vitaminas de que o nosso organismo necessita.



...isso é sinal de alimentação inadequada. Tome, pela manhã, um mingau de Quaker Oats para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats assegura uma reserva alimentar para a manhã toda. Quaker Oats é de gosto agradável, economica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.



Insista em comprar a lata com a figura Quaker — a aveia sem impurezas.



Wilson, filho do sr. Marcos de Oliveira Nunes e d. Odette Barbelto de Azevedo Nunes.

CORREIO FEMININO

Igneiz Mariz:

Estou nesse estado de espírito em que a criatura humana tem a impressão de que está sonhando, pois a realidade, de tão brutal, não pode penetrar em nosso cérebro. Vou lhe contar, em duas palavras, o meu triste caso: minha irmã tomou o meu noivo! Tenho tanta vergonha em confessar isso, como se fosse eu mesma que tivesse praticado ação tão feia. O caso se deu assim. Trabalho fora, chego em casa sempre muito cansada, por isso prefiro muitas vezes ficar à noite ouvindo rádio em vez de ir ao cinema. Minha irmã deu para sair ultimamente com o meu noivo e isso absolutamente não me preocupava, pois eu seria incapaz de alimentar suspeitas a respeito delas. Até hoje, sempre foi a lealdade que orientou a minha vida. Por isso não posso explicar a tentação diabólica que senti de abrir uma carta alheia. Ele havia ido a São Paulo dois dias antes, quando o carteiro entregou-me uma carta dirigida a minha irmã. O endereço vinha datilografado, mas, repito, não sei por que, a dúvida mais atroz se apoderou do meu espírito. Num impulso irresistível, rasguei o envelope. Não tive nem tempo para analisar a ação que praticava. Dentro, dobradinha em quatro, estava uma carta dela. Ainda quis me iludir, pois a carta começava do mesmo jeito que as minhas: "minha querida, minha adorada noiva", quem me dera ser livre para amar-te abertamente! Quem me dera ter-te conhecido antes da "outra"! Essa outra era eu, redatora! Que coisa bárbara, desumana, ele fez comigo! Subi para o meu quarto, cambaleando, tranquei-me, caí na cama chorando. Estou desesperada. Isto foi ontem. Hoje, aparentando calma, consegui iludir mamãe, dizendo que estava me sentindo mal e não desejava ser incomodada. Alguns dias antes tinha ouvido pelo rádio a notícia de sua seção e nunca pensei que viesse tão depressa precisar dos seus conselhos, da sua compreensão... Que devo fazer? Depois de uma noite inteira de reflexão, acho que devo "fugir" disfarçadamente, pretextando doença. Não tenho coragem para assistir à vergonha deles, quando souberem que eu também já sei de tudo. Estando longe, irei aos poucos esfriando a correspondência, até acabá-la de todo. Depois mandarei um bilhete lacônico, desmanchando o noivado. O meu primeiro impulso foi desmascará-los imediatamente, porém... essa irmã é a criatura mais cara ao meu coração. Sou mais velha do que ela. Tenho-lhe quasi amor de mãe. Afinal, é mais digna de lástima do que de censura. Praticou essa ação decerto levada pela irreflexão própria da idade, não acha? Dezoito anos, somente, que ela tem. Eu, vinte e quatro.

Será, Ignez Mariz, que ainda chegará o dia em que eu possa dizer: esqueci aquele caso para sempre? Ai quem me dera saber! Hoje, o meu coração trans-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

POMBO-CORREIO

Não sei si todo mundo experimenta aquele alvoroço que eu sinto, toda vez que ouço o rumor surdo de um avião postal.

Que notícias boas me trará desta vez?

Tenho parentes ao Norte, tenho amigos no Sul.

E... quantas vezes ele chega e torna a partir sem se incomodar com o meu desejo impaciente de receber uma carta! Nem por isso deixo de esperá-la, toda vez que ele corta os ares com um zumbido estridente de bezouro monstruoso.

Avião, pombo-correio de alumínio: não sei por que a tua passagem deixa sempre na alma da gente um rastro luminoso de esperança... pois si tantas vezes conduzes, no teu bojo roliço, a nova lutuosa de uma desgraça?!

IGNEZ MARIZ

borda de amargura e desespero. Si não vier a resignação, nem quero pensar de que serei capaz...

Aquela que perdeu para sempre a fé na Humanidade.

Minha leitora:

Trabalha fora, trabalha muito com certeza, para manter o conforto dos seus, inclusive dessa irmã que se mostra hoje tão pouco merecedora de amizade e sacrificios.

Sendo boa de mais e tendo o caráter essencialmente honesto, você não registrou de pronto a anormalidade da situação, porém o subconsciente (o nosso melhor amigo) se encarregou de fazê-lo e foi obedecendo a esse "aviso" que ras-

gou o envelope. Si nem ao menos teve tempo de analisar o gesto que estava praticando, não é responsável por ele.

Quanto à sua irmã... por favor, minha leitora, não atribua à sua mocidade o gesto desleal que ela praticou. Fez isso de má e não merece desculpa de jeito nenhum. Lealdade não é virtude. É dever. E quando se trata de um irmão, temo-lo redobrado. Si ela tivesse tido a coragem de se chegar a você e confessar o que estava acontecendo, teria pelo menos dado provas de arrependimento e talvez fosse digna de um perdãozinho. Mas, agindo dissimuladamente, dia após dia, mês após mês... qual!

Bem disse Humberto de Campos, o grande "mestre na Ciência da Vida":

"A alma humana é uma caverna tão

PRIMAVERA...

Entre tantos e tantos fatores que determinam os aspectos das modas, aqueles que se referem às estações do ano são provavelmente os de maior importância. Quando chega a canícula de dezembro, janeiro, fevereiro, enveredamos para os organdis, organzas, linhos, tobralcas, algodões mais finos, tafetás, rendas mais leves. É a hora dos trajes leves e vaporosos. Vindo o inverno, temos que nos abrigar, e então precisamos dos veludos, tweeds, lãs, flanelas, setins mais pesados. No outono e na primavera é que estamos no meio termo, sendo que nesta passamos para os tecidos coloridos e vivazes. A temperatura decide, quanto ao inverno e ao verão, o caminho a seguir, porque temos ou que nos agasalhar ou que nos livrar de pesados trajes, em vista dos rigores de uma ou de outra estação. Já na primavera ou no outono não é muito a temperatura que decide, pois tanto na primeira como na segunda podemos perfeitamente encontrar várias escalas do termômetro, desde a mais fria até a mais quente. É indiscutível, porém, que, no momento, nossa tendência é para os agasalhos. Foi por isso que, quando das apresentações da Coleção de Modas Inglesas, no Rio e em S. Paulo, os *tailleurs* conseguiram nossa mais vibrante admiração. Sim. E é justificável, pois, como dissemos, nossas simpatias se voltam atualmente para os agasalhos. De facto, quem é que poderia tomar qualquer interesse, em janeiro, por casacos compridos ou por *tailleurs*, mesmo que eles fossem elegantíssimos? O que queremos, nestes meses deliciosos que estamos atravessando, é entregar-nos completamente ao prazer de estar envoltos em longos *manteaux* e casacos...

Diante, portanto, desta nossa tendência do momento, para os agasalhos, seria interessante darmos uma vista d'olhos sobre o que nos sugerem os tecidos que para eles são destinados, observando, naturalmente, os de melhor procedência e de melhor qualidade. As notícias que nos chegam da Inglaterra, apesar da guerra, são bastante auspiciosas. Naturalmente o *tweed* foi e sempre será o tecido favorito da mulher esportiva. Fazenda de lã pura, muitas vezes tecida a mão, o *tweed* nos traz em si um calor natural e doce, que se difunde pelo corpo. Sua elasticidade é bem importante, pois assim os alfaiates que o trabalham podem, pela mestria de sua arte, adaptá-lo perfeitamente à silhueta feminina. Há uma maravilhosa criação em *tweed* verde pintadinho de preto e vermelho, que possibilita lindíssimos modelos. A vitória do *tweed* é uma demonstração de que a mulher moderna sabe como aproveitar elementos originalmente masculinos, sem jamais esquecer que ser liada é seu dever primordial.

Lãs, flanelas, rendas mais pesadas e uma infinidade de tecidos acolhedores são indispensáveis nestes dias. Aliás, seria bom lembrar que o tecido sempre desempenhou papel importantíssimo na confecção de modas. Muita coisa nesse sentido, para se conseguir um modelo bonito, depende do tecido. As vezes ele é que inspira o costureiro. Suas qualidades intrínsecas, urdidura, flexibilidade, colorido determinam a criação.

Há uma agradável lã preta inglesa, mais uma notável criação dos teceles. Ela dá-se admiravelmente bem para lindo *tailleur*, tão próprio de usar à tarde, no Jockey Club. Uma flanela branca, também da mesma procedência, oferece idéias maravilhosas para *manteaux*, amplos e confortáveis, para quando a tarde cai e o sol se esconde, no *décor* de um crepúsculo friorento. Lachasse recentemente criou, nesse tecido, um modelo maravilhoso, de linhas soberbas. Os franzidos são arranjados com arte. Linha longa esguia nas costas abotoadas. Guarnição de grandes bolsos quadrados, como que inspirados numa espécie de cubismo.

E assim, outras e outras poderiam ser as sugestões próprias para estes dias que mal caminham ainda para a primavera. Tudo nos dá a certeza de que nenhuma mulher pode deixar de ter, em seu armário, pelo menos um *tailleur* clássico, pois sem ele não poderá ter à mão essa *pièce de résistance* indispensável e prática — P. A.

ponteada de esconderijos e retorcida de zigue-zagues, que ainda não houve na terra um homem, por mais atlado e metucoso, que chegasse a conhecer a metade, sequer, do seu próprio coração. Quando a gente supõe haver encontrado uma vida simples, singela, sem complicações nem subterfúgios, eis que se abre diante de nós um abismo, um vulcão, uma boca subterrânea, capaz de engulir o peregrino que lhe busca desvendar o mistério."

Eu não sou boa, minha leitora, não sou generosa, não conheço de perto o sentimento grandioso e essencialmente feminino que se chama *perdoar*. Quem me fizer "alguma", faça muito bem feita, porque faz somente uma vez. Portanto, eu seria a pessoa menos indicada para lhe dar conselhos numa fase tão delicada de sua vida. Ao contrário, sentir-me-ia feliz si pudesse ouvir os seus... Admiro, porém não tenho aptidões para compreender muito bem uma criatura que numa ocasião dessas não sabe que partido tomar. Dentro do círculo estreito do egoísmo, qualquer um procederá assim: aguardaria a reunião dos dois "implicados" e exibiria a carta bem em frente ao nariz deles, fazendo *farol*: "rasguei o envelope porque desconfiava de vocês há muito tempo".

Perdoe-me *Aquela que perdeu para sempre a fé na Humanidade*. Não ouça as considerações de alguém que não conhece a generosidade. Escute apenas o que lhe dita o coração bondoso. Fuja disfarçadamente, obtenha transferência pretextando doença. Com certeza você fará constar depois que arranjou outro namorado... não é verdade que esse pensamento já lhe passou pela cabeça?... Fornecerá, assim, motivos para um rompimento. Mulheres do seu estofo moral possuem capacidade para levar a renúncia até ao sacrifício completo (como eu a admiro!).

É verdade. Certos desgostos acompanham a gente durante anos, com uma persistência dolorosa. Mas findam desaparecendo, deixando em seu lugar uma insatisfação que no entanto já não é mais sofrimento. E coisa interessante: muitas vezes, depois que os anos correm sobre certos casos, damos graças a Deus que eles tenham acontecido!

É isso o que vai suceder com você.

Vamos, não se amofine tanto, não perca a fé na Humanidade só porque duas criaturas se mostraram indignas do seu amor e da sua confiança. Ainda existe muita gente boa neste mundo, graças a Deus!

Faz bem em chorar escondido. A gente deve ter o pudor do sofrimento. Mas à noite, sozinha, com a luz apagada, aí sim. Chore à vontade, porque as lágrimas desafogam o coração e tornam a alma leve. Quantas vezes a porta do nosso quarto representa um dique que nos separa do mundo hipócrita, cruel, impiedoso!

Amanhã, sem vestígios de lágrimas, calmamente, dê início ao plano estratégico de fuga simulada.

E, pela vida afora, escute somente o que lhe ditar o coração generoso. Você não precisa de conselhos... e muito menos dos conselhos de uma egoísta como eu.

ATAQUES NERVOSOS OU EPILEPTICOS

NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epiléticos é o que se faz com MARAVAL — solução. Este poderoso medicamento, graças à feliz combinação de elementos opoterápicos e vegetais de sua fórmula, restitue em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. MARAVAL — solução — é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epiléticos. Não encontrando MARAVAL — solução — nas farmácias e drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

LABIOS QUE PROVOCARAM GUERRAS



HELENA DE TROIA decidia da vida ou da morte dos mais valentes guerreiros, com um simples aceno de sua divina beleza. Os rapsodos famosos nos contam que um verdadeiro filtro misterioso prendia os homens, quando ela abria seus formosos lábios. Bela entre as mais belas... divinamente perturbadora entre as mulheres... dona de magnética beleza! O tesouro secreto da sua sedução estava concentrado no feiticeiro encanto de seus lábios. Os criadores do baton Michel conhecem perfeitamente o estranho poder dos lábios. O toque mágico de Michel realça o encanto de seus lábios e conserva-os com a frescura da eterna mocidade. Entre as várias e atraentes tonalidades do Michel, existe uma que é a sua. **Insista Sempre No Verdadeiro Michel.**

Para um "maquillage" perfeito, escolha um tom de Rouge Michel que se case bem com o "seu" Baton Michel. Torne os seus olhos mais luminosos com o cosmético indelevel Michel para olhos.

4 modelos: De Luxo, Grande, Médio, Pequeno.

BATON Michel
MICHEL COSMETICS INC. — NEW YORK



O COSMÉTICO INDELEVEL MICHEL
fará maiores e mais sedutores os seus olhos.
Encontrado nas cores: Preto, Castanho, Azul.



O ROUGE MICHEL lhe dará lábios mais gentis e mais vivos. Encontrado em 7 matizes: Branco, Brunette, Coral, Cyclamen, Cherry, Raspberry, Magenta.



NOVE BELAS VARIEDADES: Branco, Azul, Cherry, Scarlet, Brunette, Cyclamen, Raspberry, Capucine, Amaranth.



Vestido de jersey verde enfeitado com ordens de pespontos executados com retrozide tom mais escuro.

Vestido de crepe de fantasia ou renda, guarnecido com vizes de setim clér.

Saúde e beleza pelo exercício

Exercícios para dar toda a flexibilidade ao corpo

Da esquerda para a direita:

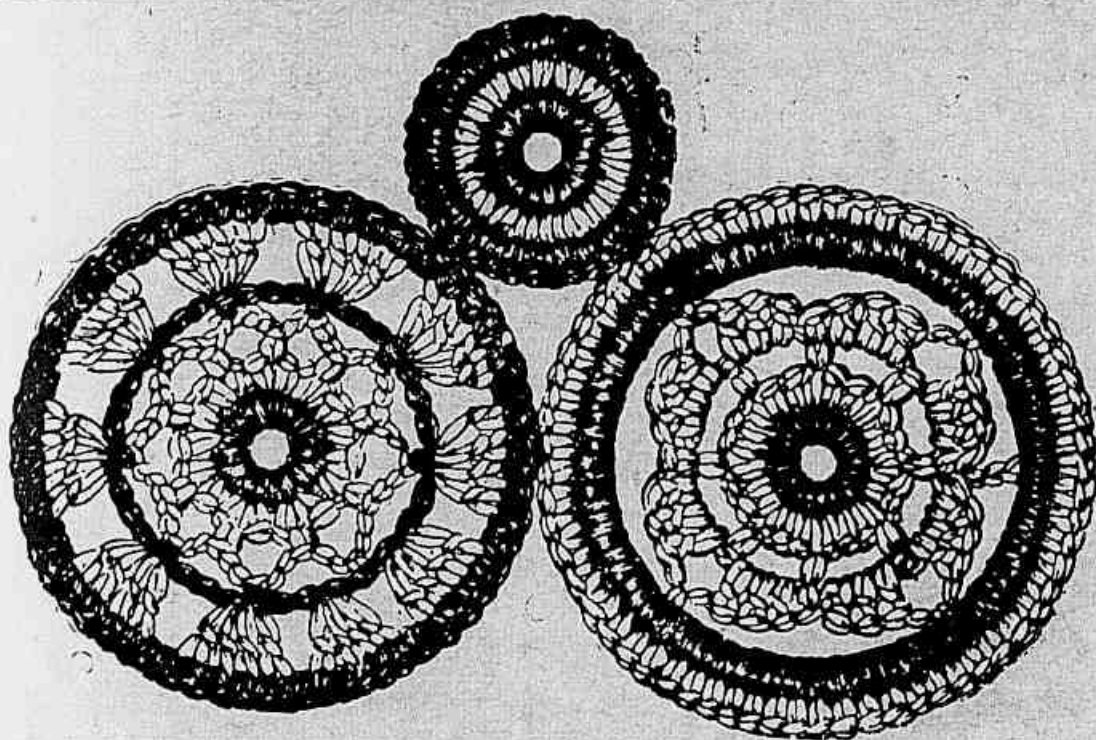
1 — De pé, as pernas afastadas, os braços esticados no sentido horizontal, girar com o busto para a esquerda o mais possível, voltar a posição réta e girar o busto para a direita o mais possível. Repetir dez vezes para cada lado.

2 — De pé, as pernas afastadas, os braços erguidos, as mãos encontrando-se, inclinar a cabeça para a direita e girar com o busto para a esquerda e para a direita. Repetir dez vezes para cada lado.

3 — Deitada no solo de lado, erguer o busto apoiando-se sobre as mãos, esticar a perna esquerda e encolher a direita, e inclinar o mais possível o busto e a cabeça para o lado direito. Virar-se para o outro lado para esticar a perna direita e encolher a esquerda e inclinar o busto para o lado esquerdo.



Casaco e boina de renda de crochet de lã



A renda de lã está em voga, fazendo-se com ela interessantes modelos. Como exemplo damos aqui este casaco e boina, feitos com lã fina de dois tons: branco e azul marinho, branco e verde, branco e bordeaux, branco e preto, bege e marrom. Pode-se também aliar o branco com tons claros e o preto com tons vivos, podendo-se também fazer a renda de um só tom, azul de linho, coral, côr de limão, etc.

Execução — São necessárias 150 grs. de lã branca "Zephyr", a mesma quantidade de lã azul marinho e uma agulha de crochet de aço n.º 13.

Um das rodela têm o centro azul marinho, enrola-se o fio de lã azul marinho no dedo e faz-se em cima deste anel 12 malhas com a lã azul marinho. Depois tomar a lã branca e fazer 2 pontos sobre cada malha da carreira precedente. Terceira carreira: fazer 1 ponto simples, 5 malhas de trancinha, saltar duas malhas da carreira precedente, 1 ponto simples sobre a malha seguinte, 5 malhas de trancinha, saltar 2 malhas e assim em seguida até ao fim da volta; é preciso obter-se 8 arcos. Quarta carreira: pôr 1 ponto simples e 3 pontos altos no primeiro arco, 2 malhas de trancinha, pôr 3 pontos altos e 1 ponto simples no arco seguinte, 1 ponto simples sobre a malha que separa os dois arcos e recomeçar em x, terminar a volta por 3 pontos altos e 1 ponto simples no último arco e 1 ponto simples sobre a malha que o separa do primeiro. Depois 10 malhas de trancinha, fazer 1 ponto simples sobre as primeiras 2 malhas de trancinha, entre dois grupos da carreira precedente, 8 malhas de trancinha, fazer 1 ponto simples no intervalo seguinte, etc., terminar a volta, fazer uma malha escorregada sobre a 2.ª malha de trancinha do primeiro grande arco. Tomar a lã azul marinho, fazer 12 festões sobre cada um dos arcos. Retomar a lã branca e fazer uma volta como a precedente, mas pondo dois pontos na mesma malha, todas as 4 malhas pouco mais ou menos.

A outra rodela começa da mesma maneira que a primeira, pondo 9 pontos sobre o anel com a lã azul marinho. Depois tomar a lã branca, fazer dois pontos em cada malha da carreira precedente. Fazer em seguida uma volta de arcos de 5 malhas de trancinha e 1 ponto simples todas as 3 malhas da carreira precedente; é preciso obter-se 9 arcos. Retomar a lã azul marinho e fazer 3 malhas de trancinha e 1 ponto simples no meio de cada arco. Retomar a lã branca, fazer 4 pontos altos sobre os pontos simples da carreira precedente. Retomar a lã azul marinho e fazer 1 ponto de festão sobre cada ponto alto da carreira precedente e 3 pontos de festão entre os grupos dos pontos altos.

As rodela pequenas, para serem colocadas nos intervalos entre as grandes, são feitas da seguinte maneira. Sobre um anel de lã azul marinho fazer 10 pontos simples, tomar a lã branca, fazer 20 pontos simples, sejam 2 por malha da carreira precedente. Retomar a lã azul, fazer uma carreira de pontos de festão, um por cada malha da carreira precedente.

Cortar um molde com as medidas exatas sobre papel forte, alinhar por cima as rodela do lado do avesso, unir muito bem com pontos feitos com a lã azul marinho, ou branca.

A boina deve ser alinhavada sobre uma outra boina para ficar com bom feitio.

...e a senhora terá
refrigerador
a vida inteira!



SIM, minha senhora, é isto exatamente o que sucede a quem escolhe um Frigidaire. Pois Frigidaire é construído não só para trabalhar *muito bem*, mas igualmente para trabalhar *muito tempo*. Dotado de gabinete inteiriço de aço, Frigidaire lhe oferece a garantia de cinco anos de funcionamento... mas suas amigas lhe dirão que dura muito mais. Adquira um Frigidaire e usufrua, anos e anos, das inúmeras vantagens desse refrigerador insuperável! Mais belo e melhor, interna e externamente, Frigidaire é o preferido em todo o mundo. Prefira-o também.

FRIGIDAIRE

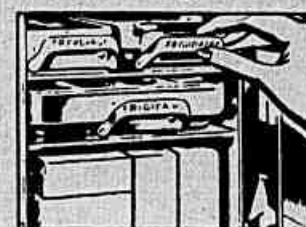


UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS

Características de Luxo



Gabinete inteiriço de aço: novo e belo desenho, maior espaço para armazenamento; construído para durar uma geração.



Desprendedor Automático: uma leve pressão dos dedos, e as bandejas e os cubos de gelo se desprendem como por encanto.



O Descongelador — "Ciclo de Segurança": mantém a temperatura adequada, mesmo durante o descongelamento.



Blusa de crepe de seda, rosa ou azul, guarnecida com preguinhas e entremeios de renda. Botões forrados do mesmo tecido da blusa.



Casaco de fustão branco para usar com costume escuro. Original feito nos bolsos e mangas. Botões de madreperola.



Modelos modernos

Vestido formado por tiras de crepe verde, com desenhos pretos e de crepe preto, com desenhos verdes. Grande chapéu de palha verde.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OUVADOR 181

Vestido de crepe baço vermelho, com xadrez branco, guarnecido com pontos abertos.

Madame Jacqueline

A ESBELTEZ...

As Aplicações Locais de Parafina, Cór Verde para o Corpo, e os de Cór de Rosa são muito recomendadas, gentil leitora e amiga, para conservar vossa ligne.

Contra as "papadas", os "cangotes", as espáduas, pernas e tornozelos grossos as Aplicações de Parafina Cór de Rosa, feitas todos os dias, regularmente, lhe darão muito bons resultados.

As Aplicações locais de Parafina, Cór Verde, mais fortes, destinam-se a todas as demais partes do corpo que se queira adelgaçar. É necessário, antes de começar, fazer-se boa provisão de paciência e perseverança; a vitória final será, entretanto, muito compensadora, garanto eu.

Madame JACQUELINE

CORRESPONDENCIA

A. Campeamor — Na sua idade será bastante fácil. Use o Creme Adstringente Miraculoso, que lhe devolverá em breve a rigidez dos seios. Para o corpo use a minha Loção Divina para Após o Banho, um produto à base vegetal, que além de enrijar e fortalecer os músculos perfuma a pele deliciosamente. Experimente. Vidro grande 15\$000.

Normalista — A minha Loção Azul pode ser usada quantas vezes quiser ou puder durante o dia, e si a aplicar ficará em breve livre dessas espinhas, que aliás nunca deverá espremer em caso algum. Aplique também a minha Loção de Amendoas Am. e Hamamelis, um adstringente suave que poderá tirar essas manchas de espinhas antigas. Também previno-a: não use nem sabão nem sabonete de espécie alguma; limpe a cutis diariamente com a minha Huile Romaine Antique: em breve verificará as melhorias consideráveis de sua tez.

Romântica (Santos) — Com o Vigor dos Seios a senhora desenvolverá razoavelmente o busto; pode pois usá-lo, sem receio. Convém usar no pescoço o Tónico Adstringente das 4 Frutas, de preferência bem fresco — gelado mesmo, si possível. Frasco 30\$000.

Produtos — Venda e informações
PERFUMARIAS CARNEIRO



Vestido de crepe-setim cinzento, o vestido executado do lado baço, e a guarnição do lado brilhante.



Faca seus
olhos fallar



NOVO!...
Aparelho americano que revira as pestanas, tornando-as belas e duas vezes mais longas.

KURLASH — o aparelho mais perfeito para frisar as pestanas. O seu uso não requer pericia — faz "milagre em um minuto" — sem necessidade de aquecimento ou cosméticos.

KURLENE — creme à base de óleo — que, usado antes da aplicação do KURLASH, torna as pestanas mais escuras e brilhantes, dando ao olhar beleza e fascinação.

KURLASH

Distribuidores: S. V. Mangual & Cia. Ltda.
R. Paulino Fernandes, 55 — Rio.
Preço pelo Correio, 22\$000

PENSAMENTOS

A vida, feliz ou triste, é bela. Aceite-a com uma alma que se embriaga no espetáculo do mundo. A vida é bela, e a morte no além faz sua beleza mais patética e mais profunda. Aceite a alegria ou o luto com um coração sensato e viril. Não há cousa mais bela que uma flôr em Abril, a não ser a folha dourada que cêe com o vento do outono.

Fernand Gregh.



Para acompanhar uma blusa singela de tricô de lã este penteado formando ondas na frente e amarrado na nuca por uma fita de veludo bege.

CONSELHOS PRATICOS

Como consertar os cristais partidos

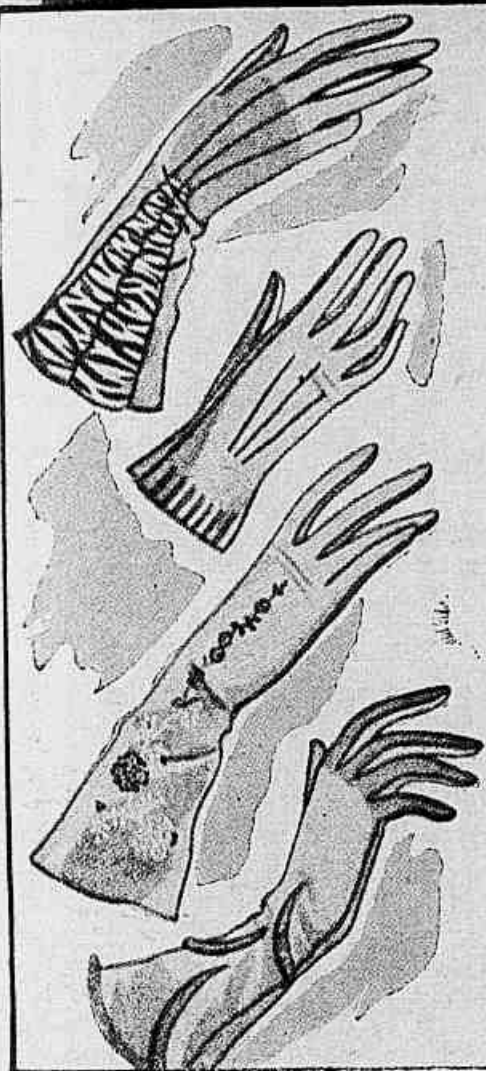
Quantas vezes quebra-se um objeto de cristal de estimação, em vez de pô-lo fora pôde-se ainda consertá-lo. Para isto, empregar uma solução concentrada de cinco partes de gelatina contra uma parte de bicromato de potassa. Preparar esta cola num quarto escuro, iluminado apenas por uma lanterna de vidro vermelho. Manter os pedaços de cristal untados com esta mistura bem unidos, depois expor o objeto consertado á luz. A gelatina bicromatada forma uma cola duma perfeita resistência e, como é insolúvel na água, mesmo quente, pôde-se lavar o cristal colado sem receio que se separem as partes quebradas.

Meio de fazer uma boa mostarda

Esmagar muito bem os grãos de mostarda preta e desfazer com água quente, ou melhor ainda com vinho branco, mas nunca com vinagre, e juntar um pouco de sal. Deixar em seguida descansar alguns dias. A mostarda em seguida é posta em potes; é saudável e aperitiva.

Manchas de gordura na madeira branca

São removidas desta maneira: untá-las com cal, deixar algum tempo, depois lavá-las com água de sabão e escovar com uma escova dura.



As luvas modernas

As luvas modernas são executadas em camurça, pelica e tecidos. As que acompanham as toilettes elegantes são guarnecidas com franzidos, bordados e babadinhos plissados. As luvas de côr estão muito em moda; em geral são do colorido da guarnição do vestido e do chapéu.

Muitos são pobres não por possuir pouco, mas por desejar muito.

Sêneca



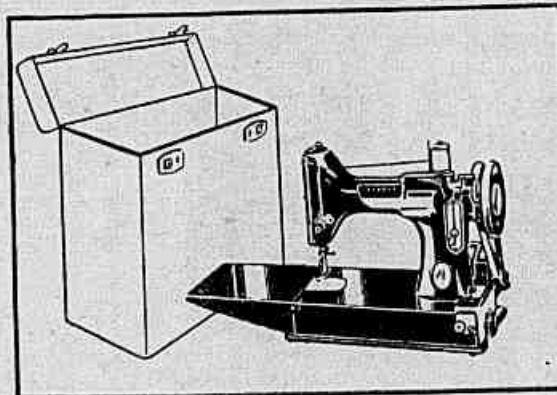
Blusa de crepe azul marinho; a pala e as mangas guarnecidas com tiras bordadas com seda branca.



Vestido para dois fins: para a tarde ou para a noite, de crepe ou setim preto com pala e mangas de tulle preto, guarnecidas com tiras do tecido do vestido ou de tom vivo: vermelho, azul ou verde. Para a noite pôr sob o vestido uma combinação preta com um largo babado do tulle preto.



A despesa comum, com o feitiço, pode ser empregada na compra de um tecido melhor, e no preparo de um vestido mais fino, quando se possui uma Singer. Obediente, veloz, de fácil manejo, a Singer permite a cada uma fazer os seus próprios vestidos, segundo os melhores figurinos, com grande economia. Para maiores esclarecimentos, procure o Centro de Costura Singer mais próximo.



COSTURE A ELETRICIDADE

Modelo 221-1, portátil, com motor elétrico e pedal de controle. Acomoda-se facilmente a qualquer local. Fácil de transportar. Elegante estojo.

Singer



Todas as agulhas e peças Singer legítimas, trazem a marca registrada SIMANCO. Cuidado com as imitações.

K-73
UM LIVRO GRATIS

Envie-nos, preenchido, este coupon e receberá um magnífico livro sobre a arte de coser.

SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

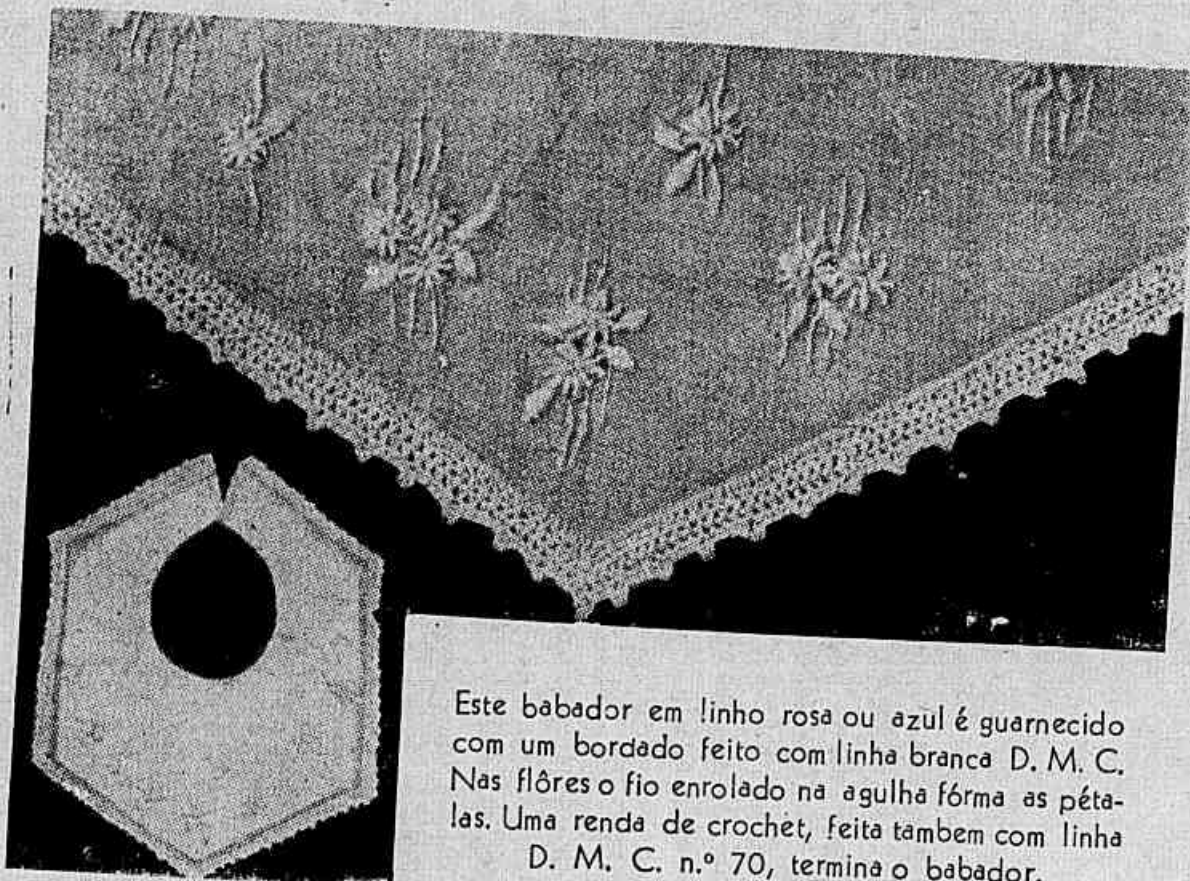
Nome

Rua

Bairro

Cidade

Modelos para Crianças



Este babador em linho rosa ou azul é guarnecido com um bordado feito com linha branca D. M. C. Nas flôres o fio enrolado na agulha forma as pétalas. Uma renda de crochê, feita também com linha D. M. C. n.º 70, termina o babador.

CASACO DE TRICOT DE LÃ PARA CREANCINHA

Ponto empregado: ponto de jarreteira — sempre pelo direito,

Execução — Costas e frentes trabalham-se numa só peça. Começar o trabalho pela parte de baixo de uma das frentes, pôr na agulha de tricot 45 malhas (19 centímetros), executar sobre estas malhas 120 carreiras (27 centímetros de altura) no ponto de jarreteira. Na carreira 121, fazer as diminuições para ajustar a pala. O trabalho apresenta-se assim: x 3 malhas pelo direito, 3 malhas juntas pelo direito,



fazer 6 vezes de x a x e terminar a carreira por 3 malhas pelo direito. Fazer 9 carreiras a direito sobre estas 31 malhas restantes e no fim da nona carreira juntar 34 malhas para a manga. Executar, sobre as 65 malhas assim obtidas, 45 carreiras para chegar à gola (deve medir 38 centímetros de altura). A esta altura colocar as 14 primeiras malhas do lado da gola sobre uma outra agulha, e deixar também as 51 outras malhas numa outra agulha para formar o ombro e manga, sobre as quais trabalhar-se-á as costas.

Executar uma outra frente da mesma maneira, mas em sentido inverso.

Costas — Pôr na mesma agulha as 51 malhas de uma das frentes, juntar mais 31 malhas para as costas e por último as 51 malhas da outra frente. Sobre estas 133 malhas reunidas, executar 45 carreiras (10 centímetros) para chegar até à terminação das mangas. No começo das carreiras 46 e 47, fechar as malhas das mangas, sejam 34 malhas à direita e à esquerda do trabalho. Sobre as 65 malhas restantes, fazer 9 carreiras a direito, depois executar os aumentos para dar roda ao casaco. Trabalhar desta maneira a 10.ª carreira: 2 malhas, x meter duas vezes a agulha de tricot na malha se-

guinte para fazer duas malhas pelo direito, 3 malhas pelo direito, x recomençar 14 vezes de x a x e terminar a carreira com duas malhas pelo direito. Fazer, sobre essas 81 malhas obtidas, 120 carreiras a direito.

Fechar as costuras dos lados e mangas, depois de ter feito a gola trabalhando as 14 malhas de cada frente juntas com as 36 apanhadas na gola das costas. Sobre estas malhas obtidas fazer 24 carreiras.

Querendo-se um casaco mais quente pode-se forrar este com um outro casaco da mesma maneira mas feito, com lã de tom diferente.

Os punhos: apanhar 46 malhas na parte de baixo da manga e fazer 22 carreiras.

Quando se forra o casaco, tomam-se juntas as malhas da gola e dos punhos, para que estes não fiquem duplos.



- 1 — Manteau de lã escocesa, com bolsos aplicados.
- 2 — Manteau de lã branca, guarnecido com tiras aplicadas e pespontadas.
- 3 — Vestido de zefir: a saia, frente e punhos fundo branco com xadrez azul marinho, blusa e bolsos do tecido azul marinho.
- 4 — Pequeno manteau de lã mesclada, guarnecido com pespontas.
- 5 — Redingote de reps de lã verde acinzentado, enfeitada com pespontas.
- 6 — Casaco impermeável em lã branca, para menino.
- 7 — Vestido de tecido de algodão, guarnecido com cadarço zig-zag.

MANTEAUX MODERNOS



1 — Manteau de crepe georgette de lã marron, com incrustações de renda de lã no mesmo tom. 2 — Manteau de crepe romain de lã, guarnecido com nervuras.

ORIGEM DE PALAVRAS E EXPRESSÕES USADAS

Semear dinheiro — Acredita-se que esta expressão, que se explica por si mesma, e que se emprega a respeito dos pródigos e gastadores, não teve outra origem que o do bom senso público, no entanto não é exato: teve por origem um facto histórico e é devido a este facto que se transformou em provérbio, porque é um dos mais empregados. Em 1474, no tempo dos torneios e **carrouseis**, quando os nobres e príncipes vinham de toda parte para rivalizarem em riqueza e magnificência, realizou-se em Beaucaille (França) um torneio que ficou célebre. Foi com antecedência anunciado ao som

de trombetas em toda a redondeza, e em todos os castelos da Provence, se prepararam com ardor para produzir maravilhas dignas das Mil e uma Noites. Vieram em multidão, e nunca, em corte alguma, houve tanta ostentação de luxo e munificência. Um senhor da época, muito rico, Bertrand Raibaux, não sabendo que fazer para sobrepular em suntuosidade todos aqueles que deveriam apresentar nesse torneio, imaginou um meio que deveria fazer falar de sua riqueza a cem leguas em redor. Fez atrelar 12 juntas de bois a doze arados, e abrir largos sulcos no lugar designado para a festa, e ordenou que semeassem moedas de prata, numa soma considerável para a época: trinta mil soldos. Desde esta época, o provérbio aproveitou-se

SEJA



SUA PRÓPRIA enfermeira!

Siga a voz da experiência. Faça o que têm feito milhares de Senhoras, que devem sua saúde normalizada e livre de contratempos ao grande remédio **A Saúde da Mulher**. Regulador, tônico, anti-doloroso. **A Saúde da Mulher** é uma garan-

tia contra certos solrimentos que periodicamente afligem a mulher em todas as fases da vida — na puberdade, na idade adulta, na idade crítica. **A Saúde da Mulher** é o remédio que traz no nome o resumo de suas virtudes.

A SAUDE DA MULHER

do facto e dizia-se em França: "Semear dinheiro, como Bertrand Raibaux".

O nome de Bertrand Raibaux estando já muito afastado de nós, diz-se simplesmente: "Semear dinheiro".



Manteau de lã escocesa nos coloridos verde, bege e marron.



Costume de crepe marocain azul. Nervuras na frente do casaco, botões de fantasia. Chapéu branco forrado com crepe azul com pintas brancas; deste mesmo tecido a bolsa.

Menu de almoço



Cocadas com morangos.

SALADA DE HARENQUES A' MODA ALEMÃ — PUDIM DE FRANGO — ESPINAFRES — BIFES A' FRANCEZA — BANANAS DA TERRA FRITAS — SOUFLE' DE QUEIJO — COCADAS COM MORANGOS — BISCOITOS DE ARARUTA

SALADA DE HARENQUES

Pôr para cozinhar algumas batatas e algumas beterrabas, em panelas separadas. Depois cortar em quadradinhos. Picar também duas maçãs acidas em pedacinhos, assim como a carne de 2 ou 3 harenques salgados, que estiveram de molho o tempo suficiente.

Temperar com azeite, vinagre e sal as batatas e as beterrabas picadas, juntar os harenques picados, as maçãs, uma colherinha de cebola ralada e uma colher de pepinos de conserva picados.

Para o prato ficar mais bonito, pôde-se separar um pouco das batatas, das beterrabas e das maçãs. Arrumar a salada preparada num prato redondo, alisar bem por cima e riscar em triângulos; cobrir esses triângulos com a batata bem picada uns, outros com a beterraba, outros com a maçã, outros com gema de ovo cozido esfarelada, outros com clara de ovo cozido, picada. Enfeita-se o prato em volta com folhas de alface e tomates abertos em flor.

PUDIM DE FRANGO

Picar bem 500 grs. de carne de frango assado depois de tiradas todas as peles; passar na peneira, amassar bem com 3 gemas e 1 ovo inteiro, juntar 200 grs. de manteiga, sal e mexer muito bem com uma colher para a massa tomar consistência; incorporar então, pouco a pouco, 2 decilitros de creme de leiteira.

Quando a massa não fica de boa consistência, desfazer um pouco de maisena ou de farinha de arroz num pouco de leite para dar a consistência necessária. Untar uma fôrma com manteiga e despejar dentro a massa para ir cozinhar em banho-maria uns 15 minutos. Pôr a fôrma um instante no forno para tostar um pouco por cima.

Servir com um molho feito com a carcaça do frango e bem temperado.

ESPINAFRES

Pôr para cozinhar uns quatro ou cinco molhos de espinafres dos quaes foram tirados os talos; depois de cozidos, espremer a água e bater muito bem com a faca. Fazer um refogado com manteiga, cebola ralada e polpa de tomates, juntar o espinafre e logo em seguida um pouco de leite (meia xícara).

Fritar umas fatias de pão na manteiga e arrumar numa travessa; sobre cada fatia de pão pôr um pouco de espinafre.

BIFES A' FRANCEZA

Cortar e bater uns bifes de carne de vaca, um pouco maiores que de costume, e pôr no seguinte tempero:

Pôr numa panela um dente de alho socado, 4 grãos de pimenta do reino, 1 cebola tendo espetado um cravo da Índia, um pedacinho de folha de louro, 1 cenoura, uma xícara de vinagre e duas de vinho branco; dar uma fervura e pôr dentro os bifes algumas horas (mas colocar a carne depois de frio o tempero).

Escorrer bem o líquido para fritar os bifes com manteiga e azeite. Juntar na frigideira, depois de retirados os bifes, cebola ralada e manteiga; juntar um pouco de caldo de carne e um pouco do tempero coado para fazer o molho que se engrossa com maisena desfeita num pouco de caldo de carne ou de leite.

BANANAS DA TERRA FRITAS

Depois de descascadas as bananas, cortar fatias ao longo das bananas e pôr para fritar em banha na qual se juntou um pouco de manteiga. Servir bem quentes.

SOUFLE' DE QUEIJO

Pôr numa panela 50 grs. de manteiga e deixar derreter; juntar então 75 grs. de farinha de trigo e deixar cozinhar dois minutos em fogo brando e mexendo sempre; não deixar tomar cor de mais, alourar apenas. Juntar então um decilitro de leite no qual se juntou 4 gemas de ovos um pouco batidas; juntar também 50 grs. de queijo parmesão ralado e 25 grs. de queijo gruyère, deixar ferver para engrossar, retirar do fogo para juntar 6 claras muito bem batidas.

Pôde-se pôr numa fôrma de louça ou tigelinhas untadas com manteiga. Pôr no forno bem quente e servir logo que sahir do forno. Pôr em cima antes de colocar no forno um pouco de queijo ralado.

COCADAS COM MORANGOS

Ralar um côco e pesar a mesma quantidade de assucar, para fazer a calda juntar meio copo de água; o ponto bem alto despejar dentro o côco ralado, não bater para não assucarar, mas mexer com cuidado para não pegar no fundo; assim que começar a despejar do fundo está pronta.

Arrumar as cocadas em montes com a ajuda de duas colheres sobre travessas. Abrir com a ajuda de uma rolha de vidro cavidades no meio das cocadas, deixar secar. Antes de servir pôr dentro de cada cavidade um morango em calda.

A calda bem espessa. Os morangos podem ser substituídos por um pouco de geléia de morangos.

BISCOITOS DE ARARUTA

Peneira-se junto 250 grs. de araruta com igual quantidade de farinha de trigo; amassar com 125 grs. de manteiga e 3 ovos batidos. Depois de bem amassada, abre-se a massa com o rolo e corta-se a massa com forminha ou com uma xícara de café. A massa deve ficar com a espessura de meio centímetro. Pôr os biscoitos em tabuleiros untados com manteiga. Forno quente.

SAVORA

CONDIMENTA PARA AS COMIDAS TORNA MAIS AROMÁTICA E DELICIOSA

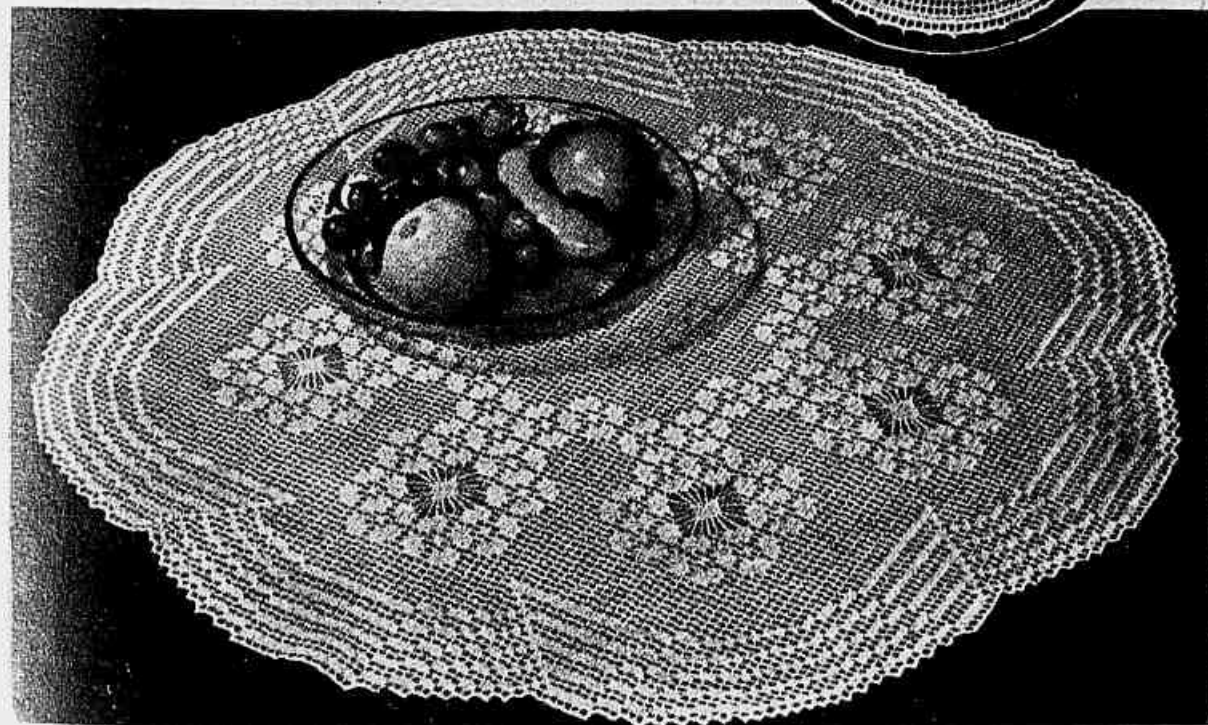
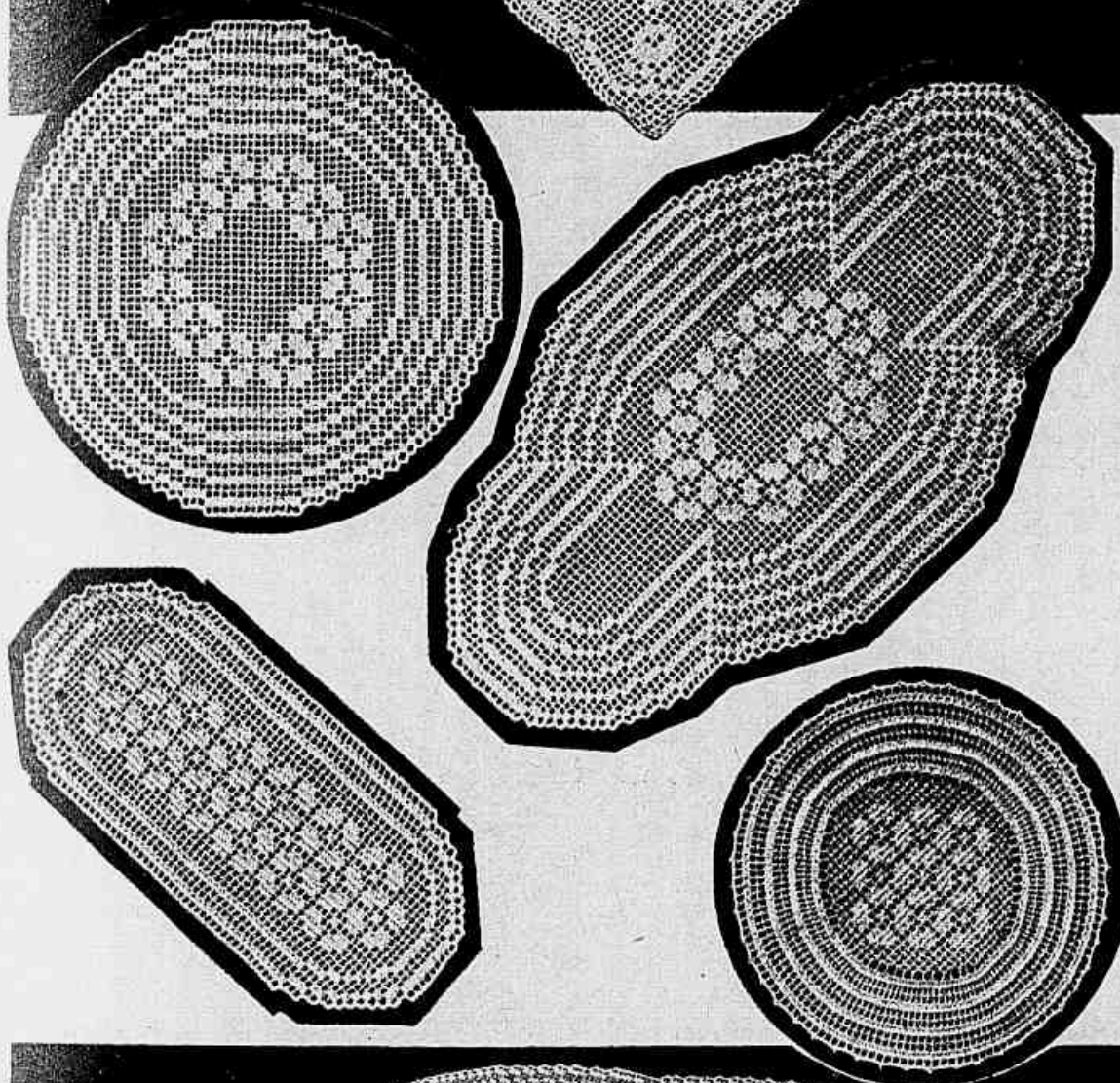
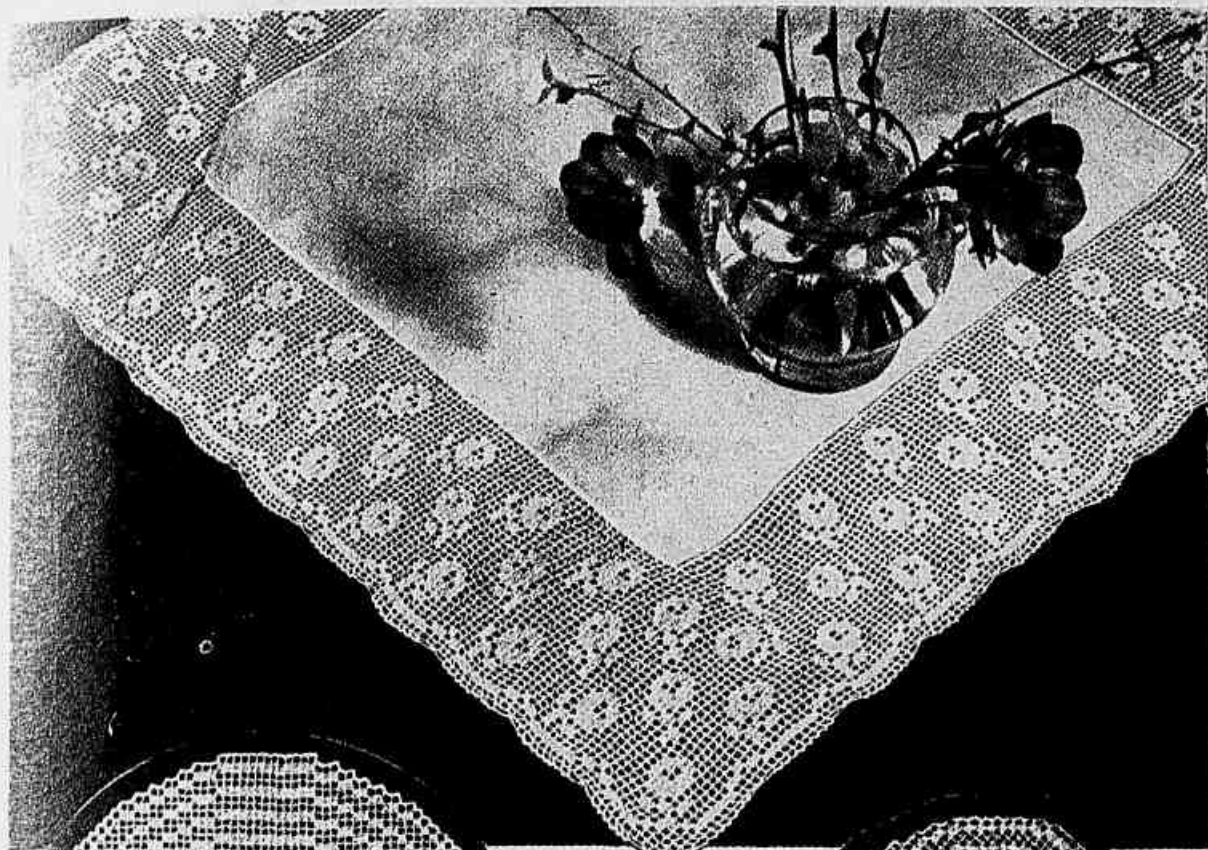
Ainda bem que ainda sobra...

Savora tem sempre muitos adeptos. Isso porque Savora condimenta todos os pratos, aumenta o sabor e faz sobressair o gosto. Peça Savora ao seu empório — hoje mesmo — e verifique como faz de todas as refeições um banquete.

SAVORA

Ornamentação do Lar

Toalhas e centro de mesa de crochet de linha de linho

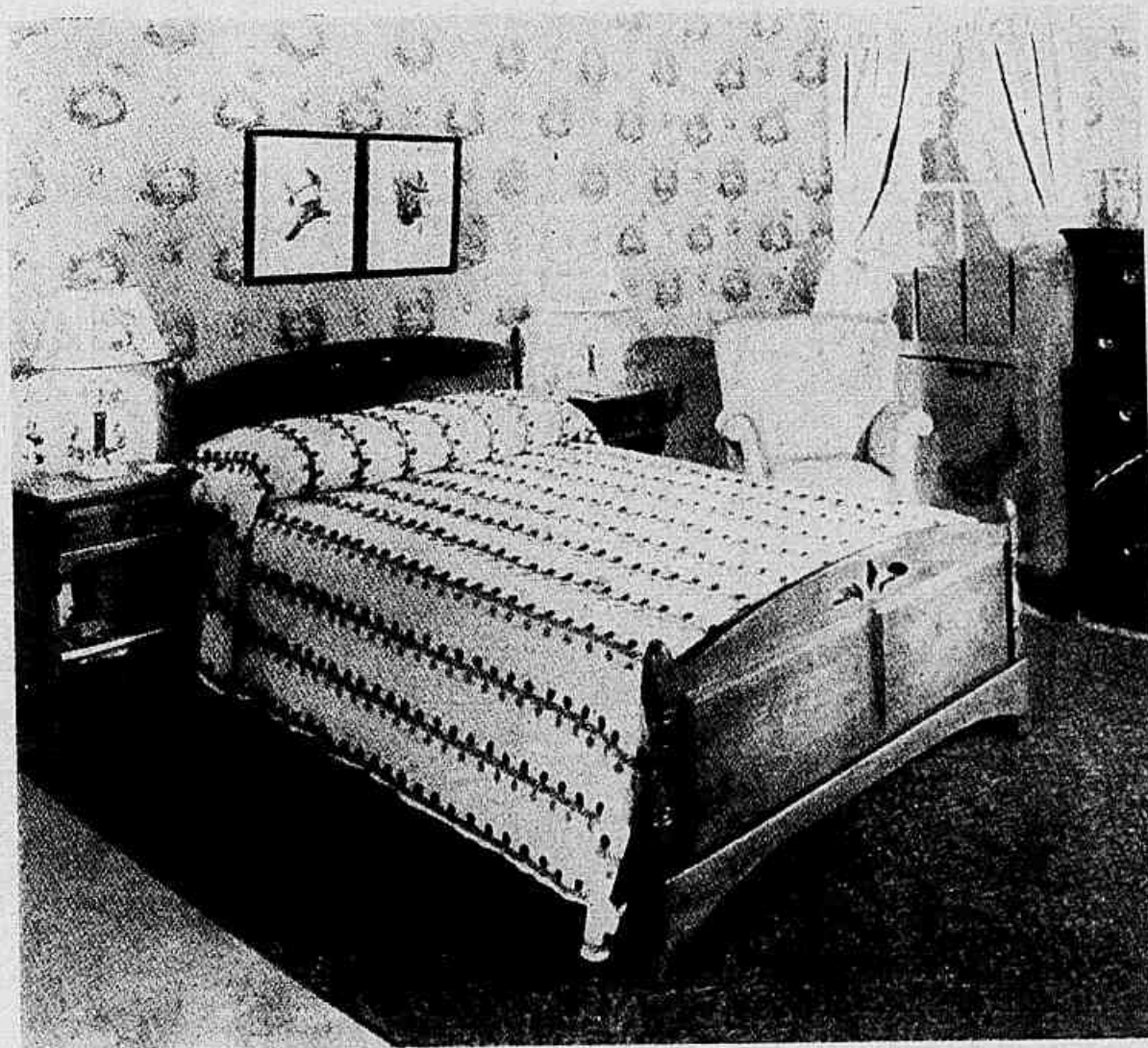


Estes modelos de crochet podem também ser aproveitados para o trabalho sobre filet. Filet de malha estreita, estreita naturalmente. Mas os trabalhos em crochet e tricô estão mais em moda que os em filet.

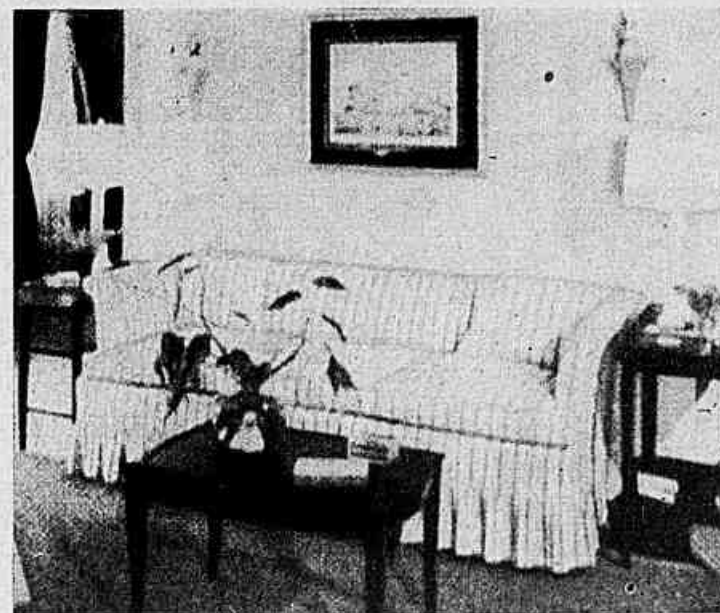
Os tecidos listados guarnecem os moveis modernos



São listados os tecidos dos moveis desta sala a duplo fim: sala de estar e sala de jantar. Branco com listas azues o tecido da poltrona e da guarnição da janela. Forradas com tecido azul escuro as cadeiras em volta da mesa. No sofá as listas azues de dois tons e na outra poltrona o tecido de um só tom de azul, tem as listas em relevo.



Coberta para cama, guarnecida com listas bordadas, em três tons de azul.



Divan em tecido branco com listas azues.

DECORAÇÕES?

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

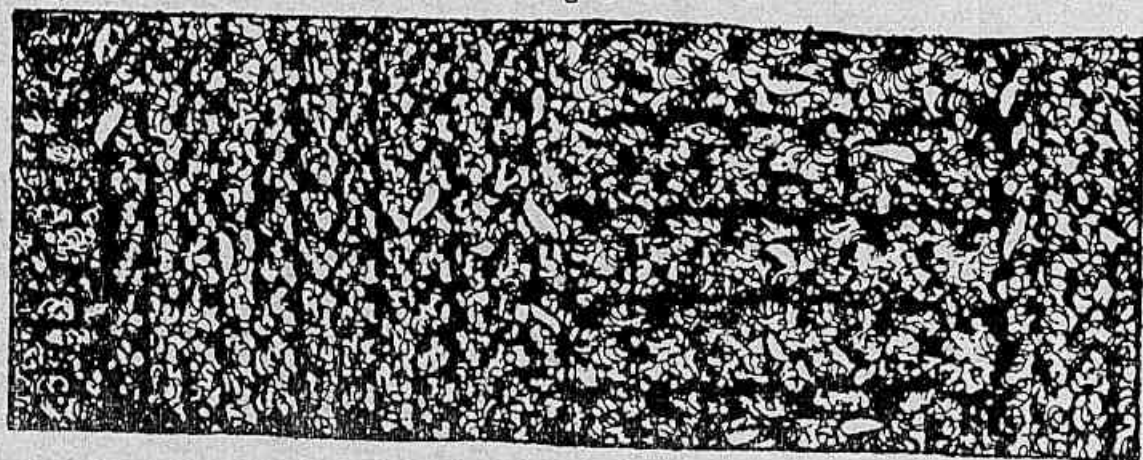
MATRIZ E ESCRITÓRIOS 65 - RUA DA CARIOCA - 67

E TAMBÉM NO ANEXO A JUNTO A RUA 7 DE SETEMBRO, 82 AVENIDA



BLUSA DE TRICOT COM PALA

Fig. 1



Esta blusa de feitiço singelo é feita com agulhas de tricot grossas. O tricot forma largas listas em relevo até a pala aberta em ponta na frente.

Execução para manequim 42 ou 44 — São necessárias 400 a 500 grs. de lã "Vril-lée" empregada dupla, duas agulhas de tricot de 5mm. de diâmetro e 5 botões no tom da lã.

Costas — Pôr na agulha de tricot 48 malhas e trabalhar o seguinte ponto: 1 carreira toda pelo direito; voltar fazendo 3 malhas pelo direito, x 6 malhas pelo avesso, 6 malhas pelo direito e recommençar em x; terminar por 3 malhas pelo direito. Intercalar essas duas carreiras durante todo o trabalho (fig. 1). Aumentar uma malha no começo e no fim duma carreira todas as 8 carreiras, até obter 24 centímetros de altura. Formar então a cava, fechando de cada lado 5 malhas, depois duas vezes 1 malha e continuar a direito até medir 33 centímetros de altura. Fazer então o ponto de musgo em todas as malhas até obter 39 centímetros de altura. Fechar as malhas dos ombros em três vezes 5 malhas e todas as malhas do meio de uma só vez.

Frentes — Para uma delas, pôr na agulha de tricot 39 malhas (para o lado esquerdo), fazer 6 malhas pelo direito, 2 pelo avesso, etc. e terminar por 3 malhas pelo direito na parte da costura. Trabalhar a direito, fazendo os mesmos aumentos que nas costas do lado da costura. O lado do abotoamento a direito até 25 centímetros de altura. Do lado da costura, quando medir 24 centímetros de altura, formar a cava, fechando primeiro 5 malhas, depois 2 malhas e duas vezes 1 malha. Continuar a direito deste lado até medir 33 centímetros de altura, fazer toda a parte de cima no ponto de musgo. Para o lado da abertura, quando medir 32 centímetros diminuir 1 malha até ao começo do ponto de musgo. Quando medir 33 centímetros de altura, fechar do lado da abertura 2 malhas até restarem somente as 15 malhas para o ombro, fechar estas malhas como nas costas, quando medir 41 centímetros de altura.

A frente do lado direito é feita da mesma maneira, em sentido oposto, fazendo casas para entrar bem o botão, fechando 4 malhas a 3 malhas da beirada, cinco casas ao todo.

Mangas — Pôr na agulha de tricot 30 malhas: tricotar no ponto de musgo durante 4 centímetros, depois tricotar no ponto da fig. 1, aumentando uma malha todos os 6 centímetros e reformando o ponto á medida dos aumentos das malhas de cada lado. A partir de 20 centímetros de altura, aumentar todas as 2 carreiras até medir 47 centímetros de altura. Fechar então 3 malhas de cada lado, depois 2 malhas e 1 malha em cada carreira até que restem apenas 9 ou 10 malhas que são fechadas de uma só vez.

Fazer as costuras, passar a ferro pelo avesso e pregar os botões. (É preciso cuidado no passar a ferro, a mesa bem acolchoada, para não perder o relevo das listas).

Faschine os homens acariciando os lábios com Zande Baton

Experimente a senhora gozar também a homenagem dos olhares fascinados — preito dos homens ao triunfo da maquilagem suprema. O Baton ZANDE imprime aos lábios uma tonalidade atraente e requintada, que é um deleite duradouro e irresistível!

Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios.



... e o Rouge ZANDE! Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.



Vestido elegante de renda preta, guarnecido com tiras de setim preto.

TRES INTERESSANTES VESTIDOS



Vestido de crêpe de fantasia, a blusa com pala redonda. A saia com longa pala e babado com pregas.



Saia subida e bolero de crepe azul escuro, com blusa de mousseline de seda rosa.

FIGURAS E FACTOS

"DIREITO SINDICAL E CORPORATIVO"
— M. Cavalcanti de Carvalho — A. Coelho Branco Filho, editor — Rio, 1941.

O sr. M. Cavalcanti de Carvalho, advogado e jurista de renome, tem-se consagrado à literatura jurídica, que já lhe deve substanciais e prestantes volumes. Após a obra intitulada "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", o autor, com pequeníssimo intervalo, dá-nos o "Direito Sindical e Corporativo", alentado volume de mais de 500 páginas, onde se contêm os mais modernos ensinamentos e estudos sobre o importantíssimo ramo do Direito Social.

Ninguém ignora que a legislação social brasileira é, hoje, das mais completas e avançadas do Mundo. Posto não sejamos uma nação exclusivamente industrial, procuramos assegurar, aos nossos obreiros, todos os elementos necessários à defesa dos seus direitos e a dignidade do seu trabalho. Conforme acertadamente diz o autor, "a nossa legislação trabalhista, considerada com um conjunto harmônico de leis reguladoras das relações entre o capital e o trabalho com os seus órgãos técnicos, os seus institutos característicos e os seus princípios específicos, derogatórios do direito comum, é obra exclusiva do Governo Provisório e do regime que o sucedeu".

Promulgadas as leis, criados os institutos técnicos e os demais órgãos administrativos, faltavam à legislação social brasileira as obras de doutrina e exegese, que lhe explicassem o mecanismo e justificassem a finalidade. E' isso o que está sendo feito, entre nós por um grupo de juristas e estudiosos da ciência jurídica, dos quais se destaca o sr. M. Cavalcanti de Carvalho como dos mais enftonhados no assunto e seguros na doutrina.

"Direito Sindical e Corporativo" é uma obra a todos os títulos notável, em certos aspectos, única no seu gênero e que honra de veras a cultura jurídica do seu autor. "Sistematização doutrinária de um direito sindical brasileiro", "Legislação Compara-



No dia 2 do corrente inaugurou-se a Casa Mesquita, á rua Visconde da Rio Branco, 18, nesta Capital, de propriedade do sr. Annibal de Carvalho Mesquita. Destinando-se o novo estabelecimento á venda de aparelhos ortopédicos, soube o seu fundador dota-lo de todos os recursos técnicos e científicos necessários á eficiência dos seus serviços. Compareceram á inauguração da Casa Mesquita figuras da nossa melhor sociedade, médicos e jornalistas, tendo presidido á solenidade o dr. Vivaldo Lima, chefe do serviço de Ortopedia do Hospital da Cruz Vermelha. O cliché mostra um flagrante do ato inaugural.

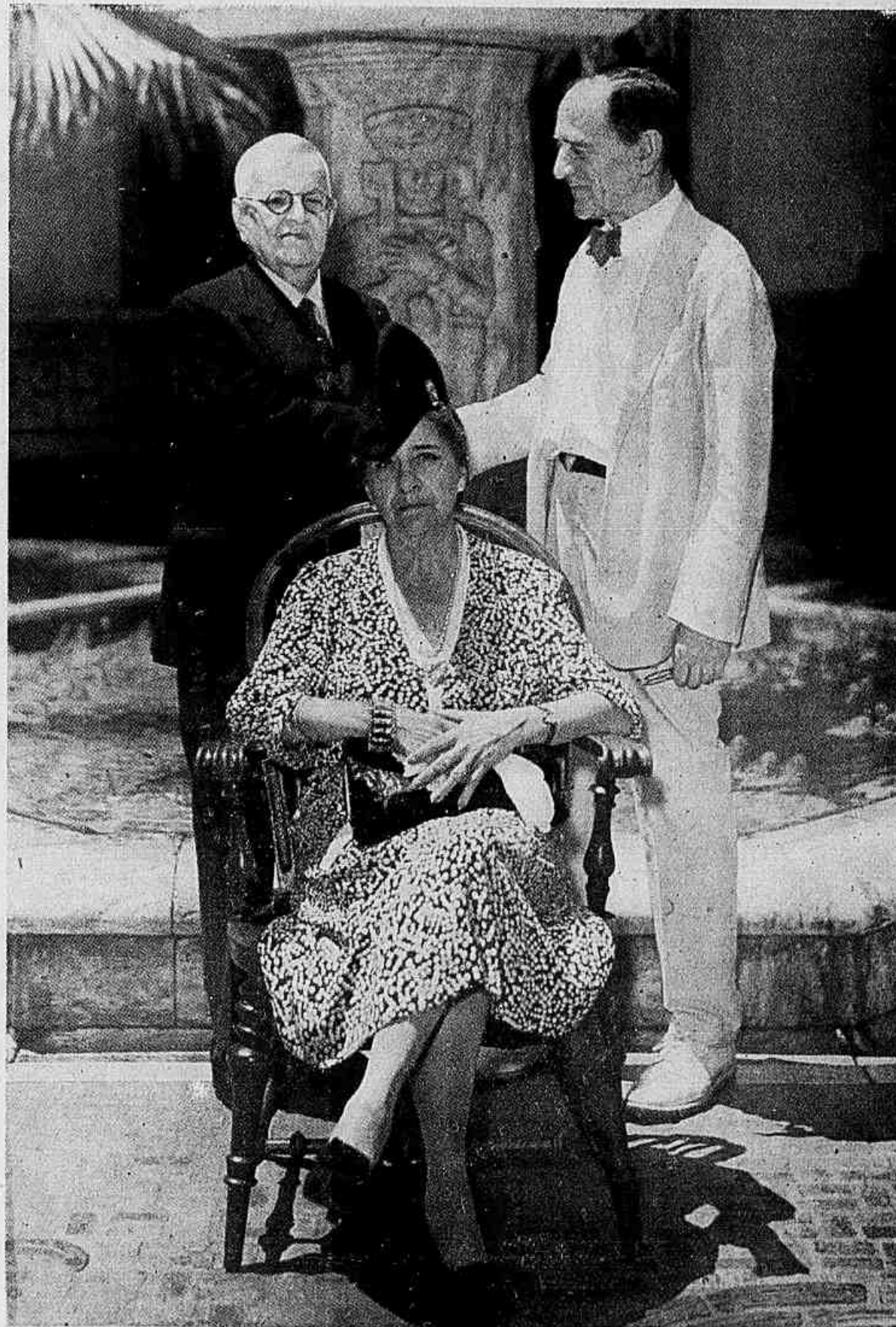
da", "Teoria e prática do Sindicalismo", "Imposto Sindical" e "Disciplina do enquadramento" são as diversas secções que a obra comporta e nas quais discorre, com rara segurança e desenvoltura, o illustre advogado e homem de leis.

(Do "Jornal do Comércio", do Rio)



CRUZADA JUVENIL DA BÔA IMPRENSA

Estes aspectos fixam a solenidade de encerramento da "Semana de Santos Dumont" realizada nesta capital em 31 de Julho próximo findo, sob o patrocínio da "Cruzada Juvenil da Bôa Imprensa". O concurso das bandas militares do Regimento Naval e do 1.º Regimento de Cavalaria Divisionária abrilhantou a solenidade.



BRASIL-ESTADOS UNIDOS

O sr. Max Fleiuss, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, acompanhado de sua senhora, na visita que fizeram á União Panamericana em 9 de Julho de 1941, em Washington, sendo recebido pelo dr. Léo S. Rowe, Diretor Geral da mesma.

O número de Urbanismo da REVISTA DA SEMANA

*Informamos a quem interessar
que ainda restam alguns exem-
plares da grande edição extra da
REVISTA DA SEMANA dedica-
da á URBS. Mas só atendemos
aos pedidos que venham acompa-
nhados da respectiva importan-
cia; ou, então, aos que sejam en-
caminhados por nossos agentes.*

Preço do número: 5\$000

PEDIDOS PARA A

REVISTA DA SEMANA

Rua Maranguape, 15 - Rio